



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO - POET

GEÓRGIA GARDÊNIA BRITO CAVALCANTE CARVALHO

**UMA TRADUÇÃO COMENTADA DA EPISTOLOGRAFIA DE VIRGINIA WOOLF E
LYTTON STRACHEY**

FORTALEZA

2017

GEÓRGIA GARDÊNIA BRITO CAVALCANTE CARVALHO

UMA TRADUÇÃO COMENTADA DA EPISTOLOGRAFIA DE VIRGINIA WOOLF E
LYTTON STRACHEY

Dissertação apresentada à Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Orientador: Prof. Dr. Walter Carlos Costa

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C323t Carvalho, Geórgia Gardênicia Brito Cavalcante.
UMA TRADUÇÃO COMENTADA DA EPISTOLOGRAFIA DE VIRGINIA WOOLF E LYTTON STRACHEY / Geórgia Gardênicia Brito Cavalcante Carvalho. – 2017.
130 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2017.
Orientação: Prof. Dr. Walter Carlos Costa.
1. Epistolografia. 2. Estudos da Tradução. 3. Virginia Woolf. 4. Lytton Strachey. 5. Escritas de si. I.
Título.

CDD 418.02

GEÓRGIA GARDÊNIA BRITO CAVALCANTE CARVALHO

UMA TRADUÇÃO COMENTADA DA EPISTOLOGRAFIA DE VIRGINIA WOOLF E
LYTTON STRACHEY

Dissertação apresentada à Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Orientador: Prof. Dr. Walter Carlos Costa

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Walter Carlos Costa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Luana Ferreira Freitas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Prof. Dr. Robert de Brose Pires
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Para minha mãe, pela lição de vida que é para mim.

Para o meu pai (*in memoriam*) que me ensinou a importância de amar desmedidamente e
que partiu no meio do caminho.

Para Carlos, meu porto e farol que ilumina minha existência.

Para Clarice, uma jovem estrela.

Para todos os Britos, Cavalcantes e Carvalhos que juntos são a trama de uma
grande família.

A vocês, o meu amor e o meu reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido companheiro Carlos que esteve comigo durante todos os momentos, por sua inesgotável paciência, presença constante nos dias de trabalho e que me fez acreditar que no fim tudo daria certo.

À minha família que me motivou, tolerou minhas ausências e falhas durante meses para que eu pudesse escrever esse trabalho e, acima de tudo, pela resistência, pelo amor e o apoio, a base na qual me sustento.

Aos amigxs Clarisse Tavares, Cleilce Regina, Glaisa Rocha, Grazielle Albuquerque, Jéssica Souza e Kelvis Santiago que me deram a mão nesta e em outras tantas caminhadas.

Aos queridxs, Katharine Soares e William Netto que me ajudaram com inúmeras releituras e revisões deste trabalho, dedicando-me tempo, apoio e cumplicidade.

À Bárbara Furtado pelas contribuições .

Aos amigxs Aline Freitas e Thyago Ribeiro que amo desde tempos ancestrais.

Ao Prof. Dr. Walter Carlos Costa, pela orientação, paciência e por toda a liberdade que me deu para eu fizesse minhas escolhas ao longo do processo.

Aos professorxs participantes da banca de qualificação Luana Ferreira Freitas e Robert de Brose Pires pelo tempo e valiosas colaborações.

À professora Odalice de Castro e Silva que enxergou em mim um potencial que eu mesma desconhecia e a quem devo muito do meu aprendizado.

À profa. Sarah Diva Ipiranga e xs colegas membros do Grupo de Estudos Autobiografia, Memória e Identidade – AMI, pelas discussões sempre muito produtivas e esclarecedoras.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP, pelo apoio financeiro.

A todxs xs colegas, funcionárixs e professorxs da POET / UFC.

A todxs aquelxs que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

“It is perhaps as difficult to write a good life as to live one.” – Lytton Strachey

“I will not be ‘famous,’ ‘great.’ I will go on adventuring, changing, opening my mind and my eyes, refusing to be stamped and stereotyped. The thing is to free one’s self: to let it find its dimensions, not be impeded.”- Virginia Woolf.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo principal a tradução comentada para o português brasileiro de uma seleção de cartas em língua inglesa, trocadas entre Virginia Woolf e Lytton Strachey entre os anos de 1906 e 1912, antes da consolidação de Woolf enquanto escritora referencial para a literatura produzida no século XX. As dificuldades geradas pela distância diacrônica de quase cem anos, pela diferença entre as estruturas da língua-meta e língua-alvo, assim como as idiosincrasias culturais britânicas e brasileiras serviram de *leitmotiv* para fundamentar essa pesquisa. A tradução comentada que desenvolvi nesse trabalho levou em conta os aspectos culturais e linguísticos do texto-fonte, com ênfase nas impressões de leitura dos escritores acerca de determinadas obras literárias e seus respectivos autores. Aponto como objetivos secundários dessa pesquisa, a possibilidade de contribuição aos estudos epistolográficos na área dos estudos da tradução, gerando, assim, material traduzido inédito em português brasileiro, além de somar-se à vasta fortuna crítica de Woolf e Strachey. O trabalho propôs uma discussão acerca da prática epistolar e suas particularidades, a partir do processo de tradução das referidas missivas. Os preceitos teóricos norteadores dessa pesquisa encontram base nos estudos de Berman (2002, 2013), Levý (2000), Rónai (1981) e Lefevere (1992), entre outros.

Palavras-chave: Epistolografia. Estudos da Tradução. Escritas de si. Virginia Wolf. Lytton Strachey.

ABSTRACT

This research has as main objective a commented translation to Brazilian Portuguese of a selection of letters in English language, exchanged between Virginia Woolf and Lytton Strachey during the years of 1906 to 1912, before the consolidation of Woolf as referential writer for the literature produced in the 20th century. The difficulties generated by the diachronic distance of almost one hundred years, due to the difference between the structures of source language and target language, as well as the British and Brazilian cultural idiosyncrasies acted as a *leitmotiv* to support this work. The commented translation I developed it took into account the cultural and linguistic aspects of the source text, with emphasis on both writers' reading impressions about a certain number of literary works and their respective authors. I proposed as secondary objectives of this research, the possibility of contributing to epistemological studies in the field of translation studies, thus generating translated material unpublished in Brazilian Portuguese, in addition to contribute to the vast critical fortune of Woolf and Strachey. It is also part of this work a discussion about the epistolary practice and its peculiarities from the process of translation of the missives. The theoretical precepts of this research are based on the studies of Berman (2002, 2013), Levý (2000), Rónai (1981) and Lefevere (1992), among others.

Keywords: Epistolography. Translation Studies. Self-Writing. Virginia Wolf. Lytton Strachey.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Índice das cartas traduzidas.....	55
Quadro 2 - Trecho da carta de 22 de abril de 1908	115
Quadro 3 - Trecho da carta de 27 de setembro de 1908	115
Quadro 4 - Trecho da carta de 30 de agosto de 1908	117
Quadro 5 - Trecho da carta de 17 de novembro de 1908.....	117
Quadro 6 - Trecho da carta de 03 de janeiro de 1909.....	118
Quadro 7 - Trecho da carta de 03 de janeiro de 1909.....	119
Quadro 8 - Saudações das cartas de 22/11/1906, 22/04/1908 e 06/11/1911 respectivamente	121
Quadro 9 - Trecho da carta de 4 de janeiro de 1909.....	122
Quadro 10 - Trecho da carta de 4 de janeiro de 1909.....	123
Quadro 11 - Trecho da carta de 20 de novembro de 1911	124
Quadro 12 - Trecho da carta de 20 de novembro de 1911	125

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação binária das possibilidades de tradução	110
---	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FHP	Frances Hooper Papers on Virginia Woolf
POET	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
TLVW	The Letters of Virginia Woolf: Vol. 1 (1888-1912)
UFC	Universidade Federal do Ceará
WSL	Virginia Woolf & Lytton Strachey: Letters (1956)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	27
2	ENTRE UMA CARTA E OUTRA, O TEMPO: A CORRESPONDÊNCIA DE VIRGINIA WOOLF E LYTTON STRACHEY COMO REGISTRO DA MODERNIDADE	35
2.1	A prática epistolar	35
2.2	Panorama sócio-histórico e cultural da Inglaterra	42
2.3	Círculo de Bloomsbury	48
2.4	Os missivistas: Virginia Woolf e Lytton Strachey	51
2.5	A correspondência de Woolf e Strachey: o <i>corpus</i>	52
3	DEAR VIRGINIA, DEAR LYTTON: TEXTOS-FONTE E TRADUÇÃO	55
3.1	Índice das cartas.....	55
3.2	As missivas traduzidas.....	58
3.2.1	<i>Carta 1: 22 de novembro de 1906, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	58
3.2.2	<i>Carta 2: 22 de abril de 1908, Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	59
3.2.3	<i>Carta 3: 23 de abril de 1908, de Lytton Strachey para Virginia Stephen</i>	61
3.2.4	<i>Carta 4: 28 de abril de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	65
3.2.5	<i>Carta 5: 18 de maio de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	68
3.2.6	<i>Carta 6: 28 de julho de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	69
3.2.7	<i>Carta 7: 24 de agosto de 1908, de Lytton Strachey para Virginia Stephen</i>	69
3.2.8	<i>Carta 8: 30 de agosto de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	72
3.2.9	<i>Carta 9: 27 de setembro de 1908, de Lytton Strachey para Virginia Stephen</i>	74
3.2.10	<i>Carta 10: 04 de outubro de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	76
3.2.11	<i>Carta 11: 17 de novembro de 1908, de Lytton Strachey para Virginia Stephen</i>	77
3.2.12	<i>Carta 12: 20 de novembro de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	80
3.2.13	<i>Carta 13: 01 de dezembro de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	82
3.2.14	<i>Carta 14: 25 de dezembro de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	82
3.2.15	<i>Carta 15: 03 de janeiro de 1909, de Lytton Strachey para Virginia Stephen</i>	83
3.2.16	<i>Carta 16: 04 de janeiro de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	86
3.2.17	<i>Carta 17: 27 de janeiro de 1909, de Lytton Strachey para Virginia Stephen</i>	88
3.2.18	<i>Carta 18: 28 de janeiro de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	90
3.2.19	<i>Carta 19: 31 de janeiro de 1909, de Lytton Strachey para Virginia Stephen</i>	91
3.2.20	<i>Carta 20: 1º de fevereiro de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	92
3.2.21	<i>Carta 21: 9 de fevereiro de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	94
3.2.22	<i>Carta 22: 16 de fevereiro de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	94
3.2.23	<i>Carta 23: 17 de fevereiro de 1909, de Lytton Strachey para Virginia Stephen</i>	95
3.2.24	<i>Carta 24: 4 de junho de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	96
3.2.25	<i>Carta 25: 25 de junho de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	97
3.2.26	<i>Carta 26: 6 de outubro de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	98
3.2.27	<i>Carta 27: 13 de outubro de 1909, de Lytton Strachey para Virginia Stephen</i>	99
3.2.28	<i>Carta 28: 26 de novembro de 1909, de Lytton Strachey para Virginia Stephen</i>	100
3.2.29	<i>Carta 29: 6 de novembro de 1911, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	101
3.2.30	<i>Carta 30: 20 de novembro de 1911, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	102
3.2.31	<i>Carta 31: 16 de fevereiro de 1912, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	103
3.2.32	<i>Carta 32: 21 de maio de 1912, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	103
3.2.33	<i>Carta 33: 06 de junho de 1912, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	106
3.2.34	<i>Carta 34: 16 de agosto de 1912, de Virginia Stephen para Lytton Strachey</i>	107

4	TRADUÇÃO COMENTADA.....	108
4.1	Alguns aspectos teóricos.....	108
4.2	Análises e comentários.....	112
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
	REFERÊNCIAS	130
	ANEXOS	136
	ANEXO A – LIVRO VIRGINIA WOOLF & LYTTON STRACHEY: LETTERS....	137
	ANEXO B – VIRGINIA WOOLF E LYTTON STRACHEY.....	138
	ANEXO C – CASAS NO BAIRRO BLOOMSBURY	139
	ANEXO D – 29 FITZROY SQUARE	140
	ANEXO E – 51 GORDON SQUARE	141
	ANEXO F – CARTA ENVIADA POR VIRGINIA WOOLF A STRACHEY	
	ANUNCIANDO O NOIVADO COM LEONARD WOOLF	142
	ANEXO G – HOGARTH HOUSE	143
	ANEXO H – PRIMEIRO POSTAL ENVIADO POR VIRGINIA WOOLF A	
	STRACHEY APÓS O CASAMENTO COM LEONARDO WOOLF.....	144

1 INTRODUÇÃO

“El original no es fiel a la traducción.”
(Jorge Luis Borges)

Os estudos e teorias da tradução são dinâmicos e estão em contínua mudança, uma vez que muitos são os pontos de partida. Assim, um tradutor pode explorar o texto-fonte a partir de diferentes perspectivas, sejam elas de caráter cultural, histórico ou comercial. Dessa forma, não se pode afirmar que exista uma teoria única, aplicável a todo e qualquer tipo de texto-fonte, uma vez que não existem verdades absolutas aplicáveis a todas as formas de traduções.

Logo, a escolha de um objeto de pesquisa costuma se apresentar como resultado das observações e visões de mundo que o ser humano, enquanto cidadão e pesquisador inserido em um determinado meio social compreende como possível de ser analisado mais detidamente, levando em consideração que o referido objeto ainda não tenha sido devidamente explorado. Assim, uma análise mais acurada do seu todo ou até mesmo de suas partes pode se mostrar necessária e contributiva para os mais diversos campos do conhecimento.

Desse modo, ao tomar a correspondência de Virginia Woolf (1882-1941) e Lytton Strachey (1880-1932) como *corpus* da presente pesquisa mative a consciência de que a referida correspondência, trocada pelos dois autores entre os anos de 1906 e 1931, mostra-se a cada leitura como um extenso e rico repositório da cultura universal do final do século XIX e início do século XX, especificamente naquilo que se refere à literatura e às artes plásticas. Dessa maneira, a tradução dessas cartas não pode de forma alguma desconsiderar a amplitude de pensamentos, paradoxos e posições socioculturais observadas no contexto geral dessas correspondências, no que concerne aos sujeitos envolvidos.

Por muito tempo, estudos pautados pelas escritas de si, como autobiografias, diários e cartas, por exemplo, foram tratados com certo desdém por determinados setores das universidades brasileiras. Certamente, isso reflete um pensamento acadêmico limitado que insiste em ver somente o óbvio, mudando apenas a reboque de estudos que se dão primieramente na Europa e nos Estados Unidos. Infelizmente, ainda é possível deparar-se com posicionamentos acadêmicos colonialistas, que insistem em referir-se aos estudos de caráter autobiográficos como “estudos menores”, desconsiderando toda uma gama de pesquisas que se tem desenvolvido nesse campo, as quais não se limitam ao âmbito das escritas de si, mas que vão além, enquanto atravessamentos de variados outros campos epistemológicos.

No Brasil, o incipiente destaque aos estudos epistolográficos não parece fruto de um desinteresse sobre o gênero epistolar, já que o mercado editorial tem frequentemente publicado coletâneas de cartas particulares de escritores, pintores, políticos e acadêmicos.

Vendo por esse ângulo, desenvolver uma pesquisa que toma como *corpus* uma seleção de cartas trocadas por Woolf e Strachey foi algo bastante desafiador, uma vez que me permitiu, enquanto pesquisadora, adentrar não apenas aos meandros da relação de amizade de ambos, mas me aprofundar nas relações de amizade e sofisticação intelectual dos membros do grupo Bloomsbury. Para tanto, muitas foram as epistemologias constituintes da cultura humana que surgiram, necessitando serem observadas no decorrer do estudo epistolográfico desenvolvido. Embora os objetos da pesquisa epistolográfica sejam literalmente datados, ressalto que nada há que impeça estudos aprofundados a partir dos mesmos, pois, mesmo datados, constituem-se como objetos atemporais, tendo em vista o conteúdo que encerram, contendo em seu cerne o registro de uma época, de um povo, bem como a totalidade e as contradições naturais das sociedades que se inscrevem na trajetória da história da humanidade.

O final do século XIX e início do século XX foram palco de inúmeras transformações político-socioculturais, que se iniciaram basicamente na Europa ocidental, irradiando-se para todo o mundo. Refiro-me aqui, especificamente, às mudanças culturais que se deram em decorrência das duas Grandes Guerras que assolaram o planeta, resultando em uma nova concepção do fazer artístico universal, a qual ficou conhecida como Modernismo, no seio do qual estava muito bem instalado o grupo Bloomsbury, notadamente Virginia Woolf e Lytton Strachey, atentos aos acontecimentos socioculturais em ascensão, que mudariam a compreensão do ser humano moderno em suas relações com a cultura e com a arte em geral.

Dessa forma, desenvolver uma pesquisa acerca da tradução das missivas de Woolf e Strachey para o português brasileiro implica em adentrar aos aspectos teóricos do ato tradutório, uma vez que as atuais pesquisas desenvolvidas pelos Estudos da Tradução visam ampliar a compreensão acerca do ofício do tradutor, questionando rumos, decisões e técnicas utilizadas. Nesse caso, um estudo nesses moldes contempla questões relativas à cultura dos missivistas, assim como os usos da linguagem em seus diversos contextos sociais, bem como outros saberes comuns à História, Filosofia e Teoria Literária. Dessa maneira, o texto-fonte exige do tradutor um posicionamento crítico que o instigue, sob diversos aspectos, de forma a conhecê-lo, para, só então, traduzi-lo.

À vista disso, compreendo que o resultado de uma tradução consista em uma (re)leitura, tecida através do conhecimento lexical, das idiossincrasias e mundivivência do tradutor, tal qual postulado por Jakobson (1991) quando afirma que as línguas diferem muito

entre si, desde suas regras gramaticais ao conjunto léxico, entretanto, toda a diferença que as cercam está essencialmente no que cada língua individualmente deve expressar e nunca no que elas podem efetivamente expressar (p. 69). Para o referido teórico, a tradução interlingual, que se dá entre línguas distintas, acarreta na necessidade do tradutor em escolher lexias que adequem-se melhor ao contexto tradutório. Desse modo, uma mesma lexia em inglês, por exemplo, poderia ser traduzida por um conjunto de lexias em português, sendo que a escolha entre as lexias sempre irá variar de acordo com a situação.

Conforme Ricouer (2012), esse paradoxo tradutório estaria na base da ideia da tradução, pois desde sua origem ela acarreta “um efeito (...) em certo sentido intraduzível de uma mensagem verbal de uma língua para a outra”. Ao considerar o que é proposto pelo autor, deduzo que a tradução seria um feito, a princípio custoso, uma vez que o mesmo afirma haver “um [sentido] intraduzível de partida, que é a pluralidade das línguas” (p.59). São as técnicas e recursos utilizados pelo tradutor que viabilizam um texto de chegada, quando ele em seu exercício perpassa o “espírito de uma cultura” e em um movimento afunilador, desce “do texto à frase e à palavra” (p. 61) em busca do que será a sua tradução. Observe-se aqui, que as considerações aqui apresentadas por Ricouer são tão antigas quanto o próprio ato de traduzir.

Assim sendo, ao optar por uma tradução comentada das cartas desses dois autores, não poderia deixar de levar em consideração a heterogeneidade cultural que se instalara na passagem de um século para o outro, uma vez que todos os movimentos culturais, com seus detalhes, hábitos e idiosincrasias acabaram, de uma forma ou de outra, tornando-se objeto de análise, mesmo que superficial, pelas penas de Woolf e Strachey. É importante ressaltar que nessa pesquisa, utilizo a expressão “tradução comentada” da forma como os teóricos Williams e Chesterman postulam no livro *The Map* (2002), um gênero textual compreendido como uma forma introspectiva e retrospectiva de pesquisa na qual o tradutor produz o texto de chegada e também tece comentários acerca do seu próprio processo de tradução, tais comentários podem incluir soluções tradutórias, análise do texto de partida e do contexto no qual o texto-fonte está inserido (p. 7). Os dois autores afirmam ainda que tradução comentada e tradução anotada são sinônimos e é a partir dessa premissa que a presente pesquisa tomou corpo, pois alguns dos aspectos sobre os quais discorro aqui, só fazem sentido se observados na sua abrangência, em conexão com o todo. Percebê-lo parcialmente ou de maneira desconectada do seu todo implicará em uma visão meramente isolada, e até mutilada, do modelo de tradução que emprego.

A tradução comentada das cartas de Woolf e Strachey, que aqui apresento, constitui-se como uma pesquisa situada no âmbito dos estudos da tradução, inserindo-se e

dialogando com outras pesquisas que se dão no contexto daquelas que tem sido desenvolvidas e apresentadas no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – POET, da Universidade Federal do Ceará.

Ressalto que a amplitude cultural proporcionada pela leitura e consequente tradução das cartas de Woolf e Strachey reforçou minha convicção de que as mudanças das ações dos seres humanos dão-se conforme as mudanças que são efetuadas no meio em que vive. Logo, compreendo que nenhuma forma de mudança se dá apartada de um contexto. Toda e qualquer ação, seja linguística ou literária é parte de um todo mais amplo, diverso e extenso. Tendo isso em mente, optei por imprimir à minha tradução uma cor mais pautada pelo aspecto cultural, permitido pela abertura proporcionada pelo próprio *corpus*, o qual me possibilitou apreender não apenas o caráter formal daquelas cartas, mas ir adiante, considerando os aspectos extralinguísticos que vão muito além daquilo que está escrito, quando muito, mencionado.

Para Woolf e Strachey, nunca houve a obrigação da manutenção da sua correspondência. No entanto, assumiram para si, tal como ocorrera com outros “bloomsburies”, a religiosidade daquela prática. Dessa forma, deram-se ao direito de falar sobre os mais variados aspectos da vida cultural britânica, bem como imaginar o que viria na sequência. E eis uma das principais características do ato epistolográfico: a liberdade de expor pensamentos e opiniões sem a preocupação da censura, seja do leitor, da editora ou do Estado. Nesse quesito, o ato de censurar as cartas dos dois missivistas ficou por conta daqueles que decidiram-se por publicá-las após a morte dos dois autores. No caso, Leonard Woolf, viúvo de Virginia Woolf e James Strachey, irmão de Lytton Strachey. Falo de censura parcial, uma vez que os referidos editores optaram por omitir parágrafos inteiros e nomes próprios, quando um dos missivistas a eles se referia com palavras, expressões ou comentários desabonadores, preconceituosos ou indiscretos. Isso, contudo, não impediu que a tradução se desse na sua forma mais completa, haja vista que, para tanto, recorri a outras fontes nas quais as cartas foram publicadas na sua integralidade.

No que diz respeito a trabalhos acerca de estudos epistolográficos apresentados nos programas de pós-graduação em âmbito nacional nos últimos sete anos, identifiquei cinco dissertações e duas teses que detiveram-se especificamente sobre a tradução comentada de cartas. Refiro-me, especificamente, aos trabalhos de Soares (2010) e Bohrer (2015), apresentados na Pós-graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina; Bedran (2012), apresentado ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo; Monteiro (2014), apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução,

da Universidade de Brasília; Ferreira (2017), apresentado ao Programa de Pós-Graduação: Língua, Literatura e Cultura Italianas, da Universidade de São Paulo e as teses de Abes (2011) e Andrade (2015), ambos apresentados ao na Pós-graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. Ao buscar trabalhos acerca dos estudos epistolográficos apresentados nos programas de pós-graduação da Universidade Federal do Ceará, localizei seis dissertações e duas teses que utilizam direta ou indiretamente textos epistolográficos como *corpus* de suas pesquisas nos variados programas da referida universidade, sendo elas as dissertações de Gomes (2002), Bezerra (2004), Sousa (2010), Araújo (2014), Silva (2016), Aquino (2016) e as teses de Lopes (2013) e Ribeiro (2015).

No que diz respeito à abordagem direta ou indireta, do processo de tradução interlingual de textos literários, localizei três dissertações, sendo elas de Pereira (2016), Almeida (2017) e Duarte (2017), as quais foram produzidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – POET, da UFC. No que concerne à pesquisas dedicadas à tradução comentada de cartas, não foram localizados trabalhos no banco de teses e dissertações da Universidade Federal do Ceará.

Muitos são os trabalhos sobre tradução, apresentados nas universidades brasileiras. Observei, contudo, que ainda há uma lacuna acerca de traduções comentadas de cartas, autobiografias, diários e biografias. Lacuna esta que, embora timidamente, já começa a ser preenchida. Eis aí uma resposta para a pergunta que se costuma fazer àqueles que se decidem às pesquisas no campo da epistolografia: “qual a relevância dessa pesquisa?”. Embora esse tipo de pergunta possa ser aplicado a qualquer tipo de pesquisa, parece-me que ele é mais recorrente às pesquisas realizadas no campo das Ciências Humanas, o que denota uma limitação e um engessamento epistemológico daqueles que insistem nesse tipo de questionamento. O pesquisador, no entanto, não pode se furtar a dar respostas. Assim, para essa pergunta, respondo primeiramente que o passado, como afirma Faulkner (1951), nem passado o é, ou seja, uma pesquisa que se pautar pela correspondência trocada por dois grandes autores do início do século XX contribui de maneira exponencial para a compreensão da arte, especificamente da literatura, produzida no contexto da contemporaneidade.

Em outras palavras, um estudo acerca da correspondência de Virginia Woolf e Lytton Strachey impele tanto pesquisador quanto leitor a erigir os questionamentos que palmilham os caminhos da cidadania, cultura, identidade, educação e liberdade. Dessa forma, minha pesquisa se justifica, entre inúmeras outras razões, pela tradução comentada de uma seleção de cartas, até então não traduzida para o português brasileiro, de dois autores referenciais para a cultura universal. Trata-se do livro *Virginia Woolf & Lytton Strachey*:

Letters, de 1956. O referido trabalho foi editado postumamente pelo irmão de Strachey, James Beaumont Strachey e pelo esposo de Woolf, Leonard Woolf; tendo sido publicado, em Londres, pelas editoras *The Hogarth Press* e *Chatto and Windus*. Assim sendo, o resgate dessas cartas nesses moldes se apresenta como possibilitador de novos estudos, abordagens e apreensões acerca da vida cultural britânica, bem como da vida dos membros do grupo Bloomsbury em termos gerais, assim como da vida e visão de mundo de Woolf e Strachey, em específico.

Dessa maneira, minha pesquisa se constituiu pautada pela tradução comentada das referidas cartas, no que diz respeito tanto à sua forma (no caso, a forma epistolar) quanto ao seu conteúdo diverso. O desenvolvimento dessa tradução me permitiu uma compreensão satisfatória do período histórico no qual os dois autores estavam inseridos, bem como a percepção que tinham do seu entorno sociocultural.

Tenho afirmado até aqui que as cartas trocadas por Virginia Woolf e Lytton Strachey constituem-se com documentos imensamente ricos, quando considerado seu valor histórico, cultural, literário e linguístico. E mesmo já tendo feito essa afirmação, a refaço utilizando-me da técnica da repetição, como forma de intensificar o que aqui tenho defendido, ou seja, a relevância de uma tradução comentada dessas epístolas. Assim sendo, dando continuidade, ressalto que o objetivo geral dessa pesquisa foi proceder a uma tradução comentada das cartas trocadas por Virginia Woolf e Lytton Strachey durante os anos de 1906 a 1912, articulando nesse processo elementos de língua, tradução e cultura.

A pesquisa que agora apresento objetiva contribuir para futuros trabalhos que tomem a epistolografia como objeto de investigação acadêmica, partindo de análises que contemplem as mais variadas concepções de investigação literária, defendendo o ponto de vista de que nenhuma forma de conhecimento deva ser entendida como um fim em si mesmo, mas devendo ser explorada em consonância com outros campos do saber humano. Destarte, para deixar claro a maneira como estruturei o trabalho, passo a proceder às considerações que dizem respeito à organização retórica da presente dissertação.

O trabalho está organizado em cinco capítulos, sendo o primeiro a Introdução. Nesse capítulo, apresento o objetivo geral ao qual me propus alcançar durante a pesquisa, contextualizando o objeto estudado e situando-o brevemente no tempo e no espaço, enquanto registro de um período histórico-cultural de indispensável importância para a compreensão do século XX. No segundo capítulo, o qual denominei de “Entre uma carta e outra, o tempo: a epistolografia de Virginia Woolf e Lytton Strachey como registro da modernidade”, traço um breve histórico sobre a prática epistolar que vai desde a definição mais recorrente daquilo que

deva ser compreendido por epístola, bem como seus usos e suas formas ao longo dos tempos, apresentando considerações teóricas de autores como Soto (2007), Rocha (1985), Rebelo (2002), Gomes (2004) e Lejeune (2014) entre outros. Ainda nesse capítulo, trago à baila a discussão acerca da prática epistolográfica ser ou não ser de caráter literário e apresento a resistência de alguns autores que viam a possível publicação de suas cartas como uma forma de invasão de suas privacidades, notadamente Mário de Andrade e Monteiro Lobato.

O percurso da prática epistolográfica está inserido em um contexto mais amplo. Desse modo, optei por traçar também um roteiro cronológico dos acontecimentos histórico-culturais mais importantes da primeira metade do século XX, tendo em vista que muitos deles não escaparam aos atentos olhos dos nossos missivistas, fossem as teorias psicanalíticas de Freud, por exemplo. Como forma de situar culturalmente os dois missivistas, dediquei parte do capítulo dois ao Círculo de Bloomsbury, espaço que abrigou, além de Woolf e Strachey, outros nomes relevantes para a história do século XX, como John Maynard Keynes, por exemplo. Concluindo esse capítulo, apresento os missivistas Virginia Woolf e Lytton Strachey, traçando um sintético perfil cultural de cada um deles. Na sequência, discorro sobre a correspondência que mantiveram, destacando alguns aspectos importantes acerca do *corpus*.

O terceiro capítulo, por sua vez, é todo ele dedicado à tradução das trinta e quatro (34) cartas que selecionei como *corpus* da pesquisa. O referido capítulo recebe o título de “*Dear Virginia, Dear Lytton: textos-fonte e tradução*”. Organizei didaticamente o *corpus*, a partir da elaboração de um quadro denominado de “Índice das cartas”, sistematizado em cinco colunas, a saber: a primeira recebe o nome de “numeração” e diz respeito à identificação de cada carta no corpo da dissertação. A segunda coluna foi destinada ao registro do remente e do destinatário. A terceira, por seu turno, registra o endereço de origem de cada uma das cartas utilizadas. Na quarta coluna, tem-se as datas das cartas, enquanto na quinta coluna tem-se a localização de cada uma das cartas no livro do qual se origina o *corpus* da pesquisa. A sexta e última coluna registra as páginas da dissertação nas quais se localiza cada uma das cartas traduzidas.

Todas as traduções são acrescidas de notas de rodapé, como forma de enriquecer e esclarecer termos, nomes e expressões presentes nos textos originais. No quarto capítulo, elenco alguns aspectos teóricos e teço comentários acerca das justificativas das escolhas e procedimentos que fiz durante o processo de tradução das referidas cartas. Como embasamento teórico para o que defendo, recorri aos estudos sobre os conceitos de processo tradutório e sobre o ato da tradução (RÓNAI, 1981, 1987), epistolografia (GOMES, 2004; LEJEUNE, 2014; ROCHA, 1985; SOTO, 2007; VASCONCELLOS, 2008) e sobre cultura

(HSIA; BURKE, 2012; WILLIAMS, 1980, 1992, 2007), entre outros.

Nas considerações finais, parte da dissertação que se constitui como o quinto capítulo, retomo resumidamente algumas considerações acerca do desenvolvimento da pesquisa, naquilo que concerne à sua validade no âmbito dos estudos da tradução, bem como acerca dos passos dos quais me utilizei para alcançar o objetivo pretendido. Finalizo esse capítulo, apontando o lugar que esse trabalho assume no contexto das pesquisas desenvolvidas no POET – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Na sequência, aponto algumas lacunas e limitações da própria pesquisa, bem como elenco outras possibilidades de pesquisas que tomem a epistolografia como objeto de investigação.

Como anexos, apresento: (1) a capa e a folha de rosto do livro, do qual se originou o *corpus* da presente pesquisa, (2) imagem de Virginia Woolf e Lytton Strachey, (3) imagens de algumas das casas nas quais moraram os membros do Círculo de Bloomsbury, (4) imagem da casa na qual morou Virginia Woolf durante os sete primeiros anos da troca de cartas com Lytton Strachey, (5) imagem da casa dos Woolf e editora Hogarth Press, (6) imagem da carta, anunciando o noivado de Virginia Woolf e (7) imagem do primeiro cartão postal de Virginia Woolf para Lytton Strachey após o casamento. Mesmo que muitas leituras tenham sido feitas para a elaboração dessa dissertação, constam no espaço dedicado as Referências os textos citados, direta ou indiretamente, no corpo do trabalho.

2 ENTRE UMA CARTA E OUTRA, O TEMPO: A CORRESPONDÊNCIA DE VIRGINIA WOOLF E LYTTON STRACHEY COMO REGISTRO DA MODERNIDADE

“The past is never dead. It’s not even past.”
(William Faulkner)

No presente capítulo apresento questões relativas à epistolografia, no que diz respeito a seus usos e possíveis funções, além de fazer a contextualização sócio-histórica e cultural na Inglaterra do século XX, com intuito de situar a pesquisa diacronicamente. *A posteriori*, teço comentários acerca do Círculo de Bloomsbury ao qual pertenciam os missivistas em estudo, ressaltando a relevância do Círculo para as pesquisas no âmbito dos Estudos Literários, que se debruçam sobre a literatura modernista em geral e, especificamente, a literatura britânica. Na sequência, apresento os perfis biográficos de Virginia Woolf e Lytton Strachey. Por fim, apresento as missivas que compõem o *corpus* da presente pesquisa.

2.1 A prática epistolar

Antes de discorrer sobre questões mais específicas acerca da epistolografia, enfatizo que nessa pesquisa a considero como gênero literário estabelecido no cânone, não sendo objetivo desse trabalho discorrer sobre posicionamentos teóricos que se opõem a esse entendimento. A denominação do gênero epistolografia se origina da palavra epístola, do grego "epistolé" que, de acordo com Pereira (1998) no *Dicionário de grego-português e português-grego*, significa (1) ordem, (2) aviso, (3) carta ou (4) epístola, sequência em que aparecem listados. Se hoje é de comum entendimento que as missivas foram atualizadas para o formato eletrônico e, renomeadas como *e-mail*, mensagem de texto e SMS; percorrendo longas distâncias e alcançando seus destinatários em segundos, quase não sendo mais reconhecidas como cartas em si; há muitos séculos, no entanto, as cartas eram a forma de comunicação escrita mais utilizada, em qualquer nível de formalidade e letramento.

De acordo com a pesquisadora Ucy Soto no livro *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira* (2007) a missiva enquanto gênero é facilmente reconhecida, definindo sua natureza textual da seguinte forma:

Há uma natureza convencional — de gênero — que associa à ideia de carta a expressão dos sentimentos e da intimidade, enquanto tema, e a determinada forma: local e data identificados na parte superior do papel, saudação inicial, corpo do

texto, despedida na parte inferior, assinatura e possíveis “PSs”. O texto epistolar parece tão claramente definido que o que seja uma carta se nos apresenta como evidente. (SOTO: 2007, p. 94)

Na sua constituição, a escrita epistolar comporta aspectos diferentes do caráter informativo inicial, uma vez que guarda em seu cerne explicações acerca do redator, provendo revelações biográficas e, no caso de missivas trocadas por escritores, também sendo possível observar a fomentação de ideias, elaborações e colaborações estéticas, discussões de projetos e críticas literárias, assim como críticas de manuscritos que ainda estejam em fase inicial de escrita. Essas reflexões que se dão acerca da epístola não refletem, necessariamente, ações e posicionamentos no mundo “real”. Isso se dá, tendo em vista que a correspondência é acima de tudo um diálogo entre aquele que escreve e àquele a quem a carta se destina, ou seja, o destinatário. Sobre esse processo de comunicação compartilhada Andréa Cabré Rocha o reconhece como um diálogo por escrito, fraterno e

[...] compartilhado por todos os homens, quer sejam ou não escritores, corresponde a uma necessidade profunda do ser humano. *Communicare* não implica apenas uma intenção noticiosa: significa ainda “pôr em comum”, “comungar”. Escreve-se, pois, ou para não estar só, ou para não deixar só. (ROCHA: 1985, p. 13).

Logo, ao atentarmos para a história das práticas comunicativas, observamos a escrita de cartas como uma atividade basilar e recorrente dessas práticas. Por exemplo, por meio das cartas as distâncias diminuíram, as relações sociais foram alimentadas e contatos foram construídos, consolidados e renovados. No Ocidente, observam-se diversos exemplos da prática missivista, que vão desde as cartas de caráter pessoal à chamada literatura epistolar de cunho literário-filosófico, que eram cartas escritas não para amigos ou familiares, mas abertas a determinadas comunidades. Algumas, por exemplo, eram lidas em praças, na ágora, por professores, tutores e políticos. Exemplos dessa literatura são as cartas de Cícero (106-43 a.C), que estão divididas em trinta e sete livros e traçam um minucioso perfil histórico sobre a política, as guerras, a arte, a vida social e a vida literária da extinta República Romana. Nesse caso, cartas eram pautadas pela filosofia, eram extensas e tinham como objetivo principal fomentar o debate e a difusão de ideias.

Se por um lado, determinadas cartas foram escritas com o intuito de levantar questionamentos, outras, por sua vez, foram escritas com a intenção de trazer ao conhecimento público novas descobertas. Nessa esfera, por exemplo, estão inseridas as missivas de Amerigo Vespucci (1454-1512), o navegador italiano que explorou os oceanos a serviço dos reinos de Espanha e Portugal. As cartas sobre as viagens de Vespucci ao Novo

Mundo foram publicadas anonimamente pela primeira vez na provável data de 1503 e chocaram o Velho Mundo com notícias controversas sobre as terras a leste da Europa. As cartas de Vespucci oscilavam entre os fatos e as lendas, uma vez que narravam atos de antropofagia e sexo livre entre nativos, descrevendo uma flora selvagem e uma fauna repleta de monstros e seres gigantescos, mostrando-se especialmente curiosas para as mentes europeias.

Antes de Vespucci, porém, em 1493, Cristoforo Colombo (1452-1506) já havia navegado aqueles mares e, por sua vez, também escreveu cartas ao rei espanhol, descrevendo suas descobertas. Em seus escritos, de forma menos extravagante que Vespucci, Colombo descreveu que os nativos, além de nus, eram gente “mansa e pacífica”. As cartas de Colombo, no entanto, não ficaram tão conhecidas como as de Vespucci, tendo em vista tratarem-se de narrativas mais modernas e menos apelativas.

Esses tipos de missivas se propagaram rapidamente por todo o território europeu e as ideias de canibalismo, antropofagismo, sexo livre de pecados, bem como de animais gigantes andando por paragens paradisíacas, deixaram as cartas e passaram a ser reproduzidas em peças e panfletos. O impacto que esse tipo de narrativa causou pode ser observado, por exemplo, em Montaigne (1533-1592), que escreve, possivelmente em 1578, o ensaio "Dos canibais", no qual discorre acerca do “outro”, o desconhecido (“os bárbaros” do Novo Mundo) e as práticas da vida indígena. Outro escritor, que demonstra ter sofrido influência do conteúdo registrado nas epístolas de Vespucci foi o britânico William Shakespeare (1564-1616) que em sua última peça publicada, *A tempestade* (1611) registra o nome do personagem Caliban - descrito como um homem selvagem e deformado – não sendo “Caliban”, nada mais do que um anagrama da palavra "canibal".

Ao longo da história da humanidade, inúmeras pessoas dedicaram-se à escrita de cartas, entre autores anônimos e conhecidos das mais variadas partes do mundo e de diferentes eras, por diferentes motivações. Cada uma dessas pessoas produziu um registro de seu tempo, previamente dedicado a destinatários específicos, o que permite hoje o acesso a informações, pensamentos e perfis antes inacessíveis ao leitor comum.

Rebelo (2002), em seu artigo “Tipologia da epistolografia ciceroniana” traz algumas reflexões sobre os usos das cartas no decorrer dos séculos e reitera que

[As cartas] serviram, desde tempos imemoriais, para a troca de mensagens relacionadas com os mais diversos domínios da atividade humana, da vida política, social e privada. Todavia, embora a carta diga apenas respeito ao seu emissor e ao receptor, notou-se desde a Antiguidade a tendência para que um ou outro

protagonista desta troca de correspondência – sobretudo o autor – a franqueie a um público mais vasto. (REBELO: 2002, p. 33)

A historiadora Ângela Castro Gomes, por seu turno, no prólogo do livro de ensaios *Escrita de si, escrita da história* (2004), afirma que o estudo detido de missivas e artefatos autobiográficos semelhantes, tais como diários e textos confessionais, é uma forma de (re)conhecer ideias e percursos, assim como ampliar o leque de informações acerca de um “sujeito” ou uma comunidade a partir da observação minuciosa dos princípios reproduzidos nas epístolas. Segundo a autora, cada “sujeito” cria sua *persona*, sendo uma construção social e que pode oscilar conforme o interlocutor, para evitar (ou não) confrontos na presença de outro indivíduo. Essa construção social é uma necessidade e

A correspondência pessoal, assim como outras formas de escrita de si, expande-se pari passu ao processo de privatização da sociedade ocidental, com a afirmação do valor do indivíduo e a construção de novos códigos de relações sociais de intimidade. Tais códigos permitem uma espontaneidade das formas de expressão dos sentimentos como a amizade e amor; uma espécie de “intimização” da sociedade. A escrita de cartas expressa de forma emblemática tais características, com uma particularidade: elas são produzidas tendo, *a priori*, um destinatário. (GOMES: 2004, p. 19).

Gomes (2004) reforça a ideia de que o pacto epistolar é eminentemente uma relação de confiança, não necessariamente de preservação das cartas, mas de manutenção do sigilo das informações ali confiadas. Embora para alguns a troca de cartas, independentemente do suporte utilizado, possa parecer coisa do passado, não o é, apresentando-se, na verdade, como elemento constituinte do ser humano contemporâneo. O escritor Contargo Calligaris (1998) em seu texto “Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos” defende que o processo de construção do sujeito moderno está fortemente ligado à necessidade de “falar de si” em textos íntimos, tais como cartas, diários e demais escritos autobiográficos. Calligaris reforça a necessidade de tornar público esses acervos porque “uma história da subjetividade moderna é impensável sem o auxílio dos atos autobiográficos” (p. 51).

Não obstante os textos epistolares serem possuidores das características de sigilo e privacidade, a publicação de cartas tem-se tornado mundialmente popular nos últimos anos. Alguns epistolografistas já prevendo o possível interesse nesse tipo de publicação, tornaram públicas orientações de que seus acervos fossem liberados dez, quinze ou até mesmo cinquenta anos depois de suas mortes.

Às vezes, esse tipo de decisão precisa ser tomado por terceiros, como no caso do acervo do poeta Manuel Bandeira (1886-1968), cuja guarda foi conferida ao bibliófilo Plínio Doyle (1906-2000), então diretor do arquivo literário da Fundação Casa de Rui Barbosa na década de 1970. Nesse caso, alguns dos documentos recebidos ficaram lacrados por mais de trinta anos. Entre eles, a carta na qual o escritor modernista Mário de Andrade (1893-1945) fala abertamente de sua homossexualidade. Outros documentos, no entanto, continuam “fechados”, só podendo ser acessados mediante autorização expressa dos herdeiros, como os poemas eróticos de Bandeira, por exemplo.

O receio de ter seus pensamentos mais íntimos expostos é recorrente no meio literário. Mário de Andrade é um exemplo disso. O autor de *Macunaíma* (1928), que produziu vastíssima epistolografia, em uma missiva enviada ao escritor Murilo Miranda (1912-1971), demonstra certa aflição sobre a possibilidade de ter suas missivas publicadas e analisadas pelo leitor comum. Disse ele:

Meu Deus! O que mais me horroriza são as minhas cartas, egoísmo agindo. Devia ser proibido a mostra pública de cartas particulares, por lei governamental. Como si um escritor, um artista, pelo fato de ter uma vida pública, não pudesse ter uma vida particular! Francamente, é infame. Rasguei todas as cópias que fiz, perdi o dia, e isso de cartas a mim mandadas, nenhuma será publicada enquanto eu viver. Você não pensa que não imaginei destruir agora todas elas. Imaginei sim, mas não posso, não tenho força moral pra tanto. Sei que estou numa contradição interna medonha. Assim com uma vontade de deixar isso, como vou mesmo deixar, pra uma instituição pública mas com a ressalva de só poder ser aproveitado num sentido que não seja pejorativo (ANDRADE: 1981, p. 158)

O sentimento de invasão à privacidade pesou para Andrade por um lado, mas ao mesmo tempo, o escritor sabia que era parte de um projeto maior, de um contexto mais amplo e que sua correspondência seria (como é) um importante objeto de pesquisa para as gerações vindouras. Enquanto Andrade se questionava ou mesmo temia a possibilidade da publicação de suas cartas, o escritor Monteiro Lobato (1882-1948) já compreendia mais claramente que esse tipo de documento poderia vir a tornar-se material de pesquisa. Assim, encarou a tarefa de organizar as missivas que enviou, por mais de quarenta anos, ao também escritor e amigo Godofredo Rangel (1884-1951), as quais foram publicadas sob o título *A barca de Gleyre* (1944). O próprio Lobato responsabilizou-se pela edição e pelas notas explicativas dos dois volumes de cartas e, muito embora afirme no prefácio do livro que “o gênero “carta” não é literatura, é algo à margem da literatura” (1959, p. 17), o escritor confia ao amigo Rangel em carta de cinco de setembro de 1943:

Fui mexer na minha tremenda papelada epistolar e tonteei. É coisa demais. É um mundo. (...) Desconfio, Rangel, que nossa aturada correspondência vale alguma coisa. É o retrato fragmentário de duas vidas, de duas atitudes diante do mundo – e o panorama de toda uma época. **Literatura**, história e mais coisas. (LOBATO: 1964, p. 352. Grifo meu.)

Percebe-se que há certa contradição entre o Lobato prefaciador e o Lobato missivista. Enquanto o primeiro afirma que o registro do livro *A barca de Gleyre* tem valor, mas este não é literário, enquanto o Lobato missivista não receia em afirmar que ao reler as cartas trocadas, encontrou ali, dentre outras coisas, “Literatura”. A falta de unanimidade sobre o gênero literário carta não é recente e continua dividindo opiniões daqueles que teorizam a esse respeito. A crítica mais comum oscila entre duas tendências: uma que trata as escritas de si a partir de um viés biográfico, defendendo que o contexto no qual a missiva foi escrita colabora para torná-la uma obra literária. Nesse caso, o escritor missivista não teria consciência do seu próprio texto e a produção dessa obra seria acidental; a outra tendência considera o gênero carta como Literatura. Os desenfores desse posicionamento, por exemplo, como Cordelier (1967), por exemplo, afirmam que a epistolografia é uma “produção literária tão consciente e acabada quanto (...) as tragédias de Racine” (p. 12).

No caso da publicação de Lobato, as questões acerca da ética se esvaziam, pois somente as cartas do próprio Lobato foram publicadas. Mas e se as cartas de Rangel tivessem sido incluídas? Quais seriam as possíveis implicações? Acerca destas e outras questões que envolvem a publicação de cartas, o ensaísta Philippe Lejeune, no livro *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet* (2014) afirma no ensaio “A quem pertence uma carta?” que

Por definição uma carta é compartilhada. Ela tem vários aspectos: é um objeto (que se troca), um ato (que põe em cena eu, ele e outros), um texto (que pode ser publicado)... E há sempre várias pessoas envolvidas. [...] A partir do momento em que é postada, [a carta] torna-se fisicamente propriedade do destinatário e quando este morre, de seus herdeiros; mas o exercício de seu direito de propriedade é limitado estritamente pelos dois aspectos seguintes: mesmo postada, a carta continua sendo, intelectual e moralmente, propriedade de seu autor – e, depois de sua morte, de seus herdeiros, que são os únicos que podem autorizar a publicação (...); mas o exercício desse direito poderá ser limitado, *de facto*, se o autor não estiver mais com a carta (salvo no caso de uma cópia ter sido conservada) e, *de jure*, pelo terceiro aspecto: na medida em que uma carta desvela a vida privada, toda pessoa envolvida (o autor, o destinatário ou terceiros) pode se opor à divulgação e à publicação. (LEJEUNE: 2014, p. 292)

Logo, percebe-se que nem sempre publicações dessa natureza são recebidas de forma amena no mercado consumidor. Por um lado, tem-se um grupo de “antagonistas”, possivelmente formado por destinatários, amigos, familiares e pessoas públicas citadas nas missivas que se veem de súbito com sua privacidade exposta e, do outro lado, há leitores e

pesquisadores que anseiam preencher lacunas a partir da leitura das cartas publicadas. Sobre as questões éticas que envolvem a publicação da correspondência privada, a pesquisadora Eliane Vasconcellos afirma

No momento em que é publicada, a carta adquire um novo status: este documento que supostamente diz a verdade, este testemunho da esfera do privado passa a ser olhado por todos e a crítica pode agora opinar sobre as informações que ali aparecem representadas. Algumas vezes seus autores mudam de opinião ou de pontos de vista e cartas escritas em determinada época são até repudiadas mais tarde. Na carta o signatário fala ao seu interlocutor como se estivesse presente e, mais do que isto, por detrás da máscara, diz certas verdades ou expõe certos pensamentos. (VASCONCELLOS: 2008, p. 381).

O ato de tornar público os conteúdos das epístolas, implica ainda em outra prerrogativa: a necessidade da tradução dos textos visando dar acesso aos pesquisadores e ao público leitor que embora partilhem o interesse nas missivas, não domina a língua do texto de partida. É nesse contexto que a tradução se insere, pois, como se fazer conhecer em outras civilizações e culturas sem traduzir o texto para a língua do outro? Tendo em vista que um texto tem seu espectro de alcance ampliado com as suas traduções, nada mais natural que textos epistolares também sejam traduzidos para as mais diversas línguas, pois, como assinalam Peter Burke e Ronnie Po-chia Hsia (2012), em *Cultural Translation in Early Modern Europe*, a tradução constitui uma ferramenta que atua diretamente em todas as grandes trocas culturais (2012, p. i). Logo

[...] seja interpretando os textos budistas do sânscrito e do páli para o chinês durante o início do período medieval; ou a transmissão da filosofia grega para o árabe no início do período medieval, e a subsequente tradução dos mesmos textos do árabe para o latim durante os séculos da alta idade média ou as mais recentes traduções de textos ocidentais para o japonês e o chinês que marcam a modernização dessas duas civilizações do leste da Ásia no final do século XIX e início do século XX. (BURKE; HSIA: 2012, p.i)¹

Contudo, durante o processo de tradução - tanto de cartas, quanto de quaisquer outros gêneros - muitos são os problemas enfrentados pelo tradutor. Burke e Hsia (2012, p. 11) afirmam que "quanto maior a distância entre as línguas e as culturas, mais claramente os problemas de tradução aparecem". Logo, observa-se que a correspondência como instrumento

¹ Todas as traduções a partir de agora são de minha autoria, salvo quando indicado o nome do tradutor nas notas de rodapé. Também, neste espaço, apresento o texto original das citações. No original: "(...) be it the rendering of Buddhist texts from Sanskrit and Pali into Chinese during the early medieval period; or the transmission of Greek philosophy into Arabic in the early medieval, and the subsequent translation of the same texts from Arabic into Latin during the high medieval centuries; or the more recent translations of Western texts into Japanese and Chinese that marked the modernization of those two East Asian civilizations in the late nineteenth and early twentieth centuries."

de pesquisa, tanto para tradutores, professores, críticos literários etc, não deve ser resumida à simples prática do “voyeurismo”, devendo ser compreendida como uma forma de registro possibilitador da compreensão de um tempo, um grupo social e um contexto histórico-cultural.

Assim sendo, uma vez que essa pesquisa se insere no âmbito dos trabalhos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – POET, da Universidade Federal do Ceará – UFC, com ênfase na tradução de cartas de autores britânicos, questionamentos acerca do como traduzir certas expressões específicas da cultura britânica do início do século XX foram enfrentados.

Muito embora diversos intelectuais, escritores, filósofos, cientistas e toda uma gama de pessoas que navegaram pelos mares da escrita de cartas e que, posteriormente, tiveram suas cartas editadas e publicadas, foram as missivas da escritora Adeline Virginia Stephen, conhecida por Virginia Woolf e do crítico literário, Giles Lytton Strachey, que me serviram de *corpus* para a pesquisa que desenvolvi.

Assim sendo, traço na próxima seção um panorama sócio-histórico e cultural da Inglaterra na passagem do século XIX para o século XX, com o objetivo de contextualizar Woolf e Strachey.

2.2. Panorama sócio-histórico e cultural da Inglaterra

O período histórico que contempla o final do século XIX e o início do século XX foi extremamente rico em mudanças. Uma nova configuração social e artística surgia e com ela um novo espírito afastava o vitorianismo da Inglaterra, introduzindo uma série de novas expressões, experiências e vozes. Esse novo espírito surgia como reação ao sistema de valores e como em curso, bem como um profundo desejo de romper com a tradição estabelecida. A produção cultural até aquele momento não atendia mais aos anseios daquela época, sedenta por mudanças. Sobre essa questão Anthony Burgess (1917-1993), em *A Literatura inglesa* (2006), observa que:

O reinado da rainha Vitória terminou em 1901, mas a era vitoriana já havia terminado há cerca de vinte anos. Aquele espírito peculiar a que chamamos “vitorianismo” – uma mistura de otimismo, dúvida e culpa – começou a desaparecer com homens como Swinburne, o rebelde, Fitzgerald, o pessimista, Butler, o satírico, e outros mais. A literatura produzida de 1880 a 1914 se caracterizou quer pela tentativa de encontrar substitutos para uma religião que parecia estar morta, quer por uma espécie de vazio espiritual - um sentido da inutilidade de se tentar acreditar em alguma coisa. (BURGESS, 2006, p. 244).

Para além do ambiente acadêmico, a literatura tinha se tornado popular na classe média. A literatura, assim, tornara-se uma produtora de histórias de detetives, fantasmas, máquinas e aventuras, a qual, subsequentemente, viria a ser conhecida por literatura de massa.

Os avanços científicos e tecnológicos propiciaram descobertas e novos postulados, tais como a descoberta da origem comum dos continentes (Teoria da Deriva Continental, de Alfred Wegener), novas concepções astrofísicas acerca do tempo e espaço (Teoria da Relatividade, de Einstein) e até mesmo acerca dos modos de produção (Modelo Fordista, de Henry Ford), os quais de uma forma ou outra acabaram por se fazerem presentes na literatura que se produzia.

Os valores da era vitoriana já não se aplicavam mais à sociedade britânica, por exemplo, e a nova era eduardiana lutava contra as mudanças no pensamento social. No mundo, o interesse pelo socialismo, pela discussão acerca das condições de trabalho e o sufrágio feminino resultavam dos constantes conflitos de ideias entre o novo e o velho por todo o século XX. Os termos “moderno”, “modernidade” e “modernismo” se espalharam de forma quase simultânea pela Europa Ocidental.

A necessidade de experimentar e transgredir a ordem em busca de novas sensações e formatos, objetivava mudanças e descobertas por uma geração que pretendia expressar em sua arte a rapidez dessas mudanças. Nesse contexto, o cinematógrafo (1895) dos irmãos Lumière permitiu uma nova categoria artística: as narrativas visuais em movimento, ou seja, o cinema, que logo se estabeleceu como expressão artística que alteraria a concepção de comunicação entre artista e público. Já em 1896, o dramaturgo Alfred Jarry (1873-1907) tem o texto *Ubu Rei* encenado pela primeira vez no parisiense Théâtre de l’Oeuvre, o principal reduto simbolista, e surpreende a todos com uma peça de humor incongruente, caricatural e grotesco.

Sigmund Freud (1856-1939) chama atenção para si em 1899 com a publicação de *A interpretação dos sonhos*, desconstruindo a ideia de que os sonhos eram manifestações divinas, afirmando que eram, na verdade, expressões extremamente humanas e eram a “via real para o conhecimento das atividades da vida anímica” (FREUD, p. 179). Em 1905, por exemplo, o Círculo de Veneza apresentou ao mundo os estudos sobre histeria, de Freud, que coligiram para a construção de um novo ramo: os estudos acerca do universo do inconsciente humano, ou seja, a psicanálise.

Em 1906, Santos Dumont (1873-1932) faz com sucesso o primeiro voo do 14 BIS, mostrando que as distâncias entre as pessoas em breve seriam encurtadas. Dumont

demonstrou com aquele voo mecânico que a ideia de um obstáculo intransponível estaria condenada ao desuso. Henri Coanda (1886-1972), por sua vez, surpreende o mundo com a invenção do primeiro avião com motor a jato, em 1910, o COANDA-1910. A humanidade começava a vencer suas próprias barreiras e limites. No campo das artes, os anos que antecederam o primeiro Grande Conflito Mundial presenciaram uma agitação cultural sem igual em todo o território europeu.

Em 1914 eclodiu a I Grande Guerra como um resultado de disputas em várias partes do mundo, mas lideradas e divididas pelos blocos opositores: a Tríplice Aliança, formada pela Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália; e a Tríplice Entente, englobando Rússia, Reino Unido e França. Diversos foram os conflitos internos e em regiões circunvizinhas que ampliaram as hostilidades entre os dois blocos econômicos. A disputa por uma maior participação no cenário internacional que expressasse o poder de determinado bloco sobre o outro, o domínio dos mercados e regiões de alta produção de matéria-prima a baixos custos bem como a indexação de áreas produtoras desequilibrou a conhecida “paz armada”.

Sobre o referido período, Eric Hobsbawn pontua que

(...) assinalou o colapso da civilização (ocidental) do século XIX. Tratava-se de uma civilização capitalista na economia; liberal na estrutura legal e constitucional; burguesa na imagem de sua classe hegemônica característica; exultante com o avanço da ciência, do conhecimento e da educação e também com o progresso material e moral; e profundamente convencida da centralidade da Europa, berço das revoluções da ciência, das artes, da política e da indústria e cuja economia prevalecera na maior parte do mundo, que seus soldados haviam conquistado e subjugado; uma Europa cujas populações (incluindo-se o vasto e crescente fluxo de emigrantes europeus e seus descendentes) haviam crescido até somar um terço da raça humana; e cujos maiores Estados constituíam o sistema da política mundial. (HOBSBAWN: 1995, p. 16)

Até o advento da Primeira Grande Guerra, a produção artística considerada modernista tinha uma propensão para o telúrico com destaque para o Imagismo, fundado por Ezra Pound (1885-1972), que fazia uso de ritmos sonoros diversos, linguagem coloquial, versos brancos, brevidade e o uso de imagens, o que foi bastante inovador se comparado às produções poéticas do período. No entanto, com a deflagração da guerra, todos os eventos a ela relacionados abalaram a visão de mundo de diversos artistas, interrompendo produções tidas como de vanguarda. Assim, tornaram-se comuns à arte os sentimentos de tristeza, morte, melancolia e abandono, bem como situações de terror e desalento. Poetas como Siegfried Sassoon (1886-1967), Robert Graves (1895-1985), Georg Trakl (1887-1914) e Wilfred Owen (1893-1918) escreveram sobre o valor duvidoso da guerra, a desilusão e o sacrifício de tantas

vidas. Trakl, por exemplo, captura bem a angústia diante da morte inevitável durante a guerra no poema “Lamento” (“Klage”), de 1914:

(...) Sono e morte, as tenebrosas águias
 Rodeiam noite adentro essa cabeça:
 A imagem dourada do Homem
 Engolida pela onda fria
 Da eternidade. O corpo purpúreo arrebenta
 Em medonhos recifes.
 despedaça-se o corpo purpúreo
 E a voz escura lamenta
 Sobre o mar.
 Irmã de tempestuosa melancolia
 Vê, um barco aflito afunda
 Sob estrelas,
 Sob o rosto calado na noite. (TRAKL: 2010, p.77)²

Foi após a I Grande Guerra que o modernismo, enquanto movimento cultural, lançou suas bases para fora da Europa. Assim sendo, nas artes, especialmente na literatura, o período pós-guerra foi marcado pela fragmentação do discurso nos textos literários, a ruptura com os discursos românticos, o início da fragmentação do “eu” e as descrições recorrentes de nações devastadas.

Em seu ensaio *Modern Fiction* (1925), dedicado à ficção russa, Woolf afirma que na literatura a noção de progresso não é válida e questiona o excessivo apego à forma, às convenções e à história, ressaltando que há de se repetir o exemplo dos jovens que escrevem com “maior aproximação à vida” e acrescenta que “para os modernos, o ponto de interesse (...) reside muito provavelmente, nos sombrios lugares da psicologia”. Ainda segundo Woolf, os modernistas partiam da hipótese de que “se nós o chamamos de vida ou espírito, a verdade ou a realidade, este, o essencial, afastou-se, ou, e se recusa a ser contido por mais tempo em tais vestes mal ajustadas como nós fornecemos”³.

Como se vê, a modernidade para Virginia Woolf consistia na habilidade de se criar eventos ou situações nebulosas que encurralariam os personagens em momentos limítrofes, em histórias tecidas com base na gradação das tensões, não necessariamente externadas, mas vividas plenamente por suas personagens. Era o momento para os dramas interiores serem valorizados, pois ao invés do cotidiano comum e repetitivo, o momento exigia que fossem

² Tradução de Cláudia Cavalcanti. No original: “Schlaf und Tod, die düstern Adler / Umrauschen nachklang dieses Haupt: / Des Menschen goldnes Bildnis / Verschlänge die eisige Woge / Der Ewigkeit. An schaurigen Riffen / Zerschellt der purpurne Leib / Und es klagt die dunkle Stimme / Über dem Meer. / Schwester stürmischer Schwermut / Sieh ein ängstlicher Kahn versinkt / Unter Sternen, / Dem schweigenden Antlitz der Nacht.”

³ No original: “Whether we call it life or spirit, truth or reality, this, the essential thing, has moved off, or on, and refuses to be contained any longer in such ill-fitting vestments as we provide.”

repensadas as percepções da vida e da realidade por ambas as partes: artistas e público.

Outro exemplo do sentimento de desolação acerca dos danos causados pela guerra é o poema *A Terra Devastada* (*The Waste Land*, 1922), de T.S. Eliot (1888-1965). No referido poema, Eliot compõe um quadro dos conflitos do mundo moderno, expondo a esterilidade da vida e da destruição do continente europeu após a guerra. A publicação de *A Terra Devastada* lançou Eliot ao epicentro do movimento modernista em expansão. Dessa forma, o poeta contribuiu fortemente para a mudança dos paradigmas da crítica, principalmente durante o período em que foi editor da revista literária *The Criterion*, defendendo um novo padrão de análise e crítica literárias. Assim, o autor, por meio de sua poesia e de seus ensaios críticos, desacreditava dos padrões e textos românticos e neoclássicos, defendendo a importância da 'tradição' na literatura enquanto regra e também como um modelo de regra a ser quebrado.

Sobre o poema de T.S. Eliot, Gualter Cunha (1999) afirma

The Waste Land foi com frequência considerado como um retrato da destruição física e mental da Europa saída da Grande Guerra, como expressão poética das desilusões de uma geração que a partir de 1914 tinha assistido ao desmoronamento e à ruína de uma civilização que antes disso se julgava à beira de um mundo de harmonia, de bem-estar e de progresso. (CUNHA: 1999, p. 8)

Percebe-se que o pós-guerra gerou nas artes a quebra de paradigmas e valores, rompendo com a antiga imagem associada ao Velho Mundo. Até aquele momento, a Europa era um exemplo a ser seguido, mas após os conflitos a hegemonia do continente ficou abalada. Em toda parte as manifestações e protestos tornaram-se comuns, fazendo com que a *belle époque* perdesse espaço para a rebeldia dos grupos que reclamavam por mudanças.

Os anos que sucederam à Primeira Grande Guerra foram de equilíbrio político frágil, forte industrialização, pesquisas e desenvolvimento de novos equipamentos bélicos, com objetivos expansionistas e de proteção territorial. As tensões não se encerraram em 1918, quando foi declarado o fim da guerra. O clima tenso e de constante medo perdurou até a eclosão da Segunda Grande Guerra, em 1939, quando o exército alemão invadiu a Polônia. França e Inglaterra imediatamente declararam guerra à Alemanha. Estavam selados os dois grupos antagônicos, os Aliados, encabeçados por Inglaterra, URSS, França e Estados Unidos e o Eixo, liderado por Alemanha, Itália e Japão.

O fim desse segundo conflito se deu em 1945, com a rendição dos países do Eixo. Ao final, as duas Grandes Guerras provocaram a morte de milhares de pessoas, deixando um rastro de destruição, prejuízos e países altamente endividados. Woolf e Strachey, no entanto, não acompanharam todo o desenrolar destas ações, visto que Strachey morreu em janeiro de

1932 vitimado por um câncer de estômago e Woolf suicida-se em março de 1941. Ainda assim, pode-se afirmar que ambos presenciaram a derrocada do modo de vida tradicional europeu, cuja grande crise guiará a arte produzida no período. Trata-se de uma crise metafísica acerca da teoria progressista que defendia que o homem não era um agente das mudanças, mas apenas um recipiente; uma crise simbólica, pois todo o universo se desfazia para receber as mudanças; era uma crise material e humana.

A produção artística da Inglaterra no início do século XX insistia em seguir os modelos vitorianos, contudo o clima de mudanças, a tensão das guerras e a fossilização dos aparelhos de referência, como a Academia Real Inglesa (*Royal Academy School of Arts*), permitiu que as mais diversas manifestações artísticas rompessem com a tradição imposta, florescendo. O pictorialismo, por exemplo, atraiu um grande número de praticantes que defendiam uma fotografia artística, explorando incansavelmente novos campos estéticos. Outros movimentos, como o pós-impressionismo, expressionismo, vorticismo, surrealismo e o futurismo são observados, perscrutados e experimentados. A crítica de arte se polarizou e muitos criticavam abertamente a influência subversiva e estrangeira. A palavra de ordem era experimentar.

No bojo dessas mudanças, as teorias da tradução não ficaram imunes uma vez que, no início do século também foram contaminadas pela subversão estética que surgia. Nesse contexto, um elemento que antes era menos observado, o antropológico, ganhou destaque após a publicação do estudo da natureza das línguas e suas estreitas relações com a cultura, de Wilhelm von Humboldt (1767-1835) que afirmara ser impossível um pensamento existir sem uma linguagem, visto que é a linguagem que determina o pensamento, sendo a língua por fim, “um todo (...), uma obra de toda a espécie humana”, tal qual “um organismo” (p. 173). Os estudos linguísticos de Ferdinand de Saussure (1857-1913), que isolam a língua com fins metodológicos, postulam uma forma holística de estudo da língua a partir de seus elementos iguais e também dos diferentes (SAUSSURE: 2005, p. 132), visão esta preconizada por Humboldt e resgatada por Saussure. Também foram apropriados à teoria da tradução os estudos antropológico-linguísticos com as populações indígenas norte-americanas do professor Benjamin Lee Sapir (1897-1941) e seu discípulo Edward Whorf (1884-1939), que postula que alguns pensamentos de um indivíduo em sua língua nativa, em um dado contexto social, não podem ser traduzidos plenamente para outra língua. Por fim, o filósofo da linguagem Ludwig Wittgenstein (1889-1965) vai afirmar que o “significado de uma palavra é o seu uso na língua”, sendo este de caráter relativo, jamais absoluto (WITTGENSTEIN: 2012, p. 43).

É nesse caldeirão de eventos e teorizações, berço do movimento modernista, que situamos os escritores Virginia Woolf e Lytton Strachey, ambos intelectuais, membros fundadores do Círculo Bloomsbury, engajados no cenário artístico-literário britânico e diretamente influenciados pelas mudanças políticas, sociais, culturais e tecnológicas que aconteceram na passagem final do século XIX para o século XX. Entretanto, antes de nos determos nos missivistas e em suas missivas, é preciso tecer algumas considerações acerca do Círculo de Bloomsbury, lar intelectual de Woolf e Strachey.

2.3 Círculo de Bloomsbury

O Círculo de Bloomsbury foi, inicialmente, um grupo de amigos que se encontravam para debater filosofia, arte, estética, política, economia, entre outros temas. O grupo era heterogêneo e teve sua base em dois grupos menores que frequentavam à casa dos irmãos Stephen a partir de 1905. Um grupo, liderado por Thoby Stephen (1880-1906), reunia-se às quintas-feiras e dele faziam parte os amigos mais próximos de Thoby da Universidade de Cambridge, entre eles John Maynard Keynes, Saxon Sydney-Turner, Leonard Woolf, Clive Bell, Lytton Strachey e os outros membros da família Strachey. O outro grupo era liderado por Vanessa Stephen (1879-1961) e contemplava os amigos da Academia Real Inglesa (*Royal Academy School of Arts*). O grupo de Vanessa Stephen reunia-se às sextas-feiras e dessas reuniões participavam Duncan Grant, Sylvia Milman, Henry Lamb, Margery Snowden, Edward Wadsworth, Maria Creighton e alunos da Slade School of Art.

Os membros dos dois grupos frequentemente iam às duas reuniões e em 1906, a morte prematura de Thoby Stephen acabou por unir os grupos que passavam a ser identificados por Círculo de Bloomsbury, porque a casa dos Stephen era localizada no bairro Bloomsbury. O Círculo tornou-se um dos grupos mais ativos do período, sendo frequentado por artistas, escritores, críticos de arte e músicos. Compartilhavam a rejeição ao militarismo crescente do período pré-Primeira Guerra Mundial, criticando severamente as práticas sociais vitorianas e buscando a fruição máxima na arte e em suas relações pessoais.

O Círculo sofreu diversos ataques, tendo seus membros sido considerados impatriotas, elitistas e ateus. Entre os integrantes mais conhecidos, estavam o crítico de arte Clive Bell, o pintor Duncan Grant, o romancista E. M. Forster, os irmãos James e Lytton Strachey, o pintor e crítico de arte Roger Fry, a mecenas das artes Ottoline Morrell (Lady Ottoline), o teórico político Leonard Woolf, além dos irmãos: Vanessa Stephen, Adrian Stephen, Thoby Stephen e Virginia Stephen a qual, conforme Bradbury (1989), em *O mundo*

Moderno: Dez escritores, Virginia "era a consciência literária de Bloomsbury, muito antes de se tornar a romancista do círculo" (p. 202).

Bloomsbury, contudo, não foi o único grupo de agitação cultural do início do século XX; aliás, grêmios e associações universitárias eram comuns no início do século passado, havendo em cada um deles uma identificação de valores. Universidades como Cambridge, King's College e Trinity College mantinham grupos de encontros regulares. Entretanto, o Círculo de Bloomsbury destacou-se não somente por essa identificação compartilhada de valores, mas também pelo prazer estético e pela afeição pessoal que os unia como um bloco, ao mesmo tempo heterogêneo em suas artes, engajamento político e realizações e homogêneo ao representar e discutir o novo estilo de arte produzido naquele momento. Sobre o Círculo de Bloomsbury, Leonard Woolf, no segundo volume de sua autobiografia, *Beginning again: An Autobiography of the Years 1911-1918* (1972) afirma:

O que veio a ser chamado Bloomsbury pelo mundo exterior nunca existiu da maneira que foi dada pelo mundo exterior. O que Bloomsbury foi e ainda é como um termo, usualmente aplicado de forma abusiva, dado a um grande e imaginário grupo de pessoas com vários objetos e características imaginárias (...) Nós éramos e sempre continuaremos primária e fundamentalmente um grupo de amigos. Nossas raízes e as raízes de nossa amizade estão na Universidade de Cambridge. (WOOLF: 1972, p.21-23)⁴

Para os membros do grupo, era importante serem apresentados como um grupo de amigos. A questão da amizade trazia a ideia de que compartilhavam não somente algumas ideologias, mas um sentimento comum e norteador que os faziam expressarem-se em afirmações sinceras, ou seja, todos sempre deveriam dizer o que pensavam e sentiam com clareza. Esse posicionamento era resultado da influência direta do conceito de amizade do filósofo George Edward Moore (1873-1958), o qual, em seu livro *Principia Ethica* (1922), professava que o "prazer das relações humanas" estava entre "as coisas mais valiosas que poderíamos conhecer ou imaginar" (p. 188-189). Era isso que tornava os "bloomsburies", para eles mesmos, únicos. Ainda a esse respeito, Leonard Woolf (1972) afirma:

Quando fui ao Ceilão [em 1904] - até mesmo quando voltei [1911] - Eu ainda chamava Lytton Strachey, de Strachey e Maynard Keynes, de Keynes e para eles eu ainda era Woolf. Quando fiquei por uma semana com os Stracheys no campo em 1904 ou jantei em Gordon Square com os Stephen, teria sido inaceitável que eu

⁴ No original: " 'What came to be called Bloomsbury' by the outside world never existed in the form given to it by the outside world. For 'Bloomsbury' was and is currently used as a term -usually of abuse-applied to a largely imaginary group of persons with largely imaginary objects and characteristics (...) We were and always remained primarily and fundamentally a group of friends. Our roots and the roots of our friendship were in the University of Cambridge."

chamasse as irmãs de de Lytton ou Thoby pelo seus prenomes. O significado social de usar os prenomes ao invés de seus sobrenomes e de beijá-las ao invés de apertar as mãos é curioso. Os efeitos são maiores, acho, do que podem imaginar aqueles que nunca viveram em uma sociedade mais formal. Eles produzem uma sensação - geralmente inconsciente - de intimidade e liberdade e, assim, quebram as barreiras para o pensamento e o sentimento. Foi esse sentimento de maior intimidade e liberdade, de varrer para longe as barreiras e formalidades, que eu achei tão novo e emocionante em 1911. Ter discutido alguns assuntos ou ter chamado uma pá (sexual) de pá na presença da senhorita Strachey há sete anos teria sido inimaginável; aqui encontrei, pela primeira, vez um grupo muito mais íntimo (e amplo) em que a completa liberdade de pensamento e expressão agora foi estendida a Vanessa, Pippa e Marjorie. (WOOLF: 1972, p. 34-35)⁵

A proximidade dos integrantes do grupo fez com que uma abundante epistolografia fosse gerada. Missivas de Clive Bell, Virginia Woolf, Lytton Strachey, Leonard Woolf, Lady Ottoline, Dora Carrington, dentre outros, contam a história literária e sociocultural do grupo e da Inglaterra, permitindo aos pesquisadores interessados reconstituir um retrato fidedigno daquilo que era debatido pelo Círculo de Bloomsbury.

Júlio Aróstegui (2006, p. 480) afirma que missivistas, de modo geral, ao compartilharem suas histórias e relatos individuais, não deixam de ter relação com o contexto histórico no qual estão inseridos e redigem textos que reúnem informações, vestígios e singularidades que servem de testemunho e fonte historiográfica, tornando-se um complexo inventário de realidades simultâneas. No caso do Círculo de Bloomsbury, embora não exista unanimidade sobre sua importância, há reconhecimento de que o grupo foi revolucionário em suas ações e linhas de pensamento. Strachey, por exemplo, apontou nas biografias que escreveu, que as personalidades da era vitoriana, celebradas por sua moral e retidão, não passavam de farsa. Por sua vez, E.M. Forster revelou os defeitos do imperialismo, além de alertar a sociedade de que a rigidez excessiva era nociva à natureza humana. Por essas razões, as vozes desses "bloomsburies" estremeceram a Londres das primeiras décadas do século XX, reverberando para muito além daquela ilha.

Assim, uma das formas de compreender o Bloomsbury é vê-lo como uma ponte entre o pensamento eduardiano e o pensamento modernista, uma vez que os membros do

⁵ No original: "When I went to Ceylon - indeed even when I returned -I still called Lytton Strachey Strachey and Maynard Keynes Keynes, and to them I was still Woolf. When I stayed for a week with the Strachays in the country in 1904 or dined in Gordon Square with the Stephens, it would have been inconceivable that I should have called Lytton's or Thoby's sisters by their Christian names. The social significance of using Christian instead of surnames and of kissing instead of shaking hands is curious. Their effect is greater, I think, than those who have never lived in a more formal society imagine. They produce a sense - often unconscious - of intimacy and freedom and so break down barriers to thought and feeling. It was this feeling of greater intimacy and freedom, of the sweeping away of formalities and barriers, which I found so new and so exhilarating in 1911. To have discussed some subjects or to have called a (sexual) spade a spade in the presence of Miss Strachey or Miss Stephen would seven years before have been unimaginable; here for the first time I found a much more intimate (and wider) circle in which complete freedom of thought and speech was now extended to Vanessa and Virginia, Pippa and Marjorie."

grupo lutaram para tornar evidente que o modo eduardiano de pensar, estava ultrapassado. Seus escritos sobre estética, arte, economia, política e ética se mostravam em oposição a todo o contexto conservador da sociedade inglesa do período, rompendo, dessa forma, com a tradição anterior a eles, influenciando assim uma gama de novos artistas. O grupo, que iniciou suas atividades de forma tímida e informalmente em 1905, perduraria até o início dos anos 40. A morte de Strachey em 1932, no entanto, atingiu duramente os membros e o processo de desagregação continuou até a morte de Woolf em 1941, diminuiu consideravelmente as atividades dos blomsburies. Durante os mais de trinta anos de reuniões do Círculo, diversos foram os intelectuais que se juntaram ao grupo, produzindo obras que ainda hoje são referências para pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento humano.

2.4 Os missivistas: Virginia Woolf e Lytton Strachey

Virginia Woolf nasceu, cresceu e viveu entre livros e escritores. Neta por parte de pai do escritor e subsecretário de Estado Sir James Stephen (1789-1859), filha da filantropa Julia Prinsep Stephen (1846-1895) e do historiador Leslie Stephen (1832-1904), Woolf foi educada em casa pela mãe e tinha acesso irrestrito aos livros da biblioteca do pai. Leu muito cedo os clássicos e habituou-se a participar de serões e reuniões intelectuais ainda na companhia dos pais, começando a escrever profissionalmente, o que seria a atividade mais frutífera de sua vida, colaborando por volta de 1905 com textos de ficção e não-ficção para o *Times*.

Lytton Strachey, assim como Woolf, nasce no seio de uma família letrada e aristocrática vitoriana, sendo desde cedo foi estimulado pela mãe Jane Strachey (1840-1928) a ler os clássicos da Literatura francesa. Inicia seus estudos acadêmicos em 1897 na Universidade de Liverpool e, em seguida, no Trinity College em 1899, onde entra em contato com aqueles que fundariam o Círculo de Bloomsbury, Thoby Stephen, Clive Bell, E.M. Forster e Leonard Woolf. Sua amizade com Thoby Stephen o aproxima de Virginia Woolf (na época Virginia Stephen) e sela o que viria a ser uma amizade de quase vinte e cinco anos, encerrando-se abruptamente com a morte de Strachey.

Da amizade dos dois autores resultou um imenso acervo de cartas, nas quais debatiam com fervor os livros que liam e os textos que produziam, bem como o lugar da mulher na literatura, as particularidades do cotidiano, as viagens programadas e as reuniões das quais participavam. Na correspondência de Virginia Woolf e Lytton Strachey é possível perceber a fluidez do diálogo mantido entre os missivistas, assim como a relação naturalmente

dialógica comum ao gênero epistolar. Sobre essa questão, observa-se Bakhtin (1895-1975), quando ao deter-se sob o gênero epistolar afirma ser “próprio da carta uma sensação do interlocutor, do destinatário a quem ela visa. Como a réplica do diálogo, a carta se destina a um ser determinado, leva em conta as suas possíveis reações, sua possível resposta” (BAKHTIN: 2010, p. 36). Daí, observo que perguntas de um remetente a um destinatário, no caso Woolf e Strachey, e suas possíveis respostas tecem elos, estabelecendo assim a construção da epistolografia enquanto exemplo de obra construída a dois.

Dando sequência, na próxima seção procedo a descrição do *corpus* da pesquisa.

2.5 A correspondência de Woolf e Strachey: o *corpus*

O objetivo da presente pesquisa foi traduzir a correspondência ativa e passiva entre Woolf e Strachey reunida e publicada postumamente no livro *Virginia Woolf & Lytton Strachey* (1956), a partir da coleção de cartas que fazem parte do acervo *Frances Hooper Papers on Virginia Woolf* (FHP), que está sob a guarda da faculdade privada Smith College, nos Estados Unidos. É essa publicação que se constitui como *corpus* desta pesquisa. Dos volumes de cartas publicados posteriormente: *The Letters of Virginia Woolf. Volume I: 1888 – 1912* (1978), *The Letters of Virginia Woolf. Volume II: 1912 – 1922* (1979), *The Letters of Virginia Woolf. Volume III: 1923 – 1928* (1980) e *The Letters of Virginia Woolf. Volume IV: 1929 – 1931* (1981), somente o volume I foi utilizado quando precisei esclarecer omissões observadas nas cartas da edição de 1956.

As missivas foram doadas ao Smith College por uma ex-aluna e fazem parte da coleção de cento e quarenta cartas trocadas entre Woolf e Strachey durante os anos de 1906 e 1931; entretanto, somente constam na publicação de 1956, cento e cinco cartas. Cerca de trinta cartas ficaram fora do volume por serem apenas, nas palavras dos editores Leonard Woolf e James Strachey "notas, cartões postais e telegramas contendo um pouco mais do que convites para o chá ou avisos da chegada de trens" (Strachey; Woolf: 1956, p. 7). Os editores do livro também reiteram, no prefácio, que Strachey era "extremamente metódico" e "parece ter guardado cada pedaço de papel enviado por Virginia" (p. 7), enquanto, por outro lado, Virginia Woolf não era tão cuidadosa e, "por várias razões (...) alguns itens triviais não foram preservados, e alguns mais importantes estão provavelmente perdidos" (p.7). Mesmo assim, o material disponível constitui-se como ampla fonte de pesquisa tendo sido capaz de atender aos objetivos aos quais me propuz para o desenvolvimento da pesquisa.

A troca de cartas inicia-se em 1906, a partir de um convite de Virginia Woolf para

Strachey, logo após o falecimento do irmão mais novo de Woolf, Thoby Stephen. O convite foi enviado para diversos amigos de Thoby Stephen, da Universidade de Cambridge. A carta é breve e demonstra uma formalidade inicial por parte da jovem Virginia Woolf ao dirigir-se a Strachey, formalidade essa que será abandonada nas missivas que se seguirão ao longo do tempo em que se corresponderam.

A curadora de coleções especiais do FHB Karen V. Kukil descreve no artigo “Teaching the Material Archive at Smith College”, de 2005, que algumas particularidades podem ser observadas nos manuscritos. Por exemplo, Strachey sempre escrevia suas cartas em papéis refinados, caros, com gravações e usava tinta preta. Sua letra era legível, espaçada, reta e não se percebem erros ou correções. Possivelmente, o escritor tinha o hábito de fazer rascunhos antes de enviar a versão definitiva de suas missivas.

Ao contrário de seu companheiro de cartas, a caligrafia de Woolf era de traços finos, bem marcados e pontudos. Ela escrevia em uma variedade de papéis coloridos, de tamanhos variados, o que parecia ser o que “tinha facilmente à mão”, usava tintas coloridas (azul, preta, violeta etc) e, por vezes, fazia correções nos textos com cores distintas ou mesmo a lápis, o que sugere uma segunda leitura atenta antes do envio das cartas, onde o rascunho e o texto final eram um só objeto. A letra era pequena, bastante inclinada e, embora espaçada, era de difícil leitura. Woolf era descuidada com o material e aparentemente escrevia sem planejamento e em sua eloquência, não largava nem mesmo os cigarros com os quais manchou e queimou diversas bordas das missivas. Após o casamento com Leonard Woolf, em 1912, suas cartas ganham um aspecto mais nobre, sendo escritas em papéis refinados e de baixa transparência.

As epístolas de Woolf e Strachey oscilam em textos que vão desde uma troca de intimidades em tom confessional até a necessidade da autoafirmação enquanto escritores. Logo, a presente pesquisa ao apresentar uma tradução das referidas missivas para o português brasileiro visa contribuir para os Estudos da Tradução, para os estudos epistolográficos, assim como para uma compreensão da obra epistolográfica dos dois escritores, enfatizando como se deu a a formação de Woolf e Strachey, a partir do que é observável no contexto das suas missivas. No decorrer dessa pesquisa, com exceção de cartas isoladas de Woolf, encontrei somente um registro de tradução do livro de 1956, uma edição traduzida para o francês publicada em 2009 pela editora Le Promeneur.

No próximo capítulo apresento a tradução comentada de trinta e quatro cartas trocadas entre Woolf e Strachey, acrescidas de notas explicativas. A tradução de trinta e quatro cartas se explica, uma vez que tomei como recorte para o desenvolvimento da pesquisa apenas

as cartas que foram trocadas pelos dois autores, do período que mantiveram o primeiro contato até quando Virginia Woolf casa-se com Leonard Woolf, cobrindo um período que vai especificamente de 22 de novembro de 1906 até 26 de agosto de 1912. Trata-se, assim, apenas da correspondência de Virginia Woolf do seu período de solteira, uma vez que seu casamento ocorreu em 12 de agosto de 1912. Nesse sentido, o *corpus* da presente pesquisa constitui-se de trinta e três cartas nas quais a autora assina “Virginia Stephen” e uma última na qual ela já assina “Virginia Woolf”.

Diante do exposto, apresento no próximo capítulo a tradução a qual me propus como objetivo da presente pesquisa quando, nos moldes que acabo de descrever, traduzo trinta e quatro cartas trocadas entre Virginia Woolf e Lytton Strachey durante os anos de 1906 e 1912.

3 DEAR VIRGINIA, DEAR LYTTON: TEXTOS-FONTE E TRADUÇÃO

“A melancolia diminui à medida que vou escrevendo.”
(Virginia Woolf)

Neste capítulo apresento a tradução da seleção das cartas de Woolf e Strachey, da língua inglesa para o português brasileiro com as devidas notas explicativas. No intuito de facilitar o cotejo entre os dois textos, as cartas são apresentadas em colunas, com linhas em branco inseridas, visando manter o alinhamento entre texto de partida e a tradução. A grafia das palavras tanto em inglês quanto em francês foi mantida de acordo com a publicação *WSL*, bem como as palavras iniciadas por letras maiúsculas, itálico, entre parênteses ou colchetes. Todas as expressões em língua diversa do inglês foram mantidas, destacadas em negrito, seguidas por notas tradutórias. Os títulos dos livros em língua estrangeira que foram citados, seguem na tradução de acordo com texto de partida, assim como os nomes das localidades (bares, pousadas, restaurantes, cidades etc) que aparecem no decorrer dos textos.

3.1 Índice das cartas

Nesta subseção disponibilizo o índice das cartas traduzidas, assim como destinatários, remetentes, endereços de postagem, a localização do texto de partida no livro *Virginia Woolf & Lytton Strachey: Letters* (1956) e a página na qual a carta traduzida está localizada na dissertação.

Quadro 1 - Índice das cartas traduzidas

NUMERAÇÃO	DESTINATÁRIO / REMETENTE	ENDEREÇO DE ORIGEM	DATA	LOCALIZAÇÃO DA CARTA NO CORPUS	TRADUÇÃO
1	Stephen / Strachey	46 Gordon Square	22/11/1906	STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 9	p. 44
2	Stephen / Strachey	Trevose House	22/04/1908	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.9-10	p. 45
3	Strachey / Stephen	67 Belsize Park Gardens	23/04/1908	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.11-13	p. 47
4	Stephen / Strachey	Trevose House	28/04/1908	STRACHEY;	p. 51

				WOOLF: 1956, p.13-14	
5	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	18/05/1908	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.15	p. 54
6	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	18/07/1908	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.15	p. 55
7	Strachey / Stephen	Milton Cottage	24/08/1908	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.15-17	p. 55
8	Stephen / Strachey	Manorbier	30/08/1908	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.17-18	p. 58
9	Strachey / Stephen	67 Belsize Park Gardens	27/09/1908	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.18-19	p. 60
10	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	04/10/1908	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.20	p. 62
11	Strachey / Stephen	Penmenner House (The Lizard)	17/11/1908	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.21-22	p. 63
12	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	20/11/1908	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.22-23	p. 66
13	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	1 ^o /12/1908	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.23	p. 68
14	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	25/12/1908	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.24	p. 68
15	Strachey / Stephen	Mermaid Club	03/01/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.24-26	p. 69
16	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	04/01/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.26-27	p. 72
17	Strachey / Stephen	67 Belsize Park Gardens	27/01/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956,	p. 74

				p.27-28	
18	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	28/01/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.29	p. 76
19	Hartherly / Hadyng (Strachey / Stephen)	67 Belsize Park Gardens	31/01/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.29-30	p. 77
20	Hadyng / Hartherly (Stephen / Strachey)	29 Fitzroy Square	1 ^o /02/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.30-31	p. 78
21	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	09/02/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.31	p. 80
22	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	16/02/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.31-32	p. 80
23	Strachey / Stephen	67 Belsize Park Gardens	17/02/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.32	p. 81
24	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	04/06/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.33	p. 82
25	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	25/06/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.34	p. 83
26	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	06/10/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.34-35	p. 84
27	Strachey / Stephen	Belvidere Mansion Hotel	13/10/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.35	p. 85
28	Strachey / Stephen	Pythagoras House	26/11/1909	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.35-36	p. 86
29	Stephen / Strachey	29 Fitzroy Square	06/11/1911	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.36	p. 87
30	Stephen / Strachey	The Vienna Café	20/11/1911	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.37	p. 88

31	Stephen / Strachey	38 Brunswick Square	16/02/1912	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.38	p. 89
32	Stephen / Strachey	38 Brunswick Square	21/05/1912	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.38-39	p. 89
33	Stephen / Strachey	38 Brunswick Square	06/06/1912	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.40	p. 90
34	Stephen / Strachey	Halford, Somerset	16/08/1912	STRACHEY; WOOLF: 1956, p.40	p. 91

Fonte: Elaborado pela autora.

3.2 As missivas traduzidas

Nesta subseção disponibilizo os textos-fonte à esquerda e a tradução à direita. Cada carta inicia uma nova subseção, levando como título um número de número 1 até 34, seguido pela data, remetente e destinatário. As missivas foram dispostas, didaticamente, em ordem cronológica ascendente.

3.2.1 Carta 1: 22 de novembro de 1906, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<i>46 Gordon Sq.</i>	<i>46 Gordon Sq.⁶</i>
<i>Thursday. [November 22, 1906]</i>	<i>Quinta-feira, [22 de Novembro de 1906]⁷</i>
Dear Mr. Strachey,	Prezado Senhor Strachey,
We should like so much to see you, if you could come one day. I wonder if this next	Nós gostaríamos muito de vê-lo, se você pudesse vir um dia. Pergunto-me se o

⁶ A praça Gordon fica em Bloomsbury, no distrito londrino de Camden (Inner London) e foi residência de Virginia Stephen e seus irmãos entre janeiro de 1904 e março de 1907. Foi na casa de número 46 que as primeiras reuniões do Grupo Bloomsbury aconteceram. As “noites de quinta-feira” eram rodas de conversas e recitais aos quais compareciam os amigos de Thoby, de Cambridge, tais como Lytton Strachey, Duncan Grant, Clive Bell, Saxon Sidney-Turner, John Maynard Keynes, Roger Fry, David Garnett e o futuro companheiro de Virginia, o escritor e editor Leonard Woolf.

⁷ Carta enviada dois dias após a morte de Thoby Stephen (1880-1906), irmão de Virginia Woolf e amigo de Lytton Strachey. Thoby Stephen foi um dos membros-fundadores do Bloomsbury.

<p>Sunday would suit you, about 6 o'clock in the evening? Vanessa is much better, and would like to talk to you.</p> <p>Yours sincerely, Virginia Stephen</p>	<p>próximo domingo ficaria bom para vós, por volta das 6 da noite? Vanessa⁸ está muito melhor e gostaria de falar com convosco.</p> <p>Atenciosamente, Virginia Stephen</p>
---	--

3.2.2 Carta 2: 22 de abril de 1908, Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p><i>Trevoze House, Draycot Terrace, St. Ives, Cornwall.</i> <i>Wednesday. [April 22, 1908.]</i></p> <p>Dear Lytton,</p> <p>The only notepaper to be had in the county of Cornwall is this—what they call commercial. Indeed, if you could see under what circumstances I write a letter you would think me something of a moralist. I have a sitting room, which is the dining room, and it has a side board, with a cruet and a silver biscuit box. I write at the dining table, having lifted a corner of the table cloth, and pushed away several small silver pots of flowers. This might be the beginning of a novel by Mr. Galsworthy. My landlady, though a woman of 50, has nine children, and once had 11; and the</p>	<p><i>Trevoze House, Draycot Terrace, St. Ives, Cornwall⁹.</i> <i>Quarta-feira. [22 de abril de 1908]</i></p> <p>Querido Lytton,</p> <p>O único caderno de anotações que se encontra na cidade da Cornualha é este – que chamam de comercial. De fato, se pudesse ver sob que circunstâncias escrevo uma carta me tomarias como uma moralista. Tenho uma sala de estar, que é uma sala de jantar, e possui um aparador, com um galheteiro e uma caixa de biscoitos prateada. Escrevo à mesa de jantar, tendo afastado um dos cantos da toalha e guardado alguns vasilhinhos de flores prateados. Este poderia ser o início de um romance do sr. Galsworthy¹⁰. Minha senhoria, apesar de ser uma mulher de 50,</p>
---	---

⁸ Vanessa Bell (nascida Stephen, 1879-1961): irmã mais velha de Virginia Woolf. Era pintora, *designer* de interiores e participou ativamente do Grupo Bloomsbury.

⁹ St Ives é uma cidade na costa oeste da Cornualha na qual Virginia Woolf passou os verões entre 1883 a 1895. Em 1905, Woolf retorna à Cornualha pela primeira vez após a morte da mãe Julia Prinsep Duckworth Stephen (1846-1895). As idas à Cornualha aparecem direta e indiretamente na obra de Woolf, tanto em suas missivas, quanto em seus diários, bem como na sua obra de ficção, sendo cenário de seu livro *To the lighthouse* (1927). Na passagem “Cornawall 1905” do livro *A Passionate Apprentice: The Early Journals, 1897-1909* (1992) tem-se mais informações acerca das impressões pessoais de Woolf ao retornar à Cornualha após tantos anos de ausência.

¹⁰ John Galsworthy (1867-1933): escritor britânico. Inicialmente, formado em Direito, optou pela literatura pouco após a conclusão do curso. Publicou seu primeiro romance em 1898, *Jocelyn*, sob o pseudônimo John Sinjohn. Sua obra mais conhecida é a saga *The Forsyte*, composta por oito livros divididos em dois ciclos, um de 1906 a 1921 com cinco livros e o segundo, de 1924 -1928, composto por três romances compilados sob o título *A Modern Comedy* (1929). Ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1932.

youngest is able to cry all day long. When you consider that the family sitting room is next mine, and we are parted by folding doors only—what kind of sentence do you call this?—you will understand that I find it hard to write of Delane “the *Man*” I have had a long letter of instruction from Smith. He bids me bring out the human side, “his unswerving loyalty, alike to subordinates and chief,—in a word the high qualities of head and heart which” etc. etc. “Nay, my dear Miss Stephen, there is no comparison, for the real human interest, which the Cornhill seeks, between Delane and Mrs. Abercrombie.” “I really believe, dear Miss Stephen, that if you will put heart and head into it, you will make a mark in reviewing.” Did you ever have a compliment like that?

I spend most of my time, however, alone with my God, on the moors. I sat for an hour (perhaps it was 10 minutes) on a rock this afternoon, and considered how I should describe the colour of the Atlantic. It has strange shivers of purple and green, but if you call them blushes, you introduce unpleasant associations of red flesh. I am afraid you have little feeling for nature. I have seen innumerable things since I came here that would be worth writing down—“yellow gorse, and sea—” trees against the sea—but I should

tem nove filhos, e antes tinha 11; o caçula consegue chorar o dia todo. Se você levar em consideração que a sala de estar da família é contígua a minha, sendo estas separadas apenas por dobradiças — que tipo de frase você diria que é? — você entenderá como é difícil para mim escrever sobre Delane, “o *Homem*” de quem recebi uma extensa carta de instruções de Smith. Ele me manda mostrar o lado humano, “sua lealdade inabalável, tanto para subordinados como para o chefe, — em uma palavra, as altas qualidades de mente e coração que” etc etc. “Não, minha estimada srta Stephen, não há comparação, para o verdadeiro interesse humano que os de *Cornhill* buscam, entre Delane e sra. Abercrombie.” “Eu realmente acredito, estimada srta. Stephen, que se você colocar o coração e mente nisto, fará uma resenha marcante”. Você já recebeu um cumprimento desses?

Eu passo a maior parte do meu tempo, contudo, sozinha com Deus, nas charneças. Sentei por cerca de uma hora (talvez fossem 10 minutos) sobre uma rocha essa tarde, e pensei em como deveria descrever a cor do Atlântico. Este tem toques de roxo e verde, mas se o chamar avermelhado, introduzirá associações desagradáveis com carne vermelha. Imagino que tenha pouco sentimento pela natureza. Tenho visto incontáveis coisas desde que aqui cheguei e sobre as quais valeria a pena escrever —

<p>no doubt use so many words wrongly that it would be necessary to write this letter over again [– like Clive]. I have read a good many books, it seems to me. Your Pascal is looked at suspiciously by the servant. I picked a branch of white blossom yesterday, and asked her what it was. She said it was May. Somehow I thought that May was pink.</p>	<p>“tojo amarelo, e mar —” árvores contra o mar — mas sem dúvida não deveria usar tantas palavras de modo incorreto ou seria necessário escrever esta carta outra vez [— como Clive]. Tenho lido alguns bons livros, é o que me parece. Seu Pascal¹¹ é visto com suspeita pela empregada. Peguei o ramo de uma flor branca ontem, e perguntei-lhe o que era. Ela disse-me que era a Flor de Maio. De alguma maneira, eu pensava que a Flor de Maio fosse rosa.</p>
<p>It will be a charity if you will write an answer. I am amazingly garrulous, because I have not spoken since I saw you, except to discuss the joints of animals.</p> <p>Yr. Ever, V.S.</p>	<p>Será uma caridade se você me escrever uma resposta. Estou imensamente tagarela porque não tenho falado desde que te vi, exceto para discutir sobre as juntas dos animais.</p> <p>Sempre sua, V.S.</p>

3.2.3 Carta 3: 23 de abril de 1908, de Lytton Strachey para Virginia Stephen

<p style="text-align: right;"><i>67 Belsize Park Gardens, Hampstead, N.W. April, 23rd, 1908.</i></p> <p>Dear Virginia,</p> <p>Your letter came to console me in a solitude-caused by a return of my cold in a more violently nasal form than ever. I am trying the desperate remedy of staying in one room. I have been here the whole of yesterday, and</p>	<p style="text-align: right;"><i>67 Belsize Park Gardens¹², Hampstead, N.W. 23 de abril de 1908.</i></p> <p>Querida Virginia,</p> <p>Sua carta chegou para me consolar de uma solidão causada por um resfriado recorrente e mais terrível que nunca. O remédio desesperado que estou aplicando consiste em permanecer no quarto. Fiquei aqui ontem o</p>
---	---

¹¹ Possivelmente Woolf refere-se ao livro *Lettres provinciales*, do filósofo Blaise Pascal (1623-1662). O livro é composto por dezoito cartas escritas durante os anos de 1656 a 1657, a princípio publicadas individualmente o sob o pseudônimo Louis de Montalte e tinham o intuito de defender o jansenista e filósofo Antoine Arnauld (1612-1694), oponente dos jesuítas, que estava em julgamento pelos teólogos de Paris. O jansenismo foi uma doutrina religiosa criada a partir dos preceitos do bispo Cornelius Otto Jansenius (1585-1638) a qual teve um caráter dogmático, moral e disciplinar, entretanto as teorias jansenistas foram consideradas heréticas em 16 de outubro 1656, pelo papa Alexandre VII.

¹² Residência de Strachey entre os anos de 1907–14.

<p>shall be the whole of today, and I suppose tomorrow, and so on for ever and ever, crouching over a gas fire and snivelling and cursing and drinking quinine. This sounds like the end of a novel by a decadent Frenchman. I prefer Galsworthy—as you write him, and I’m really jealous of you and your Cornwall, with its Nature that I have very little feeling for. You should see the dreadful state of rainy fog going on here now, and you should feel the cold wind on your backbone—but I daresay you really do, for your descriptions sounded to me a little too literary, what with the gorse—is gorse really yellow?—and the white May which ought to have been pink, and the Atlantic. And, dear Miss Stephen, I don’t believe a word you say about poor Mr. Smith. It’s all a gross libel and invention, and I won’t believe it till I see it in his own hand.</p> <p>I went away last Friday, partly to get rid of my cold, to the Green Dragon on Salisbury Plain[s], where James and Keynes and others were for Easter. Of course it finally destroyed</p>	<p>dia inteiro e devo permanecer hoje também, e farei o mesmo amanhã, e depois, e depois, agachando-me junto ao fogo e choramingando e amaldiçoando e tomando quinina¹³. Até parece o final de um romance escrito por algum francês decadente. Prefiro Galsworthy – como você o descreveu, e invejo imensamente a você e a sua Cornualha, com sua Natureza pela qual nutro pouco sentimento. Você deveria ver o terrível estado de névoa que temos agora; e você poderia sentir o vento gelado em sua espinha – ousou dizer que o compreende bem, pois suas descrições soaram-me um tanto literárias, com o tojo – seria o tojo realmente amarelo? – e a Flor de Maio branca, que deveria ser rosa, e o Atlântico. E, cara srta Stephen, não acredito em uma palavra do que disse sobre o pobre sr. Smith. Não passa de falácia e invenção, e só acreditarei quando o vir em sua própria mão.</p> <p>Viajei na última sexta, em parte para me livrar do resfriado, para o <i>Green Dragon</i>¹⁴ na <i>Salisbury Plain[s]</i>¹⁵, onde James¹⁶ e Keynes¹⁷ e outros foram para passar a</p>
--	---

¹³ Substância natural retirada da casca da planta *Cinchona calisaya* ou Quina-amarela, utilizada para complementar o tratamento da malária, eliminando os protozoários da doença. A quinina também é conhecida por suas propriedades antitérmicas e analgésicas.

¹⁴ Pub em Salisbury Plains que era muito frequentado pelos intelectuais na Inglaterra no início do século XX. Entre os clientes usuais estavam Lytton Strachey, E. M. Forster, Maynard Keynes, G. E. Moore, Desmond MacCarthy e Rupert Brooke.

¹⁵ Cidade no condado inglês de Wiltshire, parte do distrito de Salisbúria.

¹⁶ James Beaumont Strachey (1887-1967): psicanalista britânico. Ele e a esposa, Alix Strachey (1892–1973), foram responsáveis pela tradução e edição dos 24 volumes do livro *The Standard Edition of the Complete Psychological Works*, de Sigmund Freud na Inglaterra.

¹⁷ John Maynard Keynes (1883-1946): economista britânico e membro do grupo Bloomsbury. Logo após a II Grande Guerra, o Keinesianismo ou a teoria do Estado de Bem-Estar Social, de Keynes, foi colocada em prática como uma tentativa de recuperar a economia dos países que tiveram suas economias internas e externas devastadas pelos efeitos da guerra.

<p>me—the coldest winds you can imagine sweeping over the plain, and inferior food, and not enough comfortable chairs. But on the whole I was amused. The others were Bob Trevy, Sanger, Moore, Hawtrey, and a young undergraduate called Rupert Brooke—isn't it a romantic name?—with pink cheeks and bright yellow hair—it sounds horrible, but it wasn't. Moore is a colossal being, and he also sings and plays in a wonderful way, so that the evenings passed pleasantly. I wish you could have been there – disguised, perhaps, as another undergraduate. Would you have been bored to death? The conversation is less political than you think, but I daresay you would have found the jokes a little heavy—as for me, I laughed enormously, and whenever I began to feel dull I could look at the yellow hair and pink cheeks of Rupert. James, too, is an interesting figure—very mysterious and reserved, and either incredibly young or inconceivably old. I constantly looked out of window, in the hopes of seeing Adrian come stalking over the plain in his lavender</p>	<p>Páscoa. E claro que isso ajudou a me arruinar — os ventos mais gélidos que se possa imaginar varrendo toda a planície, e comida sem qualidade, e sem cadeiras suficientemente confortáveis. Mas de forma geral me diverti. Os outros eram Bob Trevy¹⁸, Sanger¹⁹, Moore²⁰, Hawtrey²¹, e um jovem graduando chamado Rupert Brooke²² – não achas um nome romântico? — com bochechas rosadas e cabelos amarelados e brilhantes — soa horrível, mas não o era. Moore é um ser colossal, e também canta e toca de forma esplêndida, de maneira que as noites passavam agradavelmente. Eu gostaria que você pudesse estar lá — disfarçada, talvez, como outra graduanda. Teria morrido de tédio? As conversas eram menos políticas do que possa imaginar, mas atrevo-me a dizer que teria achado as piadas um tanto pesadas — e quanto a mim, eu ri deveras, e se começasse a me enfadar, poderia olhar para o cabelo amarelado e bochechas rosadas de Rupert. James, também, é uma figura interessante — muito misterioso e reservado,</p>
--	--

¹⁸ Robert Calverl(e)y Trevelyan (1872-1951): poeta e tradutor britânico. Era frequentemente descrito como inteligente, excêntrico, desleixado e devotado à natureza e à poesia. Muito embora não fosse membro do Bloomsbury, Bob Trevy era amigo íntimo de vários membros, como Strachey, Leonard Woolf e E.M. Forster.

¹⁹ Charles Sanger (1871–1930): advogado e especialista em Economia Estatística. Ele e a esposa, Dorothy Sanger, eram membros do Grupo Bloomsbury e do círculo de amigos íntimos de Virginia e Leonard Woolf.

²⁰ George Edward Moore (1873-1958): um dos mais importantes filósofos da primeira metade do século XX. Junto com contemporâneos Bertrand Russell (1872-1970) e Ludwig Wittgenstein (1889-1951) fez parte da conhecida trindade de filósofos de Trinity College Cambridge, tornando Cambridge um dos centros da Filosofia Analítica.

²¹ Ralph George Hawtrey (1879-1975): economista e amigo íntimo de Keynes. Pertencia aos grupos Bloomsbury e Cambridge Apostles. Desempenhou um papel fundamental na Conferência de Gênova em 1922, que buscava resgatar os arranjos econômicos do padrão-ouro (abandonado após a I Grande Guerra).

²² Rupert Brooke (1887-1915): poeta britânico que alcançou fama com a publicação dos seus sonetos *1914* (1915). Morreu de septicemia em um navio hospitalar a caminho da ilha de Skyros, na I Grande Guerra. Sua morte ficou como um símbolo contra a guerra que roubava a juventude inglesa, encaminhando os jovens para a morte quase certa.

<p>stockings, but he never appeared. Have you heard from him? I wonder what adventures he's been having at his inns.</p> <p>Oh, adventures! Does one have them nowadays? Your letter was for me, but I can think of no other, though I think I do occasionally have them. Do you? Is the Atlantic enough for you? I am a wild man of the woods, I often think, and perhaps inexplicable to civilised people who live in Cornwall and write on Delane as a man.</p> <p>I have been out into the cold for dinner, and I'm back again very unhappy and chilly, wishing I hadn't moved, with snow dropping down the chimney and spitting in the fire. I should like to talk to someone. If you'd walk in it would be delightful, especially as I might then explain exactly what I meant by saying I was a wild man of the woods—but of course I never would explain it really; but there would be a chair for you to sit in, and some warmth, and some conversation. As it is I imagine you in your dining-room listening to your landlady's children, and inventing scandalous letters from Mr. Smith. Or are you perhaps</p>	<p>e ainda incrivelmente jovem ou inconcebivelmente velho. Com frequência olho pela janela, na esperança de ver Adrian²³ à espreita na planície com suas meias cor de lavanda, mas ele nunca apareceu. Você tem tido notícias dele? Imagino que aventuras deve estar tendo nas hospedarias.</p> <p>Oh, aventuras! Há alguém que as tenha nos dias de hoje? Sua carta foi para mim, mas não consigo pensar nenhum outro, apesar de achar que as tenho ocasionalmente. E você? Seria o Atlântico o suficiente para você? Sou um homem selvagem dos bosques, costumo pensar, e talvez inexplicável para pessoas civilizadas que vivam na Cornualha ou que escrevam sobre Delane enquanto homem.</p> <p>Acabo de sair nesse frio para jantar, e volto de novo muito infeliz e com frio, desejando não ter saído, com neve caindo pela chaminé e respingando no fogo. Talvez gostasse de falar com alguém. Se você viesse aqui seria um deleite, especialmente por eu poder explicar o que eu quis dizer com ser um homem dos bosques — mas é claro que nunca explicaria; mas haveria uma cadeira para você sentar, um pouco de calor e de conversa. Em todo caso, imagino-a em sua sala de jantar, ouvindo as crianças de sua senhoria, e inventando cartas escandalosas do sr. Smith. Ou estaria, talvez, começando a</p>
---	---

²³ Adrian Stephen (1883-1948): Irmão mais novo de Virginia Woolf. Escritor e membro do grupo Bloomsbury, ele e sua esposa Karin Costelloe (1889-1953) foram entusiastas dos trabalhos de Sigmund Freud (1856-1939) e uns dos primeiros psicanalistas britânicos.

<p>starting the Description of Cornwall? That would be exciting. I have been reading Racine once more, with almost complete pleasure. There was never a greater artist. And he writes about the only thing worth writing about, in my opinion,—the human heart!</p> <p>“J’aimais jusqu’à ses pleurs que je faisais couler”,—very, very divine!</p> <p>It’s getting late, and I must go to bed. This will start off to you tomorrow morning. I’m afraid it’s rather an invalid’s letter. I actually sat down to write the minute I’d read yours. So you must answer. Do you really live in Trevose house? Rhyming to nose? Your writing’s a little doubtful. It seems a queer name.</p> <p>Yours ever, G.L.S.</p>	<p><i>Descrição da Cornualha?</i> Isto seria emocionante. Tenho lido Racine²⁴ mais uma vez, com prazer quase completo. Maior artista não houve. E ele escreve sobre a única coisa que, em minha opinião, vale a pena escrever — o coração humano!</p> <p>“J’aimais jusqu’à ses pleurs que je faisais couler”²⁵, -- divino, muito divino!</p> <p>Está ficando tarde, e devo ir dormir. Esta carta deve ser despachada amanhã de manhã. Receio que seja a carta de um inválido. Na verdade, sentei-me para escrever no momento em que li sua carta. Então, você tem que respondê-la. Você realmente mora na casa Trevose? Rimando com nariz²⁶? Sua escrita é um tanto duvidosa. Parece um nome estranho²⁷.</p> <p>Sempre seu, G.L.S.</p>
--	---

3.2.4 Carta 4: 28 de abril de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p style="text-align: center;"><i>Trevose House, Draycot Terrace, St. Ives, Cornwall Tuesday. [April 28, 1908]</i></p> <p>Dear Lytton, Your letter was a great solace to me. I had</p>	<p style="text-align: center;"><i>Trevose House, Draycot Terrace, St. Ives, Cornwall Terça. [28 de abril de 1908]</i></p> <p>Querido Lytton, Sua carta foi um grande consolo para mim.</p>
--	--

²⁴ Jean-Baptiste Racine (1639-1699): poeta e dramaturgo francês.

²⁵ “Eu amei até as lágrimas que estava derramando”. O trecho faz parte da tragédia *Britânico* (*Britannicus*, 1669), do dramaturgo e poeta francês Jean Racine (1639-1699) na qual o autor retrata o imperador Nero e sua corte. A fala é do próprio personagem Nero e faz parte do segundo ato, cena II. O texto é considerado uma das obras-primas de Racine.

²⁶ No original a rima seria entre a palavra “trevose” (/trəvəʊz/, sem tradução) e “nose” (/nəʊz/, em português: nariz).

²⁷ Na Inglaterra do início do século XX, a palavra “queer” não possuía as características de termo guarda-chuva para minorias sexuais e de gênero observadas hoje, sendo aqui traduzida como “estranho”, “esquisito” e “fora do convencional”.

begun to doubt my own identity—and imagined I was part of a seagull, and dreamt at night of deep pools of blue water, full of eels. However, Adrian came suddenly that very day, like some grim figure out of a Northern Saga—so I imagine—some ice bound captain, travelling for centuries with a frozen beard. He had been snowed upon, and hailed upon and rained upon, and when he descended towards evening upon some lonely farm, the good women cowered behind the door, and bethought them of their honour. Sometimes, such was their modesty, he had to walk 4 miles at the end of the day’s journey. However, he had had a very good time, and had met many worthies, and had many stories to tell. Then Nessa and Clive and the Baby and the Nurse all came, and we have been so domestic that I have not read, or wrote. My article upon Delane is left in the middle of a page thus—“But what of the Man?”—To answer that question, it will be necessary to come back—Saturday—but you will have time to write here, and to notice that my “b” is like that and my “v” is like that. A child is the very devil—calling out, as I believe, all the worst and least explicable passions of the parents—and the Aunts. When we talk of marriage, friendship or prose, we are suddenly held up by Nessa, who has heard a cry, and then we must all distinguish whether it is Julian’s cry, or the cry of the 2 year old, who has an abscess, and uses

Eu havia começado a duvidar da minha própria identidade – e imaginava que eu era parte de uma gaivota, e sonhava à noite com piscinas profundas de águas azuis, cheias de enguias. No entanto, Adrian veio de repente naquele mesmo dia, como uma figura sombria saída de uma Saga do Norte – assim eu imagino – algum capitão coberto de gelo, viajando durante séculos com uma barba congelada. A neve, o granizo e a chuva haviam caído sobre ele, e quando ele desceu em direção ao anoitecer em uma fazenda solitária, as boas mulheres se encolheram atrás da porta e lembraram de sua honra. Às vezes, tal era sua modéstia, ele tinha que caminhar 4 milhas no final da jornada do dia. No entanto, ele teve um bom momento, e conheceu muitos dignos, e teve muitas histórias para contar. Então Nessa²⁸ e Clive e o Bebê e a enfermeira vieram todos, e nós temos sido tão caseiros que eu não tenho lido, nem escrito. Meu artigo sobre Delane está parado no meio de uma página assim – “Mas e quanto ao Homem?” – Para responder a essa pergunta, será necessário voltar – sábado – mas você terá tempo para escrever aqui e notar que meu “b” é assim e meu “v” é assim. Uma criança é o próprio demônio – convocando, como eu acredito, todas as piores e menos explicáveis paixões dos pais – e das Tias. Quando falamos de casamento, amizade ou prosa, de repente

²⁸ Apelido de Vanessa Bell.

<p>therefore a different scale.</p> <p>Adrian went back last night, to have tea with S[ydney]. T[urner]: dine with S. T. and discuss the opera with S. T. sent him a large pot of cream, and I expect a letter in Ciceronian Latin. “Did you approve of my use of cur [?] with the Dative, or do you think it too Tacitean?” You terrify me with your congregations of intellect upon Salisbury plain. My reverence for clever young men affects me with a kind of mental palsy. I really cannot conceive what the united minds of all those you name produced in the way of talk. Did you—but I can’t begin to consider it even. I saw Rupert Brooke once, leaning over the gallery at Newnham, in midst of Miss Reeves and the Fabians.</p>	<p>somos interrompidos por Nessa, que ouviu um grito, e então todos nós devemos distinguir se é o choro de Julian²⁹, ou o choro do de dois anos³⁰, que tem um abscesso, e usa, portanto, uma escala diferente.</p> <p>Adrian voltou ontem à noite, para tomar chá com S[ydney]. T[urner]³¹: jantar com S. T. e discutir a ópera com S. T.: Eu enviei-lhe um grande pote de creme e espero uma carta em latim ciceroniano. “Você aprovou meu uso de patife [?] com o dativo, ou você acha isso muito taciteano³²?” Você me aterroriza com suas congregações de intelecto na <i>Salisbury plain</i>. Minha reverência por jovens inteligentes me afeta com uma espécie de paralisia mental. Eu realmente não consigo conceber o que as mentes unidas de todos os que você nomeou produziu no decorrer da conversa. Você – mas eu não posso nem começar a cogitar isso. Eu vi Rupert Brooke uma vez, inclinando-se sobre a galeria em Newnham³³, em meio a srta. Reeves³⁴ e os Fabianos³⁵.</p>
---	--

²⁹ Julian Bell (1908-1937): poeta inglês, filho mais velho de Vanessa Bell e Clive Bell.

³⁰ Quentin Bell (1910-1996): escritor e historiador, segundo filho do casal Vanessa e Clive Bell.

³¹ Saxon Arnold Sydney-Turner (1880-1962): servidor público britânico que fez parte do grupo Bloomsbury.

³² Relativo a Tácito (55-120), historiador e político romano. É considerado um dos grandes historiadores da Antiguidade.

³³ Uma das áreas mais abastadas de Cambridge e endereço de diversas universidades tais como Newnham, Wolfson, Robinson, Selwyn e Darwin.

³⁴ Maud Pember Reeves (nascida Magdalene Stuart Robison, 1865-1953): escritora feminista neozelandesa, membro da Sociedade Fabiana e uma das ativistas do movimento sufragista feminino.

³⁵ Fabianos: membros da Sociedade Fabiana. A Sociedade Fabiana liderou o fabianismo (ou socialismo Fabiano) que propunha um desenvolvimento pleno da classe operária para assim, torná-la apta a assumir completamente os meios de produção. A sociedade foi fundada pelo casal Sidney e Beatrice Webb que se inspiraram no general romano Quintus Fabius Maximus (275-203 a.C) que em batalhas exauria os inimigos ao atacar os grupos pequenos, especialmente aqueles que saíam em buscas de suprimentos e/ou saques, deixando os exércitos inimigos famintos e cansados, antes do combate físico.

<p>We are going to a place called the Gurnard's Head this afternoon—and now I look up and behold it pours! So we shall sit over the fire instead, and I shall say some very sharp things, and Clive and Nessa will treat me like a spoilt monkey, and the Baby will cry. However, I daresay Hampstead is under snow. How is your cold? I got a stiff neck on the rocks—but it went.</p> <p>Yr. ever, A. V. S.</p>	<p>Nós estamos indo para um lugar chamado Gurnard's Head³⁶ esta tarde – e agora eu olho para cima e vejo que chove! Então, devemos nos sentar ao redor da lareira em vez disso, e eu direi algumas coisas muito sarcásticas, e Clive e Nessa me tratarão como um macaco malcriado, e o bebê vai chorar. No entanto, eu diria que Hampstead³⁷ está sob neve. Como está seu resfriado? Eu ganhei um torcicolo nas rochas – mas já passou.</p> <p>Sempre sua, A. V. S.</p>
---	---

3.2.5 Carta 5: 18 de maio de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p style="text-align: right;"><i>29 Fitzroy Square, W. Monday [May 18, 1908]</i></p> <p>Dear Lytton,</p> <p>Could you come to tea with me on Thursday? I have got so miserably involved in opera and the German language that that seems to be the only free afternoon, but it would be delightful if you could come then. I have been getting my books in order, you will be glad to hear: the gaps are awful.</p> <p>Yours ever, V. S.</p>	<p style="text-align: right;"><i>29 Fitzroy Square, W³⁸. Segunda-feira, [18 de maio de 1908]</i></p> <p>Querido Lytton,</p> <p>Você poderia vir tomar chá comigo na quinta? Eu fiquei tão miseravelmente envolvida com a ópera e a língua alemã que parece ser esta a única tarde livre que terei, mas seria encantador se você pudesse vir. Eu estou organizando meus livros, você ficará feliz em ouvir: os espaços são horríveis.</p> <p>Sempre sua, V.S.</p>
--	---

³⁶ Cabo na península de Penwith, na Cornualha. O nome é inspirado na suposta semelhança da península rochosa à cabeça do peixe Gurnard-borboleta (*Lepidotrigla vanessa*).

³⁷ Bairro localizado na parte nordeste de Londres. Escritores como John Keats e Sigmund Freud moraram nessa área e, hoje, suas casas foram transformadas em museus. É uma das áreas mais caras em Londres.

³⁸ A praça Fitzroy foi planejada por Robert Adam (1728-1792). Woolf mudou-se em abril de 1907. Em carta de 3 de junho de 1907 à Violet Dickinson, Woolf afirma: “Todas as luzes da praça estão acesas e elas ficam de um cinza prateado, e há lindas jovens mulheres ainda jogando tênis na grama.”. No original: “All the lights in the Square are lighting, and it is turning silver gray, and there are beautiful young women still playing tennis on the grass”. (Woolf: 1978, p. 299). Virginia Woolf e o irmão Adrian Stephen moraram em Fitzroy Square 29 entre os anos de 1907 a 1911.

3.2.6 Carta 6: 28 de julho de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p>29 Fitzroy Square, W. [July, 28, 1908]</p>	<p>29 Fitzroy Square, W. [18 de julho de 1908]</p>
<p>Dear Lytton, I shall be in on Thursday at 4.30, and delighted if you will come. Why are you a suppliant—why was your name once Lytton? I go to spend a month at the theological college at Wells on Saturday. Yours ever, A. V. S.</p>	<p>Querido Lytton, Eu estarei em casa na quinta às 4:30, e ficarei encantada se você vier. Por que você é um suplicante³⁹ – por que o seu nome foi uma vez Lytton? Eu vou passar um mês na faculdade de Teologia de Wells a partir de sábado. Sempre sua, A.V.S.</p>

3.2.7 Carta 7: 24 de agosto de 1908, de Lytton Strachey para Virginia Stephen

<p>Milton Cottage, Rothiemurchus, Aviemore, N.B. Aug.24th, 1908.</p>	<p>Milton Cottage, Rothiemurchus, Aviemore, N.B. 24 de agos. de 1908.</p>
<p>Dear Virginia, I suggested some time ago Boswell's letters to Frank Sidgwick as a book to publish. He agreed and asked me to write an "Introduction", offering 5 gs. and saying it must be done by Sept. 15th, on which I refused. He then asked if I knew anyone who could do the job—I've just written suggesting</p>	<p>Querida Virginia, Eu sugeri ao Frank Sidgwick⁴⁰ há algum tempo que as cartas do Boswell⁴¹ fossem publicadas em livro. Ele concordou e me pediu pra escrever uma introdução, oferecendo 5gs⁴² e dizendo que deveria ser entregue até o dia 15 de setembro, o que eu recusei. Ele, então, me perguntou se eu</p>

³⁹ Não se pode afirmar com certeza, mas no contexto, a palavra "suplicante" pode ser uma referência tanto à peça *As suplicantes* (463 a.C.), de Ésquilo quanto à peça *As suplicantes* (423 a.C), de Eurípedes.

⁴⁰ Frank Sidgwick (1879-1939): poeta, editor e membro fundador da editora Sidgwick and Jackson.

⁴¹ James Boswell (1740-1795): biógrafo e advogado escocês. Na correspondência de Woolf não há outras menções se a autora teria recebido ou não a proposta para escrever a introdução do livro, entretanto, em 21 de janeiro de 1909, Woolf publica a resenha do livro *Letters of James Boswell to the Rev. W. f. Temple*, sob o título "The Genius of Boswell", no *The Times Literary Supplement*.

⁴² 5 guinéus. Um guinéu era £ 1.05 e poderia ser escrita como '1g' ou '1gn' ou, no plural, '3gs' ou '3gns'. Era considerado um valor mais distinto do que do que £ 1. Comerciantes, atendentes e serviços de modo geral eram pagos em libras (£), mas serviços prestados por advogados, artistas, escritores etc, eram pagos em guinéus. Entretanto, no início dos anos de 1900s não havia mais notas ou moedas de guinéu e apenas a tradição oral de "pagar em guinéus" era mantida. De acordo com o site *The National Archives*, do Governo Real Britânico, 5gs teriam valor aproximado de £ 339.51 hoje.

that you possibly might care to, so if you hear from him, be prepared. It seems to me damned little pay, but what finally put me off was the necessity of doing it so soon. I can't bear this hideous worry and hurry, I must breathe. At present I'm hardly breathing, but when I do it's good clear Scotch air, which is something. I've been here I think about a fortnight, after a wild wet week in Skye. This place is, qua place, perfection—one begins to realise in it that Nature may be romantic and beautiful. I linger by lakes, and tear up mountains, all day long. The nights are spent over a peat fire writing endless letters which—it seems to me—are never answered. Are you in Wales? Perhaps if you are you will meet brother James with a company of Fabians—but I hardly think so. A letter came from Clive in Wiltshire to tell me (among other things) that after Catullus “and perhaps some others” my poems appealed to him most of all. This is very encouraging. I suppose he and Vanessa are at this moment playing bridge in a shooting lodge. What curious things we all seem to do. I have been reading Voltaire, Vathek, and Mlle de Lespinasse; and I think I shall soon go on to Darwin (Emma). Do you really start for Italy the day after tomorrow? **Quelle joie!** When you are among your olives, think occasionally

conhecia alguém que poderia fazer o trabalho – eu acabei de escrevê-lo sugerindo que você possivelmente poderia querer, então, se ele perguntar, já sabe. Parece-me um péssimo pagamento, mas o que realmente me fez negar foi a necessidade de fazer imediatamente. Eu não consigo suportar essa preocupação e essa pressa horrenda, eu preciso respirar. No momento, eu mal respiro, mas quando eu faço é bom e claro como o ar escocês, que é algo muito melhor. Eu estou por aqui, penso que por duas semanas, depois de uma semana selvagem e úmida na Ilha de Skye⁴³. Esse lugar é, **qua**⁴⁴ lugar, a perfeição – você começa a perceber que a natureza pode ser romântica e bela. Eu me demoro nos lagos, e montanhas rasgadas, o dia todo. As noites eu passo sob uma fogueira de turfa, escrevendo cartas intermináveis, que me parecem – que nunca serão respondidas. Você está no País de Gales? Talvez, se você estiver, você irá conhecer o irmão James com a companhia dos fabianos – Mas eu dificilmente acredito. Chegou uma carta do Clive em Wiltshire⁴⁵ para me dizer (entre outras coisas) que depois de Catullus⁴⁶ “e, talvez, de alguns outros” meus poemas o seduziram mais que tudo. Isso é muito encorajador. Eu suponho

⁴³ Ilha de Skye ou Skye é a maior e a mais setentrional das ilhas do arquipélago das Hébridas, na Escócia.

⁴⁴ Qua: preposição formal do latim. Possíveis traduções: “como”, “enquanto”, “na qualidade de”, “na capacidade de”.

⁴⁵ Condado situado na parte sudoeste da Inglaterra

⁴⁶ Gaius Valerius Catullus / Caio Valério Catulo (nascimento provável entre 87 e 84 – morte provável entre 57 e 54 a.C.) foi um poeta latino que presenciou os anos finais do regime republicano romano, um período repleto de guerras civis.

<p>of a panic-stricken and scribbling ghost, through whose phantasmal brain a million frenzies are forever pouring— in vain! in vain!</p>	<p>que ele e a Vanessa estejam nesse momento jogando bridge em uma cabana de tiro. Que coisas curiosas nós temos feito. Eu tenho lido Voltaire ⁴⁷ , Vathek ⁴⁸ e a Madame de Lespinasse⁴⁹; e eu acho que em breve vou para Darwin (Emma) ⁵⁰ . Você realmente começa pela Itália depois de amanhã? Quelle joie!⁵¹ Quando você está entre olivas, de vez em quando você pensa e fica em pânico como um fantasma rascunhando, através de um cérebro fantasmal e um milhão de frenesis sendo eternamente derramados – em vão! em vão!</p>
<p>To my somewhat dilapidated imagination you seem to me, at this particular moment, to be a woman of sound and solid common sense. I rave, and you order a pill for the liver. Is this true? My whole being is so faint and frail that I haven't any idea. My only consolation is that my health, as a matter of fact, is almost tolerable. I am sun-burnt, and I digest. Do write to me if you can. Pippa and Pernel are in a cottage half a mile away, and hundreds of dread relations lurk behind every bush. They are of all varieties-countesses, country cousins, faded civil servants, and young heirs to landed property—and all eminently repellent. I think I</p>	<p>Para a minha um tanto dilatada imaginação, você me parece, neste momento particular, ser uma mulher de perfeito senso comum. Eu fico delirante e você pede uma pílula para o fígado. É verdade? Todo meu ser é tão frágil que não faço a menor ideia. Meu único consolo é que minha saúde, de fato, é quase tolerável. Eu estou queimada do sol e entendo. Escreva para mim se você puder. Pippa e Pernel⁵² estão em um chalé a meia milha, e centenas de relações de terríveis espreitam atrás de cada arbusto. Eles são de toda variedade - condessas, primos do interior, funcionários públicos desbotados, e</p>

⁴⁷ Voltaire (1694-1778): ensaísta e filósofo do Iluminismo francês.

⁴⁸ Vathek (ou Vathek, um conto árabe ou A história do califa Vathek) é um romance gótico escrito por William Beckford (1760-1844) em 1782.

⁴⁹ Jeanne Julie Eleonore de Lespinasse (1732-1776): administradora de um proeminente salão parisiense durante o Iluminismo e escritora profícua de cartas. Sua epistolografia foi publicada em 1809.

⁵⁰ Emma Darwin (1808-1896): esposa do naturalista Charles Darwin (1809-1882). Possivelmente, Strachey esteja referindo-se ao livro *Emma Darwin, wife of Charles Darwin. A century of family letters*, de H.E. Litchfield, publicado em 1904, sem tradução para o português brasileiro.

⁵¹ Em francês: “Que Alegria!”

⁵² Pipa e Pernel eram irmãs de Lytton Strachey, nascidas Philippa Strachey (1872-1968) e Joan Pernel Strachey (1876-1951).

shall make an Encyclopaedia of them. It would be enormously large.	jovens herdeiros de propriedades de terra – e todos eminentemente repelentes. Eu acho que farei uma enciclopédia sobre eles. E seria muitíssimo grande.
Yours, Lytton Strachey	Seu, Lytton Strachey

3.2.8 Carta 8: 30 de agosto de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<i>Manorbier, South Wales. Sunday. [August 30, 1908.]</i>	<i>Manorbier⁵³, South Wales. Domingo. [30 de agosto de 1908.]</i>
<p>Dear Lytton,</p> <p>I haven't heard from Frank Sidgwick, so I expect he must have found some one else to write for him. It would be a charming book to do, but I don't see how I could manage it in the time. I shall be knocking about in Italian Inns, without an inkpot or a scrap of blotting paper, and I suppose, one French novel.</p> <p>Well—I have been spending a delightful holiday, given up to reflection and the beauties of nature. I hardly know how I shall emerge again, or whether I shan't speak in words of one syllable. I live in the greatest discomfort, but have hired a room in another house, where I retire to mumble over Moore, and to exclaim "My wig! What a man!" when I read Racine. Adventures I have none—unless you can count a sage correspondence with Saxon, something after the manner of the Dutch school of painting. He sends me an inventory of his bedroom</p>	<p>Querido Lytton,</p> <p>Eu não ouvi nada sobre Frank Sidgwick, então espero que tenha encontrado alguém que escreva para ele. Seria um livro encantador de fazer, mas eu não vejo como poderia conseguir isso a tempo. Eu deveria estar batendo em tabernas italianas, sem um tinteiro ou mata-borrão, e, eu suponho, um romance francês.</p> <p>Bem – passei um feriado encantador, dado à reflexão e às belezas da natureza. Eu mal sei como emergirei novamente, ou se eu vou falar em palavras de uma sílaba. Eu vivo no maior incômodo, mas tenho mantido um quarto em outra casa, quando eu deitar para resmungar sobre Moore, e exclamar "Minha Peruca! Que homem!⁵⁴", quando eu leio Racine. Aventuras eu não tenho nenhuma – a não ser que você possa contar da sensata correspondência com Saxon, algo depois da maneira da escola holandesa de pintura. Ele me enviou um inventário com seus móveis do quarto, e eu</p>

⁵³ Vila em Pembrokeshire, País de Gales.

⁵⁴ Woolf fez a anotação "My wig" "What a man!" na borda do livro *Fedra* (1677), de Racine.

<p>furniture, and I answer—it's my only defence—with the most dissolute of metaphors. I was also invited to spend a week with the [Bertrand] Russells, and meet Mr. and Mrs. Gilbert Murray, Jane Harrison and [F. M.] Cornford and Miss Sheepshanks. It was a little too elderly: I couldn't face it. Yes Clive spoke very highly of your poems, and I got them out of Nessa at last. They lie on the table before me, and I read them when I happen to be feeling pure. Compliments I know mean nothing to you; nor my green blushes, nor any other form of adulation. If you think of me as a woman of sound common sense, I have a vivid picture of you—an oriental potentate, in a flowered dressing gown.</p> <p>Nessa and Clive seem horribly bored in the Highlands—and no wonder. The Scotch are an amazing people. I spent this morning toiling over a number of Scotch women, your relative Mrs. Grant of Laggan among them; and had to draw largely upon my imagination.</p> <p>O what a mercy to write no more, but to lie on one's back in a vineyard, and let grapes</p>	<p>respondi – é minha única defesa – com a mais dissoluta das metáforas. Eu fui convidada a passar a semana com o [Bertrand] Russells⁵⁵, e conheci o sr. e a sra. Gilbert Murray⁵⁶, Jane Harrison⁵⁷ and [F.M.] Cornford⁵⁸ e a srta. Sheepshanks⁵⁹. Era muita gente idosa junto: eu não conseguia encarar aquilo. Sim, Clive falou elogiosamente dos seus poemas, eu os tirei de Nessa, finalmente. Eles estão na mesa, à minha frente, e eu os leio quando me sinto pura. Sei que os elogios não significam nada para você; nem meus rubores juvenis, nem outra forma de adulação. Se você acha que eu sou uma mulher de sólido bom senso, eu tenho uma imagem viva de você – um potentado oriental, em um vestido de festa florido.</p> <p>Nessa e Clive parecem horrivelmente entediados em Terras Altas – e sem surpresa. Os escoceses são pessoas maravilhosas. Eu passei a manhã trabalhando sobre certas mulheres escocesas, entre elas, tua parente sra. Grant de Laggan⁶⁰; e eu tive de recorrer, em grande parte, a minha imaginação.</p> <p>Oh, que alívio não escrever mais, mas ficar deitada sob uma parreira, e deixar as uvas</p>
---	--

⁵⁵ Bertrand Arthur William Russell (1872-1970): escritor britânico, matemático, filósofo, historiador, crítico social e ativista.

⁵⁶ George Gilbert Aimé Murray (1866-1957), especialista em estudos sobre a Antiguidade Grega e Lady Mary Henrietta Howard (1865-1956), filha de George James Howard (1843-1911), 9º conde de Carlisle.

⁵⁷ Jane Harrison (1850-1928): linguista, biógrafa, feminista e fundadora, com os pesquisadores Karl Kerényi (1897-1973) e Walter Burkert (1931-2015), do que são considerados os estudos modernos em mitologia grega.

⁵⁸ Francis Macdonald Cornford (1874-1943): tradutor e especialista em Filosofia Antiga do Trinity College.

⁵⁹ Mary Sheepshanks (1872-1960): feminista, jornalista, assistente social e militante pelo sufrágio feminino.

⁶⁰ Anne Grant (1755-1838): poeta do início do século XIX. A mãe de Strachey tinha uma conexão familiar remota com os Grant de Rothiemurcus.

drop down one's throat—But I must go and pack—I go to London tomorrow. Yrs. ever, V.S.	caírem na garganta – Mas eu devo ir e me aprontar – eu vou para Londres amanhã. Sua sempre, V.S.
---	---

3.2.9 Carta 9: 27 de setembro de 1908, de Lytton Strachey para Virginia Stephen

<i>67 Belsize Park Gardens, Hampstead, N.W.</i> <i>Sept 27th, 1908.</i>	<i>67 Belsize Park Gardens, Hampstead, N.W.</i> <i>27 de Set. de 1908.</i>
Dear Virginia, I've no idea whether this will reach you. Turner murmured something about Voltaire, so I'm trying a random shot. There's no reason for it, other than mere conversation, and as I gather you're to return very soon there's not much chance of a reply. I returned about a week ago to the London Life, and am already up to the eyes in it.— Very dim and misty I find it. I've been of course to two plays and to Simpson's not to mention the London Library and the Spectator office. I've spent several shillings in taxi-cabs, and at the present moment I'm writing a review of Mr. Swinburne on the Elizabethans. Did you ever hear such a hideous record? You I imagine exhilarated in the Place de la Concorde—is it fine or horrible? Several weeks ago in Scotland	Querida Virginia, Eu não sei se isso irá chegar até você. Turner murmurou algo sobre Voltaire ⁶¹ , então estou tentando um palpite. Não há motivo para isso, além de mera conversa, e como eu acho que você deve retornar muito em breve, não há muitas chances de resposta. Voltei há cerca de uma semana para a vida londrina, e já estou completamente imerso nela. – Muito escura e enevoadada, eu acho. Eu fui, claro, a duas peças e ao Simpson's ⁶² , para não mencionar a biblioteca de Londres e o escritório do <i>The Spectator</i> ⁶³ . Eu gastei vários xelins em táxis e, no momento presente, escrevo uma resenha do sr. Swinburne ⁶⁴ sobre os elisabetanos. Você alguma vez já ouviu um registro tão horrendo? Eu imagino que você se empolgou na Place de la Concorde ⁶⁵ – é bom ou

⁶¹ Hotel Paris Voltaire.

⁶² Simpson's-in-the-Strand: tradicional restaurante londrino, situado no edifício *Savoy Bulding*, que inclui um dos mais famosos hotéis do mundo, o Hotel Savoy. Era o restaurante preferido de Strachey.

⁶³ Revista conservadora, de tiragem semanal e atualmente pertence aos irmãos David and Frederick Barclay. Tanto Woolf, quanto Strachey publicavam resenhas e ensaios na revista.

⁶⁴ Algernon Charles Swinburne (1837-1909): poeta inglês, dramaturgo, romancista e crítico literário. A resenha "A poet on poets" sobre o livro de ensaios *The Age of Shakespeare* (1908), de Algernon Charles Swinburne foi publicada na edição de 3 de outubro de 1908.

⁶⁵ A maior praça pública em Paris. A princípio foi nomeada *Place Louis XV*, com uma estátua do monarca. Durante a Revolução Francesa, a estátua foi derrubada e a praça foi renomeada Place de la Révolution e, por fim, em 1795, a praça recebeu o nome atual como um intuito de apagar as várias execuções realizadas no passado.

I thought for a moment that I should like to be in Paris, but the feeling hasn't returned, and now I think I should burst into tears if I woke up and found myself on the Pont Neuf. If you appeared it might comfort me—dashing the three of you to the Louvre in a cab. But I daresay out of sheer inanition I should let you go by.

There are moments—on the Heath, of course,—when I seem to myself to see life steadily and see it whole, but they're only moments; as a rule I can make nothing out. You don't find much difficulty, I think. Is it because you are a virgin? Or because, from some elevation or another, it's possible to manage it, and you happen to be there? Ah! there are so many difficulties! So many difficulties! I want to write a novel about a Lord Chancellor and his naughty son, but I can't for the life of me think of anything like the shadow of a plot, and then—the British public! Oh dear, let's all go off to the Faroe Islands, and forget the existence of Robin Mayor and Mrs. Humphrey Ward, and drink

horrível? Várias semanas atrás, na Escócia, eu pensei por um momento que eu gostaria de estar em Paris, mas o sentimento não voltou, e agora eu acho que eu deveria explodir em lágrimas se eu acordasse e me encontrasse na Pont Neuf⁶⁶. Se você aparecesse, isso me consolaria – imaginar vocês três indo ao Louvre⁶⁷ em um táxi. Mas eu diria por pura falta de entusiasmo que eu deveria deixar você seguir adiante.

Há momentos – no Heath⁶⁸, é claro, – quando eu pareço ver a vida de forma constante e vê-la por completo, mas eles são apenas momentos; via de regra, eu não consigo distinguir nada. Você não encontra muita dificuldade, eu acho. É porque você é virgem? Ou porque, de uma forma ou de outra, é possível dar um jeito nela, e você está lá? Ah! Há tantas dificuldades! Tantas dificuldades! Quero escrever um romance sobre um Lorde Chanceler⁶⁹ e seu filho impertinente, mas não consigo pensar em nada além da sombra de um enredo e, então, – o público britânico! Ah, querida, vamos todos para as Ilhas Faroé⁷⁰ e esqueçamos a existência de Robin Mayor⁷¹ e da Sra.

⁶⁶ Pont Neuf: a mais antiga das pontes que cruzam o rio Sena, em Paris.

⁶⁷ Louvre (1793-): um dos maiores museus do mundo, instalado no Palácio de Louvre, em Paris.

⁶⁸ Hampstead Heath: conhecido também como Heath. É um antigo parque londrino de aproximadamente 320 hectares que era avistado por Strachey a partir das janelas de sua casa.

⁶⁹ Lord Chancellor: é o segundo nos cargos do estado no Governo britânico, estando abaixo somente do Lord High Steward. Após a morte de Strachey, foram encontrados quatro capítulos de um romance satírico inacabado sob o título de *Lord Pettigrew*.

⁷⁰ Ilhas Féroe ou Ilhas Faroé são um território dependente da Dinamarca, localizado no Atlântico Norte entre a Escócia e a Islândia.

⁷¹ Robert John Grote "Robin" Mayor (1869-1947): foi um Apóstolo de Cambridge e, posteriormente, administrador do King's College.

<p>rum punch of an evening, and live happily ever after! It's really monstrous that we shouldn't be able to. Vanessa would cook for us. Why not?—But you must come back to London first.</p>	<p>Humphrey Ward⁷², e bebamos ponche de rum à noite e vivamos felizes para sempre! É realmente terrível que não devamos ser capazes. Vanessa cozinhará para nós. Por que não? – Mas você deve voltar para Londres primeiro.</p>
<p>Yours ever, Lytton Strachey</p>	<p>Sempre seu, Lytton Strachey</p>
<p>I can't write to this address without sending my respects to the ghost of the dear old skeleton. Will you give them him? Have you seen him yet?</p>	<p>Não consigo escrever para este endereço sem enviar minhas lembranças ao fantasma do querido velho esqueleto⁷³. Você as repassa a ele? Você já o viu?</p>

3.2.10 Carta 10: 04 de outubro de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p style="text-align: right;"><i>29 Fitzroy Square, W. Sunday. [October 4, 1908.]</i></p>	<p style="text-align: right;"><i>29 Fitzroy Square, W. Domingo. [4 de Outubro de 1908.]</i></p>
<p>Dear Lytton, It was charming to get a letter from you in Paris. We came back two or three days ago—Adrian is just back—there are concerts and reviews and Saxon till 3 o'clock in the morning—it's all begun again: We had very successful travels however, and ended with a week in Paris and mild Bohemian society. We drank an immense amount of coffee and sat out under the electric light talking about art. I wish</p>	<p>Caro Lytton, Foi encantador receber uma carta sua em Paris. Nós voltamos dois ou três dias atrás – Adrian acabou de chegar – há concertos e resenhas e Saxon até as 3:00 da manhã – tudo começa novamente. De todo modo, nós tivemos viagens muito bem-sucedidas e terminamos com uma semana em Paris e a amena sociedade Boêmia. Bebemos uma imensa quantidade de café e sentamos sob a</p>

⁷² Mary Augusta Ward (1851-1920): romancista que assinava com o nome de casada “Humphry Ward”. Trabalhou em prol da educação dos mais pobres e fundou a Associação Nacional Feminina Anti-sufrágio (Women's National Anti-Suffrage League) em 1908.

⁷³ Há diversas histórias de possíveis fantasmas em casas nas quais Woolf morou. Uma das mais recorrentes refere-se à casa Asheham, na qual Virginia Woolf já casada com Leonard Woolf, morou entre os anos de 1912 e 1919 e que tanto Virginia quanto Leonard registraram em cartas e diários pessoais os barulhos “fantasmagóricos” da casa. Entretanto, não encontrei informações relevantes que pudessem esclarecer essa referência feita por Strachey especificamente.

<p>we were 10 years younger, or 20 years older, and could settle to our brandy and cultivate the senses. As it was, I sometimes thought of other things—novels and adventures. Why don't you bring off your novel? You must. Plots don't matter, and as for passion and style and immorality, what more do you want?</p> <p>Have you been attending to English literature all this time? I must buy the <i>Spectator</i>. I feel as though I wanted to read through whole libraries—but of course I shan't. There are books all round my chair, and I can't bother to pick them up. Adrian has just told me a dream of his—how he travelled for 40 years with the Hermit of the Dead Sea—It was Saxon.</p> <p>Yr. ever, A. V. S.</p>	<p>luz falando de arte. Eu gostaria de ser 10 anos mais nova, ou 20 anos mais velha, e poderia me acertar com o nosso conhaque e cultivar os sentidos. Por assim dizer, às vezes, eu pensava em outras coisas – romances e aventuras. Por que você não traz o seu romance? Você tem que trazer. Enredos não interessam, e quanto à paixão e o estilo e a imoralidade, o que mais você deseja?</p> <p>Você tem ido às aulas de Literatura Inglesa esse tempo todo? Tenho que comprar um <i>The Spectator</i>⁷⁴. Eu sinto como se eu quisesse ler bibliotecas inteiras – mas claro que não posso. Há livros ao redor da minha cadeira, e eu nem mesmo me disponho a pegá-los. Adrian acabou de me contar um sonho que teve – sobre como ele viajou por 40 anos com o Eremita do Mar Morto – Era Saxon.</p> <p>Sempre sua. A.V.S.</p>
--	---

3.2.11 Carta 11: 17 de novembro de 1908, de Lytton Strachey para Virginia Stephen

<p style="text-align: right;"><i>Penmenner House [The Lizard.]</i> <i>Nov. 17th, 1908.</i></p> <p>Dear Virginia,</p> <p>Ten o'clock. I wonder where you are at this minute—perhaps at Gordon Square. It seems preposterous that you shouldn't all be sitting round the fire here as usual. As it is, imagine</p>	<p style="text-align: right;"><i>Penmenner House [The Lizard.]</i>⁷⁵ <i>17 de Nov. de 1908.</i></p> <p>Querida Virginia,</p> <p>Dez horas. Eu me pergunto onde você está neste momento – talvez na <i>Gordon Square</i>⁷⁶. Parece absurdo vocês todos não estarem sentados ao redor da fogueira aqui</p>
--	--

⁷⁴ A resenha de Strachey sobre o livro de Swinburne havia sido publicada em 3 de outubro e por isso o interesse de Woolf na aquisição do exemplar. Uma menção a esta resenha foi feita na carta de 27 de setembro de 1908.

⁷⁵ Penmenner House é uma construção do século XIX que funciona como uma hospedaria. O escritor irlandês Oscar Wilde (1854-1900) e o poeta Rupert Brooke (1887-1915) hospederam-se lá. Strachey, em uma carta para sua mãe, descreve a casa como “de frente para o mar” (“nose to nose with the sea”).

⁷⁶ Na casa de Vanessa e Clive Bell.

me in extraordinary solitude, willing to sell my soul for a little conversation. How long I shall bear it I haven't the faintest idea. There have already been moments in the long evening when I've shuddered, but Saint Simon supports me, wonderful as ever. Oh, Madame de Chaulnes! Oh, le Président Harlay (for the second time too)! Oh, Mademoiselle Choin! Oh, les Parvuls de Meudon! Don't you wish you'd got to them all? I don't know what I shall do when I come to the end—but that's still 15 ½ volumes off. And I suppose one can always begin again.

I had two charming walks today. I don't think I could ever grow tired of this country. One looks down over precipices into such astounding surges and there are so many changes, and then, when one's tired of the sea, one can begin to attend to the coast, which is divine. The chief excitement of the afternoon was an auction, which occurred a little way down the road, outside a cottage, a variegated crowd of village ladies and gentlemen attending. The auctioneer was red, fat, and raucous, and amazingly (I thought)

como de costume. Por ora, imagine-me em uma solidão extraordinária, disposto a vender minha alma por um pouco de conversa. Quanto tempo eu suportarei, não tenho a menor ideia. Já houve momentos na longa noite em que eu estremeci, mas Saint Simon ⁷⁷ me apoia, maravilhoso como sempre. **Ah, Madame de Chaulnes! Ah, le Président Harlay** ⁷⁸ (pela segunda vez também)! **Ah, Mademoiselle Choin! Ah, les Parvuls de Meudon!** ⁷⁹ Você não gostaria de ter conhecido a todos? Não sei o que devo fazer quando chegar ao fim – mas ainda há 15 ½ volumes. E eu suponho que sempre se pode começar de novo.

Eu fiz duas caminhadas encantadoras hoje. Eu acho que jamais poderia me cansar deste país. Se olhar para baixo sobre os precipícios e para explosões incríveis e há tantas mudanças, e então, quando se está cansado do mar, pode-se começar a frequentar a costa, que é divina. O entusiasmo principal da tarde foi um leilão, que ocorreu logo ao fim da estrada, do lado de fora de um chalé, frequentado por uma multidão variada de senhoras e senhores do vilarejo. O leiloeiro era ruivo, gordo e

⁷⁷ Duque de Saint-Simon (1675-1755): político, memorialista e historiador francês do século XVIII. Strachey dedica sete páginas ao político em seu livro *Landmarks in French Literature* (1912), no qual descreve Saint-Simon como um homem de “temperamento incrivelmente passional combinado com um poder de observação sem precedentes”. (Strachey: (Locais do Kindle 1218). Edição do Kindle).

⁷⁸ “Ah, srta. de Chaulnes! Ah, o presidente Harlay!”. Referência à Claire Charlotte Eugénie D'ailly de Picquigny (1619-1681), a Duquesa de Chaulnes e ao Achille III de Harlay (1639-1712), ambos contemporâneos de Marie de Rabutin-Chantal (1626-1696), a marquesa de Sévigné e frequentadores da corte do rei Luís XIV (1638-1715).

⁷⁹ “Ah, srta Choin! Ah, as crianças de Meudon!”. Referência à Marie-Émilie de Joly de Choin (1670-1732) também conhecida por Mademoiselle Choin, esposa de Luís, o Grande Delfim da França (1661-1711), filho do rei Luís XIV. Devido ao casamento morganático dos dois, ou seja, sem direitos de ascensão de classe social, Marie-Émilie Thérèse de Joly de Choin nunca recebeu o título de Delfina da França.

unsuccessful.—“These two nice little vaises—how much now?—sixpence—did I hear someone say sixpence?—fivepence, then, *going*”—but I didn’t dare to stay very long, for fear of having part of a dinner service and 5 egg cups knocked down to me for eightpence—I’m sure it could have happened if I’d looked at him at a critical moment—in fact it did happen to one poor lady who got a glass lampshade for 3d. quite by accident, and it couldn’t be helped.

Did you find a nice fog waiting for you at Paddington? And how many letters at Fitzroy Square? When you get this it’ll be Thursday, which seems very far off. By that time I daresay I shall be fuming and packing my bag, especially if it rains, and I believe it will, confound it. But it doesn’t matter—it will have been worth it—those two wonderful sunny mornings were alone worth the voyage. Tell Adrian that he’s a perfect pig to have taken away the decent map and left nothing but a little wretch of an object, 600 miles to an inch. Tomorrow perhaps I shall go to Mullion in a motor bus.

rouco, e surpreendentemente (eu pensei) malsucedido. – “Essas duas pequenas e bonitas **vaises**⁸⁰ – quanto agora? – seis centavos – eu ouvi alguém dizer seis centavos? – cinco centavos, então, dou-lhe” – mas eu não me atrevi a ficar muito tempo, por medo de ter parte de um serviço de jantar e 5 porta-ovos arrematados para mim por oito centavos – estou certo de que poderia ter acontecido se eu o tivesse olhado em um momento crítico – na verdade, aconteceu com uma pobre senhora que pegou um abajur de vidro por três centavos meio que por acaso, e isso não poderia ter sido evitado.

Você encontrou uma neblina agradável esperando por você em Paddington⁸¹? E quantas cartas na *Fitzroy Square*? Quando você receber essa será quinta-feira, o que parece muito longe. Nessa hora, eu diria que estarei irritado e fazendo minha mala, especialmente se chover, e eu acredito que vai, infelizmente. Mas isso não importa – valerá a pena – essas duas maravilhosas manhãs ensolaradas por si só valeram a viagem. Diga a Adrian que ele é um verdadeiro porco por ter levado o mapa decente e deixado nada além de um desgraçado de um objeto, 600 milhas⁸² por

⁸⁰ Pelo contexto, a palavra pode ser uma corruptela da palavra “vaisseau” (vaso, em português) ou ainda uma forma arcaica do inglês “vase” (vaso, em português), entretanto não foi possível confirmar completamente nenhuma das hipóteses.

⁸¹ Região central de Londres em Westminster.

⁸² Aproximadamente 965,606 km.

Yours, G. L. S.	uma polegada. Amanhã talvez eu vá até Mullion ⁸³ de ônibus. Seu, G. L. S
-----------------	--

3.2.12 Carta 12: 20 de novembro de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p style="text-align: right;"><i>29 Fitzroy Square, W 20th Nov, [1908]</i></p> <p>Dear Lytton,</p> <p>The Lizard is but a dream to me now. I really can't believe in you at all. The Daily Telegraph talks of "forget-me-nots, primroses and apple blossom" flowering in profusion on the coast. So I think of you as a kind of Venetian prince, in sky blue tights, lying on your back in an orchard, or balancing an exquisite leg in the air while I—It wasn't actually foggy, but worse, a dun coloured mist, through which all the poor and the meat and the gas jets were visible. I had a number of letters, mostly bills, but a scattering of invitations, from Lady Pollock, Trevelyans, and Protheros. I accept them all of course. Last night we had Duncan Grant, who thinks your address is Penzance; and tonight we dine at the Friday Club, off a 2 shilling dinner. It sounds a little pandemoniac; in the</p>	<p style="text-align: right;"><i>29 Fitzroy Square, W 20 de nov, [1908]</i></p> <p>Querido Lytton,</p> <p><i>The Lizard</i> não passa de um sonho para mim agora. Eu realmente não posso acreditar em você. O <i>Daily Telegraph</i>⁸⁴ fala de "não-me-esqueças, primulas e flores de macieira" que florescem em abundância na costa. Então, eu imagino você como uma espécie de príncipe veneziano, em calças azul-celeste, deitado de costas em um pomar, ou equilibrando uma perna requintada no ar enquanto eu – Não estava de fato nebuloso, mas pior, uma névoa parda, através da qual todos os pobres e a carne e os bicos de gás se faziam visíveis. Eu recebi muitas correspondências, a maioria contas, mas alguns convites, de Lady Pollock⁸⁵, dos Trevelyans⁸⁶ e Protheros⁸⁷. Eu aceito todos, é claro. Ontem à noite recebemos Duncan Grant⁸⁸, que pensa que</p>
--	--

⁸³ Vila na península Lizard, ao sul da Cornualha.

⁸⁴ Jornal diário britânico também conhecido como *The Telegraph* foi fundado em 1855.

⁸⁵ Lady Pollock (1846-1935), nascida Georgina Harriet Deffell, era casada com o jurista inglês e professor na Universidade de Oxford, Sir Frederick Pollock (1845-1937). Os Pollock eram muito próximos à família Stephen.

⁸⁶ Família Trevelyan: o historiador George Macaulay Trevelyan (1876-1962), a esposa Janet Penrose Ward (1879-1956) e provavelmente os filhos Mary Caroline (1905-1994) e Theodore Macaulay (1906-1911).

⁸⁷ Sir George Walter Prothero (1848-1922) e Margaret Frances Butcher Prothero (1854-1934). George Prothero era professor de História em Cambridge, diretor da Sociedade Real de Literatura (Royal Society of Literature) e tutor de Woolf. A sra. Prothero fez parte da Cambridge Ladies' Dining Society (1890-1914), um grupo de discussões formado somente por esposas de professores de Cambridge. De acordo com Keynes, as esposas eram um "grupo extraordinário", no qual todas eram "pioneiras em buscas de seus próprios direitos".

⁸⁸ Duncan Grant (1885-1978): pintor, ceramista, membro do grupo Bloomsbury e primo de Strachey.

<p>intervals I try to read Romeo and Juliet! I have a dread lest my St. Simon, about which I was so parsimonious, should be castrated, and when I get where you are, I shall find stars. But it will be a long time before that happens. I want a fire and an arm chair, silence, and hours of solitude. You enjoy all these things, in you island. Do you think much?— have you written more poems? I had cut my novel, and thought it ghastly dull. When shall you come back?</p> <p>By the way, if Esther should approach you with two pairs of scissors, will you stick to them. For some reason I was sent off with two, and came back with none. Adrian meant to leave a map, but packed it, but if you want it he will send it. He has invented a sister taken ill at the Lizard, staying in a friend's house, with appendicitis-crisis lasted 48 hours, but operation avoided (for the present). She had a touch of it in Athens.</p> <p>Yours, A. V. S</p>	<p>seu endereço é Penzance; e esta noite nós jantaremos no Clube da Sexta-feira ⁸⁹, desfrutando um jantar de 2 xelins. Parece um pouco tumultuoso; nos intervalos eu tento ler Romeu e Julieta! Eu tenho um certo medo de que meu St. Simon, acerca do qual eu fui tão parcimoniosa, seja castrado, e quando eu chegar aonde você está, eu talvez encontre estrelas. Mas levará muito tempo até que isso aconteça. Eu quero uma lareira e uma poltrona, silêncio e horas de solidão. Você desfruta de todas essas coisas, em sua ilha. Você pensa muito? – você tem escrito mais poemas? Eu tinha encurtado o meu romance⁹⁰, e achei que ficou horrivelmente chato. Quando você voltará?</p> <p>Por sinal, se Esther⁹¹ se aproximar de você com dois pares de tesouras, você vai ficar com eles. Por algum motivo, fui expulso com dois, e voltei com nenhum. Adrian queria deixar um mapa, mas o colocou na mala, mas se você quiser, ele irá enviá-lo. Ele inventou uma irmã doente no Lizard, que está na casa de um amigo, com uma crise de apendicite que durou 48 horas, mas cuja operação foi evitada (por enquanto). Ela teve um pouco disso em Atenas.</p> <p>Sua, A. V. S.</p>
---	---

⁸⁹ Clube da Sexta-feira: iniciado por Vanessa Stephen em 1905, eram reuniões nas quais os membros debatiam os mais diversos assuntos envolvendo artes, política, estética, dentre outros. As reuniões ocorriam às sextas para não haver coincidência de dias com as Noites de Quinta-feira nas quais o irmão, Thoby Stephen, levava os amigos de Cambridge para debater assuntos semelhantes. A morte de Thoby Stephen uniu os grupos tornando-os o núcleo de Bloomsbury.

⁹⁰ Woolf refere-se ao seu romance *A Viagem*, no qual trabalhou avidamente por nove anos (da concepção até o manuscrito final) e que foi publicado em 1915.

⁹¹ Possivelmente Hester Helena Makepeace Thackeray Ritchie (1878-1963), também conhecida por Esther, filha de lady Ritchie e Richmond Ritchie.

3.2.13 Carta 13: 01 de dezembro de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p>29 Fitzroy Square, W [December 1, 1908]</p>	<p>29 Fitzroy Square, W [1º de dezembro de 1908]</p>
<p>Dear Lytton, I was being suffocated in Lady Pollock’s drawing room this afternoon—you never saw such a sight. I shall be in on Thursday if you could come then. O how those old women spoil my life. Think of the embraces of Mrs. Clifford and Aunt Anny! Yrs. A. V. S.</p>	<p>Querido Lytton, Eu estava sufocando no quarto de desenho da Lady Pollock esta tarde – você nunca viu nada igual. Eu estarei lá na quinta-feira, se você pudesse vir. Oh! Como aquelas velhas senhoras estragam a minha vida. Pense nos abraços da sra. Clifford⁹² e da tia Anny⁹³! Sua, A.V.S.</p>

3.2.14 Carta 14: 25 de dezembro de 1908, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p>29 Fitzroy Square, W [December 25, 1908]</p>	<p>29 Fitzroy Square, W [25 de dezembro de 1908]</p>
<p>Dear Lytton, We have asked the Fishers to come on the 7th – a Thursday. Will you come then – I suppose we must dress. I imagine that you are now leading your Aunt into dinner. We are comatose – ham divine, but turkey oppressive, and we shall lie before the fire, speechless, till bed time. Yrs. V.S.</p>	<p>Querido Lytton, Nós chamamos os Fishers⁹⁴ para vir dia 7 – uma quinta. Você virá então – Eu suponho que nós devemos nos vestir a caráter. Eu imagino que agora você esteja levando a sua tia para jantar. Nós estamos em coma – o porco estava divino, mas o peru opressivo, e agora vamos deitar diante do fogo, sem palavras, até a hora de dormir. Sua. V.S.</p>

⁹² Lucy Clifford (1846-1929), nascida Lucy Lane, era uma escritora e jornalista britânica.

⁹³ Anne Isabella Thackeray Ritchie ou Lady Ritchie (1837-1919): memorialista, romancista e figura central na cena literária vitoriana, filha de William Makespeace Thackeray e Isabella Gethin Shawe (1816-1894). Acredita-se que Woolf inspirou-se nela para criar a personagem Sra. Hilbery no romance *Noite e Dia* (1919), no qual Woolf questiona os valores do casamento e a necessidade da emancipação da mulher.

⁹⁴ Herbert Albert Laurens Fisher (1865-1940): historiador e primo de Woolf, e sua esposa Lettice Ilbert (1875-1956), economista e historiadora.

3.2.15 Carta 15: 03 de janeiro de 1909, de Lytton Strachey para Virginia Stephen

<p><i>Mermaid Club, Rye, Sussex.</i> <i>Jan 3rd. 1909.</i></p>	<p><i>Mermaid Club⁹⁵, Rye, Sussex.</i> <i>3 de jan. de 1909.</i></p>
<p>Dear Virginia,</p> <p>Perhaps you have heard rumours of my flight here. I arrived on Thursday and have been spending the time since in a semi-stupor, among mists and golfers, so that by this time I'm feeling so much à la hashisch that I can hardly imagine that I shall ever be anywhere else, or in fact that anywhere else exists. However, by an effort of will I can just bring to my mind a dim vision of Bond Street, the Heath, and a Square or two. Have you really been there all this time, and are you there still? I shall come and see on Thursday. I wonder if I shall find the Fishers, but if I do I shall be able to speak of nothing but cleeks and greens—though no doubt Herbert would be very well able to cope with that. Besides the golfers there are some of the higher clergy—bishops and wardens—and two lawyers at the chancery bar. Of course these are all golfers as well, so it all comes to very much the same thing. Their conversation is quite amazing, and when I consider that there must be numbers of persons more stupid still, I begin to see the human race en noir. Oh God! Oh God! The slowness of them, the pomp, and the fatuity! They're</p>	<p>Querida Virginia,</p> <p>Talvez você tenha ouvido os boatos sobre minha fuga para cá. Eu cheguei na quinta e, desde então, passeio tempo em uma semi-paralisia, entre névoas e jogadores de golfe, de modo que, no presente momento, eu estou me sentindo tão à la hashisch⁹⁶ que eu mal consigo imaginar poder estar em outro lugar ou, de fato, imaginar que esse outro lugar exista. Contudo, com força de vontade, eu consigo trazer à mente uma vaga imagem da Bond Street, da Heath, e algumas praças. Você realmente esteve aí esse tempo todo, e ainda está? Eu chego e me certifico na quinta. Eu fico me perguntando se verei os Fishers, e se eu vir, eu devo falar de nada além de amenidades — embora não haja dúvida que Herbert seria bem capaz de lidar com isso. Além dos jogadores de golfe, também há o alto clero — bispos e diáconos — e dois advogados na cúria episcopal. Claro que todos são jogadores de golfe, então tudo acaba sendo a mesma coisa. A conversa deles é bem interessante, e quando eu considero que devem existir pessoas ainda</p>

⁹⁵ The Mermaid Inn: pousada histórica em Rye fundada no século XII. No século XVIII foi usada por contrabandistas famosos, como a gangue Hawkhurst.

⁹⁶ Do francês: “para o haxixe”.

certainly at their best when they argue, which they did last night on the subject of cruelty and sport.—“I console myself with the thought that animals themselves are very cruel—of course not stags, no—but look at a weasel!” I shrieked with laughter, and it was quite unnecessary to control myself, because they can notice nothing. Good heavens, how happy they must be!

In the intervals of sleep I read those *Lettres à une Inconnue*, which have troubled us so. They’re an odd mixture of disillusionment and flatness—I don’t know exactly what—very ‘brilliant’ and well written, and yet somehow strangely grey. The French seem to me a melancholy race—is it because they have no imagination, so that they have no outlets when they find themselves (as all intelligent people must) vis-à-vis with the horrors of the world? There’s a sort of dry desperation about some of them which I don’t believe exists with the English—even with Swift. Talking of Great Authors, I’ve seen Henry James twice since I came, and was immensely impressed. I mean only seen with the eye—I wish I knew him! He

mais estúpidas, eu começo a ver a raça humana **en noir**⁹⁷. Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! A lentidão, a pompa e a estupidez deles! Eles certamente são melhores quando discutem, o que fizeram a noite passada discutindo crueldade e esporte. — “Eu me consolo ao pensar que os próprios animais são muito cruéis — claro que não os veados — mas veja uma doninha⁹⁸!” Eu caí na gargalhada, e não foi preciso me controlar porque eles não percebem nada. Céus, eles devem ser muito felizes!

Nos intervalos do sono, eu leio as *Lettres à une inconnue*⁹⁹ que tanto tem nos perturbado. Elas são uma mistura inusitada de desilusão e chatices — eu não sei exatamente o que — muito “brilhantes” e bem escritas, e, de alguma forma, estranhamente tediosas. Para mim, os franceses me parecem uma raça melancólica — será que é, por não terem imaginação, ficam sem saída quando se veem (como todas as pessoas inteligentes devem ficar) face aos horrores do mundo? Há uma espécie de seco desespero em alguns deles, que eu creio não existir nos ingleses — mesmo em Swift¹⁰⁰. Por falar em Grandes Autores, eu vi Henry James¹⁰¹

⁹⁷ Do francês: “em preto”. É preciso ficar atento para não se deixar levar ao equívoco de associar à uma referência ao cinema *noir*, pois a produção de filmes dentro da estética *noir* só se inicia em 1940.

⁹⁸ Literalmente, em português a palavra “weasel” é o gênero de mamíferos “mustela”, da família Mustelidae. As mustelas são popularmente chamados de doninhas ou furões.

⁹⁹ Livro póstumo de cartas de Prosper Mérimée (1803-1870) para Jenny Dacquín, nascida Jeanne-Françoise Dacquín (1811-1895).

¹⁰⁰ Jonathan Swift (1667-1745): escritor satírico, crítico literário e poeta.

¹⁰¹ Henry James (1843-1916): escritor que figura entre os principais autores do realismo na literatura do século XIX.

<p>appeared at his window as I passed the other day—most remarkable! So conscientious and worried and important—he was like an admirable tradesman trying his best to give satisfaction, infinitely solemn and polite. Is there any truth in this? It has since occurred to me that his novels are really remarkable for their lack of humour. But I think it's very odd that he should have written precisely them and look precisely so. Perhaps if one talked to him one would understand.</p> <p>Write to me if you can an enormous letter full of exciting narrative and profound reflexions upon human life. Of course you can—but will you? Even a quarter of a sheet would be an oasis in my desolation. I've been rather ill, but I'm better—I've also been rather upset.—I wish I were a golfer. Has Gordon Square returned yet? What happened at Rumpelmayer's? Has Adrian had another brief?</p> <p>R.S.V.P. Yours, G. L. S</p>	<p>duas vezes desde que cheguei, e fiquei altamente impressionado. Quero dizer, mal o vi — eu queria conhecê-lo! Ele apareceu na janela enquanto eu passava, outro dia — que extraordinário! Tão cuidadoso e atento e importante — ele parecia um admirável vendedor fazendo tudo para agradar, infinitamente solene e educado. Há alguma verdade nisso? Desde então, me ocorreu que seus romances são admiráveis pela falta de humor. Mas eu acho inusitado que ele os tenha escrito de forma tão precisa e tenha a aparência igualmente precisa. Talvez alguém que falasse com ele, o entenderia.</p> <p>Escreva-me, se puder, uma carta enorme, repleta de narrativas emocionantes e reflexões profundas sobre a natureza humana. Claro que você consegue — mas será que vai escrever? Até mesmo um quarto de página seria um oásis em meu desamparo. Estive bem doente, mas agora estou melhor — Também estive bastante triste — Queria ser um jogador de golfe. O <i>Gordon Square</i> já voltou? O que houve no Rumpelmayer¹⁰²? O Adrian teve outra avaliação?</p> <p>R S V P.¹⁰³ Seu, G. L. S.</p>
---	---

¹⁰² Rumpelmayer Café é uma rede de bistrôs de alta classe ao redor do mundo. Woolf frequentava o bistrô situado à rua St James, em Londres. O mesmo é mencionado várias vezes no romance *Mrs Dalloway* (1925).

¹⁰³ R.S.V.P. é a abreviatura da expressão francesa “Répondez S'il Vous Plaît”, em português “Responda por favor”.

3.2.16 Carta 16: 04 de janeiro de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p>29 Fitzroy Sq. [January 4, 1909.]</p>	<p>29 Fitzroy Sq. [4 de janeiro, 1909.]</p>
<p>Dear Lytton,</p> <p>I had heard vaguely of your flight to Rye. Isn't the Mermaid rather dismal—like a battleship in the time of Nelson—I remember creeping into it one day, and an old woman chased me out. I am sorry you have been ill. Was it Christmas? We sat over the fire and watched the snow, in an odd white glare. Now Adrian is down in Wiltshire, tramping in the mud, I suppose; and I don't know what I have been doing—seeing [Mary Sheepshanks], I think. She deluged me till 1.30 in the morning with the most vapid and melancholy revelations—Imagine 17 [Blanks] in a [Birmingham] slum, and [Edith] (so she says) the brightest of the lot—and then she told stories of women betrayed and love rejected, and cold and poverty and old age with the creeping paralysis—and the upshot of it all was that one should reform the divorce laws. That is what I find so depressing about her—She comes to a dead stop in front of some sordid matter of fact.</p>	<p>Querido Lytton,</p> <p>Eu ouvi falar vagamente sobre sua vinda a Rye¹⁰⁴. Não achou a Mermaid um pouco sombria – como um encouraçado nos tempos de Nelson¹⁰⁵ – eu lembro que entrei em um certo dia, mas uma senhora me expulsou. Sinto muito saber que você esteve doente. Foi o Natal? Nós sentamos ao redor da lareira e ficamos olhando a neve, com um estranho brilho branco. Agora, o Adrian está em Wiltshire, andando na lama, creio eu; e eu não sei o que eu estive fazendo – vendo [Mary Sheepshanks¹⁰⁶], eu acho. Ela me inundou até 1:30 da madrugada com as mais insípidas e melancólicas revelações – Imagine a Sheepshanks com 17 anos em uma favela em [Liverpool¹⁰⁷], e Mary (segundo ela) a melhor de todas – e então ela contou histórias sobre mulheres traídas e rejeição amorosa, e frio e pobreza e uma velhice com paralisia crescente – e o resultado de tudo era de que era preciso</p>

¹⁰⁴ Pequena cidade em East Sussex, Inglaterra.

¹⁰⁵ Provavelmente trata-se de uma referência à série de encouraçados tipo “Lord Nelson” construídos pela Marinha real Britânica chamados HMS Lord Nelson e HMS HMS Agamemnon.

¹⁰⁶ Mary Sheepshanks (1872-1960): jornalista, assistente social, pacifista e feminista. No livro *WSL*, o nome de Sheepshanks foi substituído por [Edith Blanks]. Recorri então à publicação *TLVW* para maiores esclarecimentos.

¹⁰⁷ Cidade a noroeste da Inglaterra. É a quinta maior área metropolitana do Reino Unido. No livro de 1956, o nome de Sheepshanks foi substituído por [Birmingham]. Novamente, recorri então à publicação *TLVW* para maiores esclarecimentos.

Like the French she has no outlets. “At the age of 20”, she said, “I ought to have married a curate.” Was that her delicate way of putting it?

You are going to meet the Fishers on Thursday—You and Herbert must talk about Voltaire, and I shall say how I have just been seeing his waxwork at Madame Tussaud’s. I can’t help thinking he is rather a fraud (H. F. I mean). He is impossibly enlightened and humane. She is a bright woman.

I read the letters to the unknown when I was supposed to be boiling goats milk in Athens, and I remember that I found them rather comforting in the circumstances. They seemed so cynical—an arid elderly couple, with all their wits about them. I hate their precise ways.

I am sitting over my fire towards midnight, having put the dog to bed, and have just finished the *Ajax*. The ancients puzzle me—they are either so profound or so elementary, and when one has to spell out every word one can’t tell which. However, there is at least one passage of great beauty although I find that it can be read 20 different ways. Yesterday I saw [Henry Lamb] with his evil

mudar as leis do divórcio. É justamente isso que eu acho deprimente nela – ela faz uma parada brusca frente a uma sórdida questão prática. Como os franceses, ela não tem saída. “Aos 20”, disse ela, “eu deveria ter me casado com um vigário”. Essa foi a maneira delicada dela de se expressar?

Você vai encontrar os Fishers na quinta – você e Herbert devem falar sobre Voltaire, e eu devo falar sobre como eu vi sua réplica de cera no Madame Tussaud. Não paro de pensar que ele parece falso (H. F., quero dizer). Ele é incrivelmente culto e humano. Ela é uma mulher inteligente.

Eu li as cartas para o desconhecido quando eu deveria estar fervendo leite de cabra em Atenas, e eu lembro que as achei bastante consoladoras na circunstância. Eles pareciam tão cínicos – um árido casal de idosos, com toda sua sagacidade. Eu odeio a meticulosidade deles.

Estou sentada perto da lareira por volta da meia-noite, depois de ter colocado o cachorro para dormir, e tendo acabado de ler *Ajax*¹⁰⁸. Os antigos me confundem – eles são ora profundos, ora elementares, e quando temos que explicar cada palavra, não conseguimos saber qual. No entanto, existe, pelo menos, uma passagem de grande beleza, embora eu creia que ela

¹⁰⁸ Tragédia Grega de autoria de Sófocles, escrita por volta do século V.

<p>goat's eyes—and Saxon was there too, and Nessa and Clive. Clive seemed to me depressed, but I think one must ignore it. The Freshfields have asked us to stay: Sidney Lee is coming to tea with me—that is all my news. I have also been asked to write ‘impressions’ of Walter Headlam, for his <i>Life</i>. But they would have to be lies.</p> <p>Now I must go to bed, and read some of my exquisite Cowper.</p> <p>Yr. V. S.</p>	<p>pode ser lida de 20 maneiras diferentes. Ontem, eu vi Henry Lamb¹⁰⁹ com seus maldosos olhos de cabra, e Saxon também estava lá, e Nessa e Clive. Clive me parecia deprimido, mas acho que é bobagem. Os Freshfields¹¹⁰ pediram que ficássemos: Sidney Lee¹¹¹ está vindo tomar chá conosco – estas são as novidades. Me pediram também que eu escrevesse as “impressões” de Walter Headlam¹¹², para o <i>Life</i>¹¹³. Mas elas teriam que ser mentiras.</p> <p>Eu preciso dormir agora, e ler um pouco do meu refinado Cowper¹¹⁴.</p> <p>Sua. V.S.</p>
--	--

3.2.17 Carta 17: 27 de janeiro de 1909, de Lytton Strachey para Virginia Stephen

<p style="text-align: center;"><i>67 Belsize Park Gardens, Hampstead, N. W.</i> <i>Jan. 27th, 1909.</i></p> <p>So shocking! Your glove appeared the minute you'd left the house. I'm afraid you must have shivered without it. I've just</p>	<p style="text-align: center;"><i>67 Belsize Park Gardens, Hampstead, N. W.</i> <i>27 de jan, 1909.</i></p> <p>Tão surpreendente! Sua luva apareceu no instante em que você saiu da casa. Eu receio que você tenha ficado tremendo sem ela.</p>
--	---

¹⁰⁹ Henry Taylor Lamb (1883-1960): pintor e criador do grupo de artistas pós-impressionistas da cidade de Camden. No livro *WSL*, o nome de Henry Lamb é omitido pelos editores porque Woolf faz um comentário depreciativo e em forma de trocadilho com “lamb” (cordeiro) e “goat” (cabra) acerca do pintor, tendo sido substituído apenas por [X]. Recorri então à publicação *TLVW* para maiores esclarecimentos.

¹¹⁰ Douglas William Freshfield (1845-1934), advogado e sua esposa, Augusta Charlotte Ritchie (1847–1911).

¹¹¹ Sidney Lee (1859-1926): biógrafo e crítico.

¹¹² Walter George Headlam (1866-1908): acadêmico helenista de Cambridge, poeta e amigo da família Stephen desde a infância Virginia. Durante os anos de 1906 e 1907, Headlam ofereceu-se para ler os escritos de Woolf, tomar chá e até escreveu-lhe uma carta insinuante após Woolf retornar-lhe um livro emprestado, entretanto o flerte não durou muito, o acadêmico morreu inesperadamente em 1908.

¹¹³ Possivelmente, Woolf refere-se ao livro *Walter Headlam: Life and Poems* que foi organizado pelo irmão de Walter Headlam, o escritor Cecil Headlam Duckworth (1872-1934) e foi publicado em 1910, após a morte de Walter Headlam.

¹¹⁴ William Cowper (1731-1800): poeta citado por Woolf em seu romance *To the lighthouse* (1927).

finished my solitary dinner (the whole of my family are at Brighton, I believe, for suffragism), and now I've settled down for the evening before my gas fire, surrounded by my Maintenon and the Dictionary of National Biography. I envy you, talking at Gordon Square. If I could have my way, I should go out to dinner every night, and then to a party or an opera, and then I should have a champagne supper, and then I should go to bed in some wonderful person's arms. Wouldn't you? When one reflects upon one's pallid actual existence one shudders. But I suppose there are always the triumphs of Art. I forgot to tell you how extraordinary my novel about the Lord Chancellor is becoming, as I lie in bed creating it after breakfast. You never heard such conversations, or imagined such scenes! But they're most of them a little too scabreux, and they're none of them written. What's so remarkable is the way in which I penetrate into every sphere of life. My footmen are amazing, and so are my prostitutes. There's a Prime Minister who should be fine, and there's a don's wife à faire mourir de rire. But it's impossible to get any of it together.

Acabei de terminar meu jantar solitário (toda a minha família está em Brighton¹¹⁵, eu acredito, para o sufrágio), e agora eu acabo de me preparar para a noite na frente da minha lareira a gás, cercado por meu Maintenon¹¹⁶ e o Dicionário de Biografia Nacional¹¹⁷. Eu invejo você, discursando na Gordon Square. Se eu pudesse escolher, eu sairia para jantar todas as noites, e depois para uma festa ou uma ópera, e então teria uma ceia de champanhe, e depois iria para a cama nos braços de alguma pessoa maravilhosa. Você não faria o mesmo? Quando se reflete sobre a existência real pálida de alguém, se estremece. Mas eu suponho que sempre há os triunfos da Arte. Eu esqueci de dizer o quão extraordinário o meu romance sobre o Lorde Chanceler está ficando, enquanto estou deitado na cama, criando isso depois do café da manhã. Você nunca ouviu tais conversas, ou imaginou tais cenas! Mas eles são na maioria um tanto quanto **scabreux**¹¹⁸, e nenhum deles está escrito. O que é tão notável é a maneira pela qual eu penetro em todas as esferas da vida. Meus lacaios são incríveis, assim como as minhas prostitutas. Há um Primeiro-ministro

¹¹⁵ Cidade em East Sussex, no Reino Unido.

¹¹⁶ *Mémoires pour servir à l'histoire de madame de Maintenon* (1757), de Laurent Angliviel de La Beaumelle. Biografia de Françoise d'Aubigné (1635-1719), a esposa secreta de rei Luis XIV e marquesa de Maintenon. A publicação era dividida em 6 tomos, incluindo inúmeras cartas da marquesa para o rei e outros membros da corte.

¹¹⁷ O Dictionary of National Biography é um dicionário biográfico em língua inglesa, publicado pela primeira vez de 1885 a 1901 em 63 volumes, foi editado por Leslie Stephen (1832-1904) – pai de Woolf, e Sidney Lee.

¹¹⁸ Do francês: “escabrosa”.

<p>By the bye, will you send me all the particulars as to the Correspondence? I'm dying to hear from Adrian. I wonder how old I am. Thirty-five? Are you going to write to Lady Eastnor?</p> <p>Yours. G. L. S.</p> <p>I wish you'd come to tea with me every day</p>	<p>que deve estar bem, e há a esposa de um professor à faire mourir de rire¹¹⁹. Mas é impossível juntar tudo isso.</p> <p>A propósito, você poderia me enviar todos os detalhes sobre a Correspondência¹²⁰? Estou morrendo de vontade de ouvir sobre Adrian.</p> <p>Eu me pergunto quantos anos eu tenho. Trinta e cinco? Você vai escrever para Lady Eastnor¹²¹?</p> <p>Seu. G. L. S.</p> <p>Eu queria que você viesse tomar chá comigo todos os dias.</p>
---	---

3.2.18 Carta 18: 28 de janeiro de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p style="text-align: right;"><i>29 Fitzroy Square, W. Thursday [January 28, 1909.]</i></p> <p>Here are the papers. I hope you will see the whole thing—I can't say I do at this moment. Caroline is the most alive to me, with her dead husband Sir Julius, who wore a white slip beneath his waistcoat I imagine, and waxed his moustache. Nessa and Humphry Maitland are discharging their views already. I think you ought to begin at once.</p> <p>Oh what a day! It clings to the fingers and</p>	<p style="text-align: right;"><i>29 Fitzroy Square, W. Quinta [28 de janeiro de 1909.]</i></p> <p>Aqui estão os papéis. Espero que você veja o todo – eu não posso dizer que eu consigo neste momento. Caroline é a mais viva para mim, com seu marido falecido Sir Julius, que usava uma anágua branca embaixo do colete que eu imagino, e encerava seu bigode. Nessa e Humphry Maitland¹²² já estão a despejar suas opiniões. Acho que você deve começar de uma vez.</p> <p>Ah, mas que dia! Ele se agarra aos dedos e se</p>
---	--

¹¹⁹ Do francês: “a morrer de rir”.

¹²⁰ Alguns amigos mais próximos de Strachey propuseram um jogo de troca de cartas, o qual cada um criaria um personagem imaginário no intuito de criar um romance epistolar. As cartas que aqui aparecem, entre 31 de janeiro e 1º de fevereiro, são contribuições para o esquema de correspondências, que por sua vez acabou subitamente. Woolf assinaria suas cartas como Eleanor Hadyng e Strachey como Vane Hatherly.

¹²¹ (Lady) Henry Somerset of Eastnor, nascida Isabella Caroline Somers-Cocks (1851-1921): prima de Woolf, filantropa, ativista pelos direitos das mulheres e líder do movimento Temperança (Temperance movement) que lutava contra o consumo de bebidas alcoólicas.

¹²² Até o momento, não foi possível identificar a pessoa mencionada na missiva.

<p>creeps beneath the nails: Why do you tantalise me with stories of your novel? I wish you would confine your genius to one department, it's too bad to have you dancing like some (oh well—I'll drop the metaphor) over all departments of literature—poetry, criticism (both scientific & humane) art—belles lettres—and now fiction. A painstaking woman who wishes to treat of life as she finds it, and to give voice to some of the perplexities of her sex, in plain English, has no chance at all.</p> <p>My glove was a disreputable object.</p> <p>Here I sit, waiting for Adrian and Saxon to stagger in from the opera, and bury their noses in a pie. Life surely should mean more than this. And yet, it all seems very reasonable. I will ask Saxon.</p> <p>Yr. V.S.</p>	<p>arrasta embaixo das unhas: Por que você me assombra com histórias de seu romance? Eu queria que você confinasse o seu gênio a um departamento, é muito ruim ter você dançando como alguns (ah, bem – vou deixar a metáfora para lá) em todos os departamentos da literatura – poesia, críticas (tanto científicas quanto humanas), arte – belles lettres – e agora ficção. Uma mulher cuidadosa que deseja tratar a vida como lhe convém, e dar voz a algumas das perplexidades de seu sexo, em inglês simples, não tem chance alguma.</p> <p>Minha luva era um objeto de má reputação.</p> <p>Aqui eu estou sentada, esperando que Adrian e Saxon cheguem cambaleando da ópera e enfiem o nariz em uma torta. A vida certamente deveria significar mais do que isso. E, no entanto, tudo parece muito razoável. Vou perguntar a Saxon.</p> <p>Sua. V.S.</p>
--	--

3.2.19 Carta 19: 31 de janeiro de 1909, de Lytton Strachey para Virginia Stephen

<p style="text-align: right;"><i>67 Belsize Park Gardens, Hampstead, N. W.</i> <i>Jan. 31st 1909.</i></p> <p>My dear Miss Hadyng</p> <p>I am visiting my editor on Tuesday, and before I return to my suburb I shall appear in Coram Street, if there's a chance of my</p>	<p style="text-align: right;"><i>67 Belsize Park Gardens, Hampstead, N. W.</i> <i>31 de jan de 1909.</i></p> <p>Minha querida srta. Hadyng</p> <p>Eu estou visitando meu editor na terça, e antes de retornar ao meu subúrbio eu devo aparecer na rua Coram¹²³, se houver uma</p>
--	--

¹²³ Rua do bairro de Bloomsbury. William Makepeace Thackeray morou na rua Coram entre 1837 e 1843. Sua filha Ana nasceu lá em 1840 (ou 38). No livro *Vanity Fair* (1848), de Thackeray, o personagem sr. Tood mora na rua Coram.

<p>finding you and some tea there. I was at the Philips's this afternoon, and found the poor lady in bed, as beautiful as ever. She was very interesting on Lady Eastnor, and on everything else, but was she a little uneasy? I've been immured for so long that I'm out of date—or think I am, and even that's exasperating. To my unaccustomed eye she seemed to be watching dear James more carefully even than usual. Perhaps you will be able to tell me how absurd I am, at tea on Tuesday. If you don't, I warn you that I shall jump to the most extraordinary conclusions; and on the whole I rather hope you won't, because as I advance in life I grow more and more convinced that extraordinary conclusions are the only things I care for.</p> <p>Yours very sincerely Vane Hatherley</p>	<p>chance de encontrá-la e tomar um chá por lá. Eu estive no Philip¹²⁴ esta tarde, e encontrei a pobre senhora¹²⁵ na cama, linda como sempre. Ela estava muito interessada em Lady Eastnor, e em tudo mais, mas não estaria ela inquieta? Eu tenho estado aprisionado por tanto tempo que estou desatualizado. Para os meus olhos desacostumados pareceu-me que a ela estava observando James¹²⁶ mais atentamente do que o de costume. Talvez você possa me dizer o quão absurdo eu sou, durante o chá na terça. Se você não o fizer, eu devo chegar às mais extraordinárias conclusões; e, em geral, eu prefiro não fazer, porque enquanto envelheço, eu fico cada vez mais convencido de que conclusões extraordinárias são as únicas coisas pelas quais me interesso.</p> <p>Sinceramente seu. Vane Hatherley</p>
--	---

3.2.20 Carta 20: 1º de fevereiro de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p style="text-align: right;"><i>29 Fitzroy Square, W. Feb. 1st. [1909.]</i></p> <p>Dear Mr Hatherly, I shall be happy to give you tea tomorrow. If there's one thing a Yorkshire woman can cook, it's a muffin. I missed you by 10 minutes at the Philips' the other day. So</p>	<p style="text-align: right;"><i>29 Fitzroy Square, W. 1o de Fev. [1909.]</i></p> <p>Querido sr. Hatherly, Eu ficarei muito feliz em tomar chá amanhã. Se há algo que uma mulher de Yorkshire sabe cozinhar é um bolinho. Por 10 minutos eu não o encontrei no Philip no outro dia.</p>
---	---

¹²⁴ Possivelmente Strachey refere-se aqui a Philip Edward Morrell (1870–1943), político e esposo da aristocrata e filantropa (Lady) Ottoline Violet Anne Morrell, nascida Ottoline Violet Anne Cavendish-Bentinck (1873–1938).

¹²⁵ Provavelmente Lady Ottoline, esposa de Philip Edward Morrell.

¹²⁶ Pseudônimo de Clive Bell no jogo da correspondência.

you've noticed it then? How clever you are, and how unkind! For don't you think that these "extraordinary conclusions" you like so much may be rather uncomfortable for me and perhaps (though I really won't admit it) a little uncomfortable for Clarissa? We were not happy—no—and yet I know its dangerous to imagine people in love with one, and so I told myself all the time. But James is really—sometimes a woman feels so much older than a man. There! that's worthy of Lady Eastnor. I am thinking of his face, as he helped me on with my cloak, and said good night. I don't admit for a moment that you have any real ground for your "extraordinary conclusions", and I suppose I should do better to say no more about them. You always tempt me to run on, and justify myself and explain myself, with your hints and subtleties and suggestive catlike ways. Could you come early tomorrow—by the bye? Mr. Ilchester has sent me a ticket for the Wagner opera—what d'you call it—and I don't want to miss the overture.

Yours very sincerely

Eleanor Hadyng

Então você percebeu? Tão esperto você e tão indelicado! Não pense que que essas "conclusões extraordinárias" as quais você tanto gosta podem ser bem desconfortáveis para mim e talvez (embora eu realmente não admita) um tanto desconfortável para Clarissa¹²⁷? Nós não estamos felizes – não – e ainda assim eu sei que é perigoso imaginar as pessoas apaixonadas, e então falo isso para mim o tempo todo. Mas James é realmente – algumas vezes uma mulher sente-se tão mais velha que um homem; Isso! Isso é digno de Lady Eastnor. Eu estou pensando em seu rosto, enquanto ele me ajuda a por o casaco e diz boa noite. Eu não admito por um único momento que você tenha motivos para chegar às suas "conclusões extraordinárias", e eu suponho que eu não deva dizer mais nada sobre elas. Você sempre me tenta a me expor e me justificar, com suas insinuações e sutilezas e sugestivos modos. Você poderia chegar mais cedo amanhã – a propósito? O sr. Ilchester¹²⁸ me enviou um bilhete para uma ópera de Wagner – como você acha – e eu não quero perder a abertura.

Sinceramente sua.

Eleanor Hadyng

¹²⁷ Pseudônimo de Vanessa Bell no jogo da correspondência.

¹²⁸ Pseudônimo de Saxon Sydney-Turner no jogo da correspondência.

3.2.21 Carta 21: 9 de fevereiro de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p>29 Fitzroy Square, W. [Feb, 9, 1909.]</p>	<p>29 Fitzroy Square, W. [Feb, 9, 1909.]</p>
<p>I shall be in to tea tomorrow. We are just back half dazed from the opera—six solid hours of it—and if it were properly edited one might get through in 30 minutes.</p> <p>V. S.</p> <p>I laid out 6d. upon the Spectator and was rewarded—only it means I must read another book now.</p>	<p>Eu estarei para o chá amanhã. Nós acabamos de voltar meio atordoados da ópera – seis horas sólidas disso – e se tivesse sido editada de forma apropriada, teria apenas 30 minutos.</p> <p>V. S.</p> <p>Eu gastei 6 centavos no <i>The Spectator</i> e fui recompensado – isso quer dizer que eu devo ler outro livro agora¹²⁹.</p>

3.2.22 Carta 22: 16 de fevereiro de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p>29 Fitzroy Square, W. [February 16, 1909.]</p>	<p>29 Fitzroy Square, W. [February 16, 1909.]</p>
<p>Dear Lytton,</p> <p>Thank you for the shilling—I believe it was only sixpence though—so one day I will give you six coppers. I am sorry you have a cold—you would have died at Oxford. Our marrow was frozen, and our spirit chilled to death. There was [K. L.]—a weak man, I am glad to find, though plausible, and Humphrey Paul—and endless others. Herbert [Fisher]</p>	<p>Querido Lytton,</p> <p>Obrigada pelo xelim – entretanto, eu creio que era apenas 6 centavos – então um dia eu darei seis moedas de cobre para você¹³⁰. Eu lamento que você esteja resfriado – você teria morrido em Oxford. Nossa medula estava congelada, e nossos espíritos congelaram até a morte. Tinha [K. L.]¹³¹—um homem fraco, eu fiquei contente ao</p>

¹²⁹ A resenha “The author of Hudibras” de Strachey sobre o livro *Characters And Passages From Notebooks* (1908), do poeta Samuel Butler (1612-1680) foi publicada no dia 6 de fevereiro de 1909, três dias antes do envio dessa carta.

¹³⁰ Woolf brinca com as diferentes moedas do Sistema monetário da Inglaterra, mencionando diferentes moedas que na realidade representam os mesmos valores (“shilling”, “penny”, “copper”).

¹³¹ Não foi possível identificar a pessoa a qual Woolf refere-se na carta.

<p>gave voice to one profound remark—“G. L. Strachey must be related to Sir Frederick Pollock”.</p> <p>Yr. V. S.</p>	<p>encontrar, embora fosse plausível, Humphrey Paul¹³² — e vários outros. Herbert [Fisher] deu voz a um comentário significativo – “G.L. Strachey gave voice to one profound remark—“G.L. Strachey deve ser comparado a Sir Frederick Pollock¹³³”.</p> <p>Sua. V. S.</p>
--	--

3.2.23 Carta 23: 17 de fevereiro de 1909, de Lytton Strachey para Virginia Stephen

<p><i>7 Belsize Park Gardens, Hampstead, N.W.</i> <i>Feb. 17th 1909.</i></p> <p>I’m still rather agitated and exhausted. I try to imagine you at your Green Street dinner, between Lord Dunsany and Thomas Hardy, but it’s difficult. I do hope you’re cheerful! As for me, I’m all of a heap, and the future seems blank to me. But whatever happens, as you said, the important thing is that we should like each other: and we can neither of us have any doubt that we do. I hope to see Vanessa tomorrow morning. This world is so difficult to manage.</p> <p>Your. Lytton</p>	<p><i>67 Belsize Park Gardens, Hampstead, N.W.</i> <i>17 de fev de 1909.</i></p> <p>Eu ainda estou muito agitado e exausto. Eu tento imaginá-la no seu Green Street dinner¹³⁴ entre lorde Dunsany¹³⁵ e Thomas Hardy¹³⁶, mas é difícil. Eu espero que você esteja alegre. Quanto a mim, eu estou em choque e o futuro parece em branco para mim. Mas independente do que aconteça, como você disse, o mais importante é que devemos gostar um do outro: e nós não podemos ter quaisquer dúvidas de que nos gostamos. Eu espero ver Vanessa amanhã de manhã. Esse mundo é tão difícil de lidar.</p> <p>Seu. Lytton</p>
--	---

¹³² Possivelmente refere-se Humphrey Paul, do curso de História de New College, pertencente ao círculo de amigos de Maynard Keynes. Não há maiores informações disponíveis sobre Paul.

¹³³ Sir Frederick Pollock (1845-1937): jurista inglês e professor na Universidade de Oxford.

¹³⁴ A rua Green está localizada no bairro de Newham e é bastante famosa pela sua variedade de restaurantes.

¹³⁵ Edward John Moreton Drax Plunkett, 18º Barão de Dunsany (1878-1957): escritor e dramaturgo que assinava seus trabalhos como Lorde Dunsany.

¹³⁶ Thomas Hardy (1840-1928): romancista e poeta.

3.2.24 Carta 24: 4 de junho de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p><i>29 Fitzroy Square, W. June 4th [1909.].</i></p>	<p><i>29 Fitzroy Square, W. 4 de junho [1909.].</i></p>
<p>Dear Lytton,</p> <p>I hear that we missed you at Cambridge the other day. We had an exquisite vision of the place. There was a wonderful young man in a shooting jacket and black trousers, with the head of a Faun— who was he? I daresay you know.</p> <p>The whirl of the London season is upon us. We are entertaining Jack Pollock. Lady Ottoline [Morrell]. I am penetrating into the most mysterious places. There is a Jewess who spends 50 guineas on a hat, and wishes to meet me, not that we may exchange views on that subject, I imagine. We see her at the opera, where she displays a wonderful arm upon the ledge of her box. Then, upstairs we meet Charlie Sanger, and Saxon and the great Mr. Loeb who has the finest collection of operatic photographs and autographs in Europe. [Saxon—however that subject is beaten red. We are taking him to a Fancy Dress Ball, he is appearing in the character of Gunnar.]</p> <p>I am absorbed in Michelet. Is it really a vile</p>	<p>Querido Lytton,</p> <p>Eu soube que sentimos a sua falta em Cambridge no outro dia. Nós tivemos uma excelente visão do lugar. Havia um jovem maravilhoso vestido em um jaquetão e em calças pretas, com a cabeça de um Fauno – quem era ele? Eu diria que você sabe.</p> <p>O turbilhão da estação Londrina está sobre nós. Estamos entretendo Jack Pollock¹³⁷. Lady Ottoline [Morrell]. Estou penetrando nos lugares mais misteriosos. Existe uma judia que gasta 50 guinéus em um chapéu, e que deseja me conhecer, não que possamos trocar opiniões sobre esse assunto, imagino. Nós a vemos na ópera, onde ela exhibe um braço maravilhoso sobre a borda de seu camarote. Em seguida, no andar de cima, encontramos Charlie Sanger, e Saxon e o grande sr. Loeb¹³⁸ que tem a melhor coleção de fotografias e autógrafos de ópera na Europa. [Saxon – entretanto esse assunto está muito batido. Nós o estávamos convencendo a ir à Festa à fantasia, ele vestiria-se de Gunnar¹³⁹]¹⁴⁰</p>

¹³⁷ Jack Pollock: amigo de Toby Stephen. Um dos primeiros a frequentar às reuniões de quinta à noite em 1905, junto com Ralph Hawtrey, Walter Lamb, Robin Mayor, D. MacCarthy, Lytton Strachey, S. Sydney-Turner, Leonard Woolf e Hilton Young.

¹³⁸ Sydney J. Loeb (1877-1964): bem-sucedido operador da bolsa de valores.

¹³⁹ Possivelmente Woolf estaria falando do personagem da literature medieval, o rei Gunnar.

¹⁴⁰ Trecho omitido pelos editores na edição de 1956, constando apenas [...]. Recorri então à publicação *TLVW* para maiores esclarecimentos.

<p>book? It is thus that I should write the history of the Restoration if I were a man.</p> <p>We stayed with the Freshfields a week ago. Nature and art did their best; it was sumptuous; but they were like wax-works, slightly running in the sun, except for Gussie, who has the spirit of a Roman Empress. I daresay she is a hard woman. We sat in a little summer house and discussed the immortality of the soul, and mid-Victorian scandal. I never saw anything so remote as she and poor Douglas. He seems to have stiffened all over, and is now practically jointless.</p> <p>This is only by way of conversation; and you must not answer, if writing is a bore, as I daresay it is.</p> <p>Heaven knows what address I am to put.</p> <p>Yours ever, V.S</p>	<p>Eu estou absorta em Michelet¹⁴¹. Trata-se realmente de um livro vil? É assim que eu deveria escrever a história da Restauração se eu fosse um homem.</p> <p>Nós ficamos com os Freshfields¹⁴² há uma semana. A natureza e a arte fizeram o seu melhor; foi suntuoso; mas eles eram como obras de cera, correndo sutilmente ao sol, exceto Gussie¹⁴³, que tem o espírito de uma imperatriz romana. Eu diria que ela é uma mulher dura. Nos sentamos em um pequeno chalé e discutimos a imortalidade da alma e o escândalo da metade da era vitoriana. Eu nunca vi nada tão remoto como ela e o pobre Douglas. Ele parece ter enrijecido por toda parte, e agora está praticamente sem articulações.</p> <p>Isso é apenas uma forma de conversa; e você não deve responder, se escrever for um tédio, como eu diria que é.</p> <p>Deus sabe o endereço que devo colocar.</p> <p>Sempre sua. V.S</p>
---	---

3.2.25 Carta 25: 25 de junho de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p style="text-align: right;"><i>29 Fitzroy Square, W.</i> <i>Friday. [June 25, 1909.]</i></p> <p>Dear Lytton,</p> <p>Why don't you come and see me—or am I a</p>	<p style="text-align: right;"><i>29 Fitzroy Square, W.</i> <i>Sexta [5 de junho, 1905]</i></p> <p>Querido Lytton,</p> <p>Por que você não vem me ver – ou estou</p>
---	---

¹⁴¹ Jules Michelet (1798-1874): filósofo e historiador francês.

¹⁴² O advogado e escritor Douglas William Freshfield (1845- 1934) e a esposa Augusta Charlotte Ritchie (1847–1911). A casa da família Freshfield foi um centro de encontros sociais e culturais no final da era vitoriana e era frequentemente visitada tanto pela família Strachey quanto pelos Stephens.

¹⁴³ Augusta Charlotte Ritchie (1847–1911), também chamada pelos amigos de Gussie.

<p>brazen hussy to ask you—however I'll risk it. I shall be in today, or Tuesday for tea, and it would be charming to see you.</p> <p>Society is very hollow. I am going to write about Sterne. Would [you] lend me a book called the <i>Princesse de Cleves</i>? The L.L. has lost it.</p> <p>Yours ever, V. S.</p> <p>Such a night last night—Dodd feeling compelled, as a Blacksmith's grandson, to tell Lady Ottoline that he was—constipated!</p>	<p>sendo muito assanhada em pedir? – de qualquer modo, arrisco-me. Eu estarei em casa hoje, ou terça para o chá, e seria um encantador ver você.</p> <p>A sociedade é muito vazia. Eu vou escrever sobre Sterne¹⁴⁴. Você poderia me emprestar um livro chamado <i>Princesse de Clèves</i>¹⁴⁵? A L.L.¹⁴⁶ perdeu-o.</p> <p>Sempre sua, V.S.</p> <p>Que noite incrível foi a noite passada – Dodd¹⁴⁷ sentindo-se obrigado, como um neto de um ferreiro, à lady Ottoline que ele estava – constipado!</p>
--	---

3.2.26 Carta 26: 6 de outubro de 1909, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p style="text-align: right;">29 F. S.</p> <p style="text-align: center;"><i>Wednesday [October 6, 1909.]</i></p> <p>Dear Lytton,</p> <p>I am told that you came here the other day, when I was away. I was just writing to ask you to dine with us when I hear from Nessa that you have disappeared to some seaside Inn, dragging with you Mr. Norton, whom I dare not call by any other name, who was to have taken Ottoline off our hands tomorrow. God knows what will happen now. She will languish like a sick and yellow alligator. To make up, you must write and say what you're</p>	<p style="text-align: right;">29 F. S.</p> <p style="text-align: center;"><i>Quarta-feira 6 de outubro, 1909.]</i></p> <p>Querido Lytton,</p> <p>Me disseram que você veio aqui no outro dia, quando eu estava fora. Eu estava acabando de escrever para pedir-lhe para jantar conosco quando eu ouvi da Nessa que você desapareceu rumo a uma pousada à beira-mar, arrastando com você o Sr. Norton¹⁴⁸, a quem eu não ousou chamar por qualquer outro nome, que deveria tirar a Ottoline de nossas mãos amanhã. Deus sabe o que acontecerá agora. Ela padecerá como um jacaré doente e</p>
---	--

¹⁴⁴ Laurence Sterne (1713-1768): romancista e clérigo anglicano.

¹⁴⁵ *A princesa de Cleves* (1687), de Madame de Lafayette (1634-1693).

¹⁴⁶ Biblioteca de Londres, em inglês "London Library".

¹⁴⁷ Francis Dodd (1874-1949): pintor.

¹⁴⁸ Possivelmente o matemático de Cambridge Harry T.J. Norton, também frequentador das reuniões de quinta-feira.

<p>after. Our summer has been strange scarcely credible indeed, what with American prima donnas needing advice in their bedrooms, and asking questions about Saxon, in private, and young men from Cook's, and pure English maidens, among whom I have no right to class myself. Anyhow, we have seen what people call life. Now we are back again, living on culture chiefly, the Sangers, and King Lear, and the memory—alas it fades! of conversations with Walter Lamb. I wish (as usual) that earth would open her womb and let some new creature out. They are grown very stale, and one will have to go back to nature I foresee.</p> <p>How are you? I hope you got some good in your retreat—did you have adventures?</p> <p>Nessa and Clive come back tomorrow.</p> <p>Yr. ever, V.S.</p>	<p>amarelo. Para compensar, você deve escrever e dizer o que você está procurando. Nosso verão tem sido estranho – quase não acreditável de fato, por conta das prima donnas americanas que precisam de conselhos em seus quartos, e que fazem perguntas sobre Saxon, em particular, e dos jovens homens de Cook's e as donzelas inglesas puras, entre as quais não tenho o direito de me classificar. De qualquer forma, nós temos visto o que as pessoas chamam de vida. Agora estamos de volta, vivendo principalmente na cultura, os Sangers e o Rei Lear, e a lembrança – infelizmente ela desaparece! – de conversas com Walter Lamb¹⁴⁹. Eu queria (como de costume) que a Terra abrisse seu ventre e deixasse uma nova criatura sair. Eles têm ficado muito sem graça, e alguém terá que voltar para a natureza, eu presumo.</p> <p>Como você está? Espero que você tenha conseguido algum bem em seu retiro – você teve aventuras?</p> <p>Nessa e Clive voltam amanhã.</p> <p>Yr. Ever. V.S.</p>
---	---

3.2.27 Carta 27: 13 de outubro de 1909, de Lytton Strachey para Virginia Stephen

<p><i>Belvidere Mansion Hotel, 61, King's Road, Brighton.</i> <i>Oct. 13th. 1909.</i></p> <p>I hope to come tomorrow evening, or at any</p>	<p><i>Belvidere Mansion Hotel, 61, King's Road, Brighton.</i> <i>13 de out de 1909.</i></p> <p>Eu espero chegar amanhã à noite, ou de</p>
---	---

¹⁴⁹ Sir Walter Rangeley Maitland Lamb (1882-1961): escritor, tradutor e irmão de Henry Taylor Lamb.

<p>rate to tea on Friday. On Saturday I go to my moated grange. If I can, I shall stay there for ever, but I suppose I can't. My health seems still to be something of a Mahomet's coffin. However, vogue la galère!</p> <p>Yours. Lytton</p>	<p>qualquer forma para o chá na sexta. No sábado eu vou para a minha Fortaleza. Se eu pudesse, ficaria lá para sempre, mas suponho que não possa. Minha saúde parece algo como o caixão de Maomé. Mas, vogue la galère¹⁵⁰!</p> <p>Seu. Lytton</p>
---	---

3.2.28 Carta 28: 26 de novembro de 1909, de Lytton Strachey para Virginia Stephen

<p style="text-align: right;"><i>Pythagoras House, Cambridge.</i> <i>Nov. 26th [1909.].</i></p> <p>I learn that you are to be at the George Darwin's. Dear [Arthur] has been asked there to supper to meet you: I have not. Couldn't you have lunch here on Monday? You might perhaps apparently go away in the morning. It seems melancholy not to meet. I shall call there at the tea hour, and try to intrigue, but it will be difficult.</p> <p>The so-called Greek Play has begun. I imagine you will go on Saturday. How dreadfully bored you'll be, to be sure! I hear, too, that there's to be no one beautiful.</p> <p>Yr. G. L. S</p>	<p style="text-align: right;"><i>Pythagoras House¹⁵¹, Cambridge.</i> <i>26 de nov [1909.].</i></p> <p>Hoje aprendi que você é o melhor sobre o George Darwin ¹⁵². O querido Arthur ¹⁵³ perguntou durante o jantar quanto irá conhecer você: não respondi. Você poderia almoçar aqui na segunda? Aparentemente vai embora amanhã de manhã. Parece-me melancólico não vê-la. Eu ligarei na hora do chá, e tente mostrar-se interessada, mas será difícil.</p> <p>A tal peça grega ¹⁵⁴ começou. Eu imagino que você irá no domingo. Você ficará terrivelmente aborrecida, certeza! Também ouvi que não há ninguém bonito.</p> <p>Seu. G.L.S</p>
---	--

¹⁵⁰ Do francês: algo próximo à “avancemos”, “sigamos”.

¹⁵¹ Durante a construção das variadas faculdades em Cambridge, entre 1284 e 1596 (conhecidas como as “antigas”) e 1800 e 1977 (conhecidas como as “novas”), inúmeros hotel, albergues e pousadas também foram abertos no intuito de abrigar os alunos. A *Pythagoras House* é uma dessas pousadas e acredita-se que a referência ao matemático grego Pitágoras (570–c. 495 a.C) deve-se ao formato da casa assemelhar-se à letra “Y”.

¹⁵² George Howard Darwin (1845-1912): astrônomo e matemático.

¹⁵³ Possivelmente o político Sir Arthur Lawrence Hobhouse (1886-1965).

¹⁵⁴ *As vespas* (422 a.C.), de Aristófanes (447 a.C.-385 a.C.). Em novembro de 1909, o grupo de ballet Diaghilev estava apresentando uma segunda temporada da peça em Londres, como música incidental composta por Ralph Vaughan Williams (1872-1958).

3.2.29 Carta 29: 6 de novembro de 1911, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p><i>29 Fitzroy Square, W. [November 6, 1911]</i></p>	<p><i>29 Fitzroy Square, W. [6 de novembro, 1911]</i></p>
<p>Dearest Papa,</p> <p>Will it suit you to come to the dancers tomorrow night—dining here at 7.30 first? They're only amphitheatre this time; but when they do the other thing we will go to the stalls.</p> <p>Life is very full—so full that my head is chock full down to the very nostrils, and strain as I may, nothing comes out. I've just come back from the Cornfords—from the 7th Symphony, from a scene with ———, from an interview in a W.C. and, while I wash my teeth, a painter sings on a board outside my window. Who was my mother by the way, Lady S. [Strachey]?</p> <p>Yr. Affectionate daughter,</p> <p>VS</p> <p>If you can't come, telephone. Wrap up well—especially the left foot. Bring your muffler, blue spectacles, and lozenges.</p>	<p>Queridíssimo papai,</p> <p>Você gostaria de ir ver os dançarinos amanhã à noite – jantando aqui às 7:30 antes? Eles estão apenas no anfiteatro dessa vez, mas enquanto eles fazem a outra coisa nós iremos ao palco baixo.</p> <p>A vida é muito cheia – tão cheia que minha cabeça está lotada até o nariz, e mesmo me esforçando muito, não sai nada. Eu acabo de voltar do Cornfords¹⁵⁵ — da 7ª sinfonia, com uma cena com — —¹⁵⁶, de uma entrevista em um banheiro¹⁵⁷ e, enquanto eu escovo meus dentes, um pintor canta em uma madeira do lado de fora a minha janela. Quem foi minha mãe a propósito, Lady Strachey?</p> <p>Sua afetuosa filha.</p> <p>VS</p> <p>Se você não puder vir, ligue. Enrole-se bem, principalmente o pé esquerdo. Traga seu cachecol, seus óculos azuis e pastilhas.</p>

¹⁵⁵ A poeta Frances Crofts Cornford (1886-1960) e o seu esposo Francis Macdonald Cornford (1874-1943), escritor e tradutor.

¹⁵⁶ Não foi possível identificar a pessoa a qual Woolf faz referência na carta.

¹⁵⁷ Em inglês “water closet”.

3.2.30 Carta 30: 20 de novembro de 1911, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<i>Monday [November 20, 1911.]</i>	<i>Segunda [20 de novembro, 1911.]</i>
9.30	9.30
<i>The Vienna Café.</i>	<i>The Vienna Café.</i>
<p>Will you come to the dancers tomorrow? I hope to get stalls. You will sit between two seductive women.</p> <p>If you can't come, would you telephone to Gordon Sq. If you can, will you meet us in the box office hall (I mean the ordinary big hall) at the opera, 25 minutes past 8—the opera beginning at 8.30, I presume, being out of the way of reading newspapers. My God!—whatever you do, put all your wits into few volumes. All day I've been lifting Swift, Dryden, Carlyle—such mountains they wrote, and only half an inch worth reading. I can't offer you dinner—but will you come to tea with me on Friday? There may be just room for your legs and a tea cup on the point of the knee by then. I've just been dining in this sordid place alone, and chose all the wrong things. The waiter has been cheeky to the young lady—she threatens to tell Mr. Joseph.</p> <p>Now I go back to break my first bed in Brunswick—what is the right, yet delicate</p>	<p>Você virá para os dançarinos amanhã? Eu espero conseguir ficar no palco baixo. Você sentará entre duas mulheres sedutoras.</p> <p>Se você não puder vir, ligue para a Gordon Square. Se você puder vir, você nos encontrará na bilheteria (quero dizer no salão grande) da ópera, às 8:25 – a ópera começa às 8:30, eu imagino, não estava nos jornais. Meu Deus! – o que quer que você faça, traga toda a sua sagacidade. Durante todo o dia eu li Swift, Dryden¹⁵⁸, Carlyle¹⁵⁹ – cada calhamaço que eles escreveram e somente uma parte vale a pena ler. Não posso oferecê-lo jantar – mas você poderia vir para tomar o chá comigo na sexta? Haverá espaço para as suas pernas e uma xícara de chá ao alcance do joelho até lá. Eu tenho jantado nesse lugar sórdido sozinha e escolhi todas as coisas erradas. O garçon foi atrevido com a jovem moça – ela ameaça contar ao sr. Joseph.</p> <p>Agora eu voltarei para quebrar minha primeira cama em Brunswick¹⁶⁰ – qual é a</p>

¹⁵⁸ John Dryden (1631-1700): poeta, crítico literário e dramaturgo britânico.

¹⁵⁹ Thomas Carlyle (1795-1881): historiador, escritor e ensaísta escocês.

¹⁶⁰ A expressão informal “to break the bed” está associada a “fazer sexo até quebrar a cama”, o que seria uma brincadeira visto que Woolf ainda era virgem à época. Tal brincadeira faz sentido dentro do contexto que Woolf e o irmão Adrian tinham acabado de mudar para uma casa na praça Brunswick. De acordo com os

expression? Yrs. V. S. Your ticket will be sent in the course of the day. No: I will bring it with me.	expressão correta, mas ainda assim delicada? Sua. V.S. Seu ingresso será enviado durante o dia. Não: eu o levarei comigo.
---	--

3.2.31 Carta 31: 16 de fevereiro de 1912, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<i>38 Brunswick Square, W.C.</i> <i>[February 16, 1912.]</i>	<i>38 Brunswick Square, W.C.</i> <i>[16 de Fevereiro de 1912.]</i>
Dear Lytton, I've got to spend 2 weeks in bed. Could you be angelic and send me the Memoirs of Miss Berry? I expect they'd do splendidly: and I'll take immense care not to spot them. I hope you are well. Woolf has all your manuscripts and letters. Letters amazing! My God what an insight I have now in to that cosmogony! Yr. V.S.	Querido Lytton, Eu estou passando duas semanas na cama. Você poderia ser angelical e me enviar Memoirs of Miss Berry ¹⁶¹ ? Eu imagino que elas devam ser esplêndidas: e eu terei o maior cuidado para não sujá-las. Eu espero que você esteja bem, Woolf ¹⁶² tem todos os seus manuscritos e cartas. Cartas incríveis. Meu Deus que percepção eu tenho agora a respeito dessa cosmogonia. Sua. V.S.

3.2.32 Carta 32: 21 de maio de 1912, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<i>38 Brunswick Square, W.C.</i> <i>21st May [1912.]</i>	<i>38 Brunswick Square, W.C.</i> <i>21 de maio [1912.]</i>
Dear Lytton, How difficult it is to write to you! It's all	Querido Lytton, Como é difícil escrever para você! É toda

editores do livro de 1956, a frase estava riscada, como se Woolf tivesse arrependido-se de escrevê-la. Entretanto não estava arrependida o suficiente para riscá-la de modo a ficar ilegível.

¹⁶¹ *Memoir of Miss Berry* (1866), de R. M. Milnes.

¹⁶² Leonard Sidney Woolf (1880-1969): teórico político, escritor, editor e futuro esposo de Virginia Woolf. Era um Apóstolos de Cambridge, amigo de Thoby Stephen e Lytton Strachey. Foi um dos membros fundadores do socialista Clube de 1917 (1917 Club) que se encontrava na Gerard Street, em Soho.

Cambridge—that detestable place; and the ap—s—les are so unreal, and their loves are so unreal, and yet I suppose it’s all going on still—swarming in the sun—and perhaps not as bad as I imagine. But when I think of it, I vomit—that’s all—a green vomit, which gets into the ink and blisters the paper. How is your tragedy comedy? and are you aware that [Arthur’s] been satisfactorily delivered—are you aware of June 5th, and the treat? We go up the river, swing, eat, make merry; that’s plain sailing; but afterwards in the dusk, in the college garden, with Jane Harrison to make proclamation, we have the tragedy from start to finish, and Choristers hidden in the Elms sing [Arthur’s] songs to [Arthur’s] music. There’s no escaping. And after that, cold salmon and lemonade in the moonlight.

London is not rich in news—Dora’s alive and so is Charlie; and they don’t dress in black because their father’s dead. [Then Bobo Meinertzhagen has broken off her engagement with Brother Mayor because he

Cambridge – aquele lugar detestável; e apóstolos de Cambridge¹⁶³ são tão irrealis, e seus amores são tão irrealis, e mesmo assim eu suponho que tudo esteja acontecendo tranquilamente – aglomerando-se ao sol – e talvez não tão ruim quanto eu imagino. Mas quando penso nisso, eu vomito – isso é tudo – um vômito verde, que entra na tinta e empola o papel. Como está sua comédia trágica? e você está ciente de que [Arthur’s] foi entregue satisfatoriamente – você está ciente de 5 de junho, e o presente? Nós subimos o rio, balançamos, comemos, nos divertimos; isso é muito fácil; mas depois ao anoitecer, no jardim da faculdade, com Jane Harrison para proclamar, temos a tragédia do início ao fim, e coristas escondidos nos ulmeiros cantam canções [Arthur’s] para a música [Arthur’s]. Não há escapatória. E depois disso, salmão frio e limonada à luz da lua.

Londres não tem muitas novidades – Dora está viva e Charlie¹⁶⁴ também; e eles não se vestem de preto porque o pai está morto. [Então Bobo Meinertzhagen¹⁶⁵ desfez seu noivado com o irmão Mayor¹⁶⁶ porque a ele

¹⁶³ Os Apóstolos de Cambridge ou ainda a Sociedade de Conversação de Cambridge (Cambridge Conversazione Society) foi fundada por George Tomlinson (1794-1863) em 1820 e era uma fraternidade da elite intelectual da Universidade de Cambridge que selecionava seus membros a partir das faculdades de Christ, St John, Jesus, Trinity e King. Alguns Apóstolos de Cambridge fizeram parte do Círculo de Bloomsbury, outros apenas frequentavam às reuniões, entre os apóstolos citamos E. M. Forster, John Maynard Keynes, G. E. Moore Leonard Woolf, Lytton Strachey, James Strachey e Rupert Brooke.

¹⁶⁴ Dora e Charlie Sanger.

¹⁶⁵ Katherine Beatrice “Bobo” Mayor (nascida Katherine Beatrice Meinertzhagen, 1885-1971): poeta, romancista e dramaturga.

¹⁶⁶ Robert John Grote “Robin” Mayor (1869-1947): teórico da educação e um dos apóstolos de Cambridge.

lacks imagination, but still she exclaims, “He is the best man in the world!” Don’t you think its time that ambling vague young ladies were taught their places? She is a sentimental Jewess —but you know her] Nessa has got over the measles, and they trail about Italy, rather uncomfortably I expect, and Clive takes the thermometer to bed with him. As for Thomas Hardy, he’s a great man; his style is not made to fit, but what of that? If we had but his ribs, his thighs, his stomach and his entrails! As a matter of fact this is more hearsay than anything else; and I dont know what vapours overcome me in Bedford Square; I ramble like a drunken moth. Desmond, who is now dusty as a very old bottle of brandy, turns up for lunch—tea—dinner; and we go over the story of Donne’s life. As the greater part of the history of England is somehow coming in, the book will be apoplectic. He is going to be as prolific as Miss Broughton “One volume and a half every year” he says—What’ll the half volumes be d’you think? Hom was here once, the attenuated Forster, and a very great writer called Bojer. Ask Desmond about him when you meet. His theme is Conscience.

falta imaginação, mas ela ainda exclama “Ele é o melhor homem do mundo!” . Você não acha que é tempo dessas relaxadas jovens moças serem ensinadas os seus lugares? Ela é uma judia sentimental – mas você a conhece]¹⁶⁷. Nessa superou o sarampo, e eles trilham pela Itália, bastante desconfortáveis eu acredito, e Clive leva o termômetro para a cama com ele. Quanto a Thomas Hardy, ele é um grande homem; seu estilo não é feito para se adequar, mas e daí? Se apenas tivéssemos suas costelas, suas coxas, seu estômago e suas entranhas! Na verdade trata-se mais de rumores do que qualquer outra coisa; e não sei o que tem me abatido em Bedford Square¹⁶⁸; eu caminho como uma mariposa bêbada. Desmond ¹⁶⁹, que agora está empoeirado como uma garrafa muito velha de conhaque, aparece para almoço – chá – jantar; e examinamos a história da vida de Donne¹⁷⁰. Como a maior parte da história da Inglaterra está de alguma forma surgindo, o livro será apoplético. Ele será tão prolífico quanto a srta. Broughton¹⁷¹ “Um volume e meio a cada ano”, ele diz: “O que serão os meios volumes, você consegue imaginar? Hom¹⁷² esteve aqui uma vez, o atenuado

¹⁶⁷ Trecho omitido pelos editores na edição de 1956, constando apenas [...]. Recorri então à publicação para maiores esclarecimentos.

¹⁶⁸ Casa de lady Ottoline.

¹⁶⁹ Desmond MacCarthy (1877-1952): jornalista, crítico literário e membro dos Apóstolos de Cambridge.

¹⁷⁰ John Donne (1572-1631): poeta. É considerado um dos maiores representantes da poesia metafísica de sua época.

¹⁷¹ Rhoda Broughton (1840-1920): escritora de contos e romances. Por causa do forte interesse que seus livros despertaram no início do século XX, foi apelidade de “a rainha das bibliotecas”.

¹⁷² Hugh Owen “Hom” Meredith (1878-1964): professor de Economia e amante de E.M. Forster durante seu período em Cambridge. Forster dedicou-lhe o livro *A Room with a View*, em 1908.

<p>But the most interesting thing to observe, as I have often told you, is not these distinguished spirits, but the humble ones, the slightly touched, the eccentric. Alas! you're not interested in them, or I would tell you the story of Mary Coombes and the German student.</p> <p>One more piece of gossip reaches me for your ear alone—that Pernel, after seeing several students wearing white spats, at once took to her bed, and sacrificed her ovaries.</p> <p>Yrs. V.S.</p>	<p>Forster¹⁷³, e um grande escritor chamado Bojer¹⁷⁴. Pergunte a Desmond sobre ele quando vocês se encontrarem. Seu tema é Consciência.</p> <p>Mas a coisa mais interessante a observar, como muitas vezes lhe disse, não são esses espíritos distintos, mas os humildes, os ligeiramente tocados, os excêntricos. Infelizmente! Você não está interessado neles, ou eu lhe contaria a história de Mary Coombes e do estudante alemão.</p> <p>Mais uma notícia chega até a mim para você apenas – que Pernel¹⁷⁵, depois de ver vários alunos vestindo polainas brancas, imediatamente adoeceu e sacrificou os ovários.</p> <p>Sua. V.S.</p>
--	--

3.2.33 Carta 33: 06 de junho de 1912, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p style="text-align: right;"><i>38 Brunswick Square, W.C.</i> <i>[6th June, 1912.]</i></p> <p>Ha! Ha!</p> <p>Virginia Stephen</p> <p>Leonard Woolf</p>	<p style="text-align: right;"><i>38 Brunswick Square, W.C.</i> <i>[6 de junho de 1912.]</i>¹⁷⁶</p> <p>Ha! Ha!</p> <p>Virginia Stephen</p> <p>Leonard Woolf</p>
---	---

¹⁷³ E.M. Forster.

¹⁷⁴ Johan Bojer (1872-1959): romancista e dramaturgo norueguês.

¹⁷⁵ O nome da irmã de Strachey foi omitido pelos editores na edição de 1956, constando apenas [Z.]. Recorri então à publicação *TLVW* para maiores esclarecimentos.

¹⁷⁶ Essa carta foi enviado à Strachey para anunciar o noivado entre Virginia e Leonard Woolf e foi assinada tanto por Virginia Stephen quanto por Leonard Woolf. Durante o ano de 1912, Leonard Woolf já havia pedido Virginia Stephen em casamento em outras duas ocasiões, sendo rejeitado em ambas. Embora a carta seja simples e não possua um texto *per si*, é revelante incluí-la nessa seleção de cartas e uma reprodução da mesma consta nos anexos.

3.2.34 Carta 34: 16 de agosto de 1912, de Virginia Stephen para Lytton Strachey

<p><i>[Halford, Somerset]</i> <i>[August 16, 1912.]</i> <i>[Picture postcard of Alfoxton House]</i></p>	<p><i>[Halford, Somerset]</i> <i>[16 de Agosto de 1912.]</i> <i>[Postal com a foto da Alfoxton House]</i></p>
<p>Here we are in the middle of divine country, literary associations, cream for every meal, but cold as Christmas and steady rain. Leonard is learning Spanish and I am reading the Heir of Redcliffe. We go to France on Sunday—I will send addresses.</p> <p>Love to Henry.</p> <p>V.W</p> <p>Who lived at Alfoxton?</p>	<p>Aqui estamos no meio do campo divino, associações literárias, creme para cada refeição, mas frio como no natal e com chuva constante. Leonard está aprendendo espanhol e eu estou lendo The Heir of Redclyffe¹⁷⁷. Nós vamos para a França no domingo – eu mandarei os endereços.</p> <p>Envie meu amor ao Henry¹⁷⁸.</p> <p>V.W.¹⁷⁹</p> <p>Quem morou em Alfoxton?¹⁸⁰</p>

¹⁷⁷ *The Heir of Redclyffe* (1853), de Charlotte Mary Yonge (1823-1901).

¹⁷⁸ Henry Strachey (1863-1940): também conhecido como “Harry”. Era primo de Strachey, pintor, escritor crítico de arte.

¹⁷⁹ Em 10 de agosto de 1912, Virginia Stephen casa-se com Leonard Sidney Woolf no cartório de St. Pancras, passando a chamar-se Virginia Woolf.

¹⁸⁰ Alfoxton House ou Alfoxton Park é uma casa de campo que foi construída no século XVIII em Holford, Somerset, England. O poeta William Wordsworth (1770-1850) morou nela entre julho de 1797 e junho de 1798.

4 TRADUÇÃO COMENTADA

“Quando escrevo imagino sempre você me lendo.”
(Manuel Bandeira)

Esta seção está organizada em duas subseções, uma teórica e outra prática. Na primeira subseção, discorro sobre o processo da tradução, em diálogo com algumas teorias da tradução, com o intuito de esclarecer as escolhas que foram feitas à medida que surgiam os desafios acerca daquilo que se traduzia. Reitero que durante o percurso desta pesquisa, minhas tomadas de decisão, como um todo, foram conduzidas a partir do estudo prévio das preferências de escrita dos dois escritores, levando em consideração suas particularidades, contextos e conhecimentos de mundo. Na segunda parte introduzo e comento alguns exemplos das tomadas de decisão que fiz no decorrer da tradução e as soluções que me pareceram mais adequadas.

4.1 Alguns aspectos teóricos

O percurso tradutório que segui, levou em consideração que a linguagem empregada por Strachey e Woolf é uma elaboração baseada em seus afetos, preferências e experiências. Sobre isso, Walt Whitman (1819-1892) em seu ensaio *Slang in America* (1888), diz:

A linguagem, deve-se lembrar, não é uma construção abstrata do aprendiz, ou dos que fazem dicionário, mas é algo decorrente do trabalho, das necessidades, dos laços, alegrias, afetos, gostos, de longas gerações da humanidade, e tem suas bases amplas e baixas, perto do solo. As decisões finais são feitas pelas massas, por pessoas próximas ao concreto, tendo mais a ver com o a terra e o mar reais. (WHITMAN: 1888, p. 68)¹⁸¹

Dessa forma, a leitura e a interpretação que fiz enquanto tradutora, refletem-se diretamente na tradução e na escolha das variantes linguísticas aplicadas de acordo com o que compreendi ser a linguagem ideal e a marca autoral de Woolf e Strachey. Retomo aqui os postulados de Jakobson e Levý, quando os dois teóricos discorrem sobre o conceito de tradução. Jakobson (1991) ao se deter sobre a tradução, afirma que a mesma pode ser realizada de três formas distintas: I) ser uma tradução interlingual, ou seja, “interpretação dos

¹⁸¹ No original: “Language, be it remember’d, is not an abstract construction of the learn’d, or of dictionary-makers, but is something arising out of the work, needs, ties, joys, affections, tastes, of long generations of humanity, and has its bases broad and low, close to the ground. Its final decisions are made by the masses, people nearest the concrete, having most to do with actual land and sea.”

signos verbais por meio de outros signos da mesma língua”; II) uma tradução intralingual, ou a “interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua” ou III) uma tradução intersermiótica, na qual “interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (p.64-5).

Na tradução interlingual o tradutor ou o indivíduo que executará o ato de traduzir, utiliza uma lexia ou um grupo de lexias dentro da própria língua que substitua a anterior na intenção de oferecer uma equivalência ou expressão sinônima que permita a interpretação aproximada da lexia ou expressão inicial. Por sua vez, a tradução intralingual a busca por lexias ou expressões é feita entre línguas distintas e, de acordo com Jakobson, toda eventual impossibilidade de vetar lexias muito específicas de uma língua / cultura pode ser solucionada “por em préstimos, calços, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios” (p. 67). Por fim, a tradução intersermiótica que explora a recriação por meio de sistemas de signos não-verbais que traz como resultado, traduções enquanto música, dança, performance, cinema, pintura, instalações e / ou outras artes. No caso dessa pesquisa, a tradução executada é a intralingual, ou seja, entre línguas porque envolve um texto-fonte em língua inglesa no intuito de (re)criar um texto de chegada em português brasileiro.

É pertinente dizer que propor uma pesquisa que envolve uma tradução intralingual (JAKOBSON, 1991, p. 64-7) comentada e atualizada é também propor uma pesquisa no intuito de instigar o leitor que desconhece a língua-fonte, mas também para o leitor que conhece mas não a domina. O leitor não proficiente na língua-fonte pode sentir-se curioso por alguma marca ou expressão do texto traduzido e se assim desejar, pode consultar o texto-fonte que estará logo ao lado. Hilla Karas (2007) em artigo “O status da tradução em edições bilíngües: da interpretação ao comentário” (*Le statut de la traduction dans les éditions bilingües: de l'interprétation au commentaire*) afirma que a disposição dos texto-fonte e do texto de chegada lado a lado, assim como os comentários, as notas tradutórias e / ou as notas explicativas são uma forma de evidenciar o texto e o tradutor.

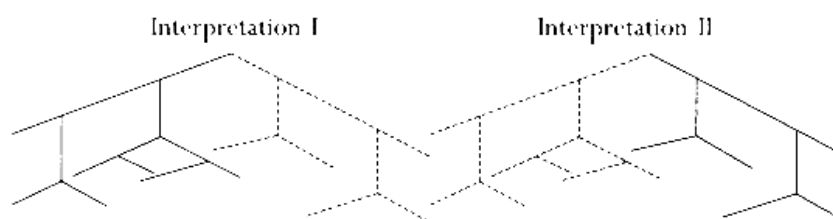
Por sua vez, Venutti (1995) afirma que há uma preferência por traduções que se mostrem “fluentes”, ou seja, sem peculiaridades ou marcas distintivas que permitam o leitor a ilusão de que o texto foi originalmente escrito na mesma língua nativa do referido leitor (p.1). Entretanto, ao fazer a escolha por uma tradução não-visível, o leitor e por sua vez, as editoras, diminuem o tradutor a uma mera sombra e esse aniquilamento do tradutor reverbera em sua invisibilidade. Para além da invisibilidade do tradutor, o que se observa é que um texto “fluyente” para o leitor não-nativo na língua estrangeira, é um texto domesticado e esse,

possivelmente, apagará todas as marcas culturais do texto de partida, contribuindo menos para as trocas culturais que ocorrem entre autor, texto, leitor e contextos.

Retomando a questão, Levý (2000), por seu turno, afirma que a tradução atende em geral dois pontos de vista distintos: o teleológico que percebe a tradução enquanto processo de comunicação e que visa levar o texto-fonte ao leitor e o ponto de vista pragmático, o qual considera a tradução um processo constante de tomadas de decisão que empurra o tradutor a viver em contínuo estado de busca de soluções lexicais (p. 148).

Ainda sobre o exercício da tradução, Levý (2000) o compara a um jogo do qual fazem parte I) a situação a ser traduzida (não necessariamente o texto-fonte), II) as alternativas disponíveis, III) o paradigma ou as possíveis soluções ideais e IV) a escolha final. É a partir das relações estabelecidas nesse primeiro movimento tradutório que o tradutor, de acordo com Levý, define quais serão suas escolhas subsequentes ou para manter a linguagem do jogo, seus próximos movimentos. Nesse sentido, é dentro de um esquema virtual e binário que o tradutor traça seu projeto de tradução e movimenta-se no percurso de sua tradução até a reta final, ou seja, o rascunho final do texto de chegada. Esse processo foi representado por Levý da seguinte forma:

Figura 1 - Representação binária das possibilidades de tradução



Fonte: LEVÝ, 2000.

Conforme o pensamento levyniano, essa abordagem tradutória desenvolve-se em cadeia. A análise da importância dos diversos elementos, assim como as soluções que o próprio tradutor encontra e negocia com o texto-fonte iniciam-se na primeira tomada de decisão frente ao texto de partida e as demais tomadas de decisão são diretamente influenciadas por ela e dela dependentes. Essa construção é orgânica e imprime duas marcas no texto: tanto o projeto de tradução que o tradutor executa, quanto colabora para a possível homogeneidade do texto e esses dois elementos estabelecem - ou não, a confiança do leitor na tradução.

Aqui, compreendo o leitor de dois modos distintos como proposto por Jauss (1994), tanto o leitor ideal – aquele que constrói o texto a partir da leitura do mesmo, em diálogo com suas experiências de mundo – , quanto o leitor ingênuo – aquele que lê passivamente e não consegue reconstruir significações, preencher lacunas ou ir às entrelinhas. Não se pode, obviamente, desconsiderar que os dois tipos de leitores são alvos possíveis de uma tradução e, muito embora o leitor ingênuo possa não estar ciente do projeto pessoal do tradutor, o projeto influencia na recepção do texto de chegada e, desse modo, o projeto nunca poderá ser retirado dessa “equação”.

No que diz respeito a importância do elo de confiança estabelecido entre leitor e tradução, Britto (2012) afirma que a qualidade do texto traduzido repousa na confiança que o leitor desenvolve na leitura do texto. Para o autor de *A tradução literária*, quando o leitor confia plenamente no texto traduzido, tem-se uma comprovação da efetivação daquela tradução. De acordo com o ensaísta:

Cabe ao tradutor, dentro dos limites do idioma com que trabalha, e de suas próprias limitações pessoais, produzir na língua-meta um texto que seja tão próximo ao texto-fonte, no que diz respeito às suas principais características, enquanto obra literária, que o leitor de sua tradução possa afirmar, sem estar mentindo, que leu o original. (BRITTO, 2012, p.55).

Para Britto, todo ato de tradução resulta em perdas e são essas perdas que permitem elencar argumentos para apontar uma tradução como superior à outra. O tradutor deve, ao debruçar-se sobre o texto, perceber as características intrínsecas do mesmo, observando quais elementos devem ser destacados e, de acordo com sua relevância, recriados na tradução.

Berman (2002) por sua vez, afirma que uma boa tradução é aquela que prima pela ética, ou seja, não deve ser etnocêntrica. Ao afirmar isso, o teórico atribui no ato de traduzir a obrigação de não se apagar a língua e a cultura do texto-meta. Para ele, a boa tradução é a “tradução da letra”, que viabiliza “no plano da escrita uma certa relação com o Outro” e fecunda “o próprio pela mediação do estrangeiro”; “é ser abertura, diálogo, mestiçagem, descentralização. Ou a tradução é posta em contato, ou não é nada” (p.16).

Compreendendo o que foi dito como o ideal de “tradução boa”, percebo que para o escritor francês, a dita “tradução ruim” é a tradução essencialmente etnocêntrica, que, “geralmente com o pretexto da transmissibilidade, opera uma negação sistemática do estrangeirismo da obra estrangeira”. Esse mesmo paradigma já foi explorado por Schleiermacher (1768-1834) em 1813 na sua fala intitulada *Sobre os diferentes métodos de tradução*, na qual o teórico distingue a “tradução genuína” como arte da “simples

interpretação”, que seria a atividade “mecânica” com fins prioritariamente comerciais; sendo a “tradução genuína” algo que o “verdadeiro tradutor” deve buscar para aproximar texto e leitor. Aprofundando o assunto, Schleiermacher (1813) questiona:

Mas, agora, por que caminhos deve enveredar o verdadeiro tradutor que queira efetivamente aproximar estas duas pessoas tão separadas, seu escritor e seu leitor, e propiciar a este último, sem obrigá-lo a sair do círculo de sua língua materna, uma compreensão correta e completa e o gozo do primeiro? No meu juízo, há apenas dois. Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro. Ambos os caminhos são tão completamente diferentes que um deles tem que ser seguido com o maior rigor, pois, qualquer mistura produz necessariamente um resultado muito insatisfatório, e é de temer-se que o encontro do escritor e do leitor falhe inteiramente. A diferença entre ambos os métodos, onde reside a sua relação mútua, será mostrada a seguir. Porque, no primeiro caso, o tradutor se esforça por substituir com seu trabalho o conhecimento da língua original, do qual carece o leitor. A mesma imagem, a mesma impressão que ele, com seu conhecimento da língua original, alcançou da obra, agora busca comunicá-la aos leitores, movendo-os, por conseguinte, até o lugar que ele ocupa e que propriamente lhe é estranho. Mas, se a tradução quer fazer, por exemplo, que um autor latino fale como, se fosse alemão, haveria falado e escrito para alemães, então, não apenas o autor move-se até o lugar do tradutor, pois, tampouco para este o autor fala em alemão, senão latim; antes coloca-o diretamente no mundo dos leitores alemães e o faz semelhante a eles; e este é precisamente o outro caso.”. (SCHLEIERMACHER: 2010, p. 57.)

Diante do exposto, observo como esses posicionamentos teóricos estão em consonância com a ideia de que uma tradução que se mostre aproximadora pode beneficiar a tríade escritor-tradutor-leitor em seu percurso, criando mesmo nos estranhamentos culturais, uma base para um diálogo entre mundos tão diversos. Essas foram algumas das aborgagens que nortearam o processo de tradução que teve como objetivos recriar os textos de Woolf e Strachey com intuito de aproximar o leitor do século XXI da correspondência dos dois autores, produzida há quase um século.

Na próxima subseção exploro algumas decisões tradutórias e teço comentários acerca da tradução das missivas de Strachey e Woolf.

4.2 Análises e comentários

Nesta seção dedico-me à análise e explicitação das decisões tradutórias que fiz, ilustrando o texto com as situações de tradução e as soluções propostas. Vale ressaltar que durante a leitura e o processo de tradução do *corpus*, não observei arcaísmos que pudessem afastar os leitores atuais ou ainda que se mostrassem não-legíveis. No entanto, algumas expressões que possuíam uso diverso do corrente foram contempladas por sinônimos e,

quando necessário, por notas explicativas. As referências à revistas e jornais literários que eram consumidos no início do século XX e a menção de nomes de artistas, livros e escritores que poderiam não se mostrar não completamente identificáveis também foram apontados com mais detalhes nas notas que acompanham a tradução. Desse modo, não somente a barreira linguística estaria sendo solucionada através da tradução, assim como as referências que propiciam um entendimento cultural mais amplo das referidas missivas.

Destaco que algumas marcas do texto são escolhas dos editores do livro que é o *corpus* da pesquisa e merecem ser conhecidas, a saber: (i) algumas omissões foram feitas pelos autores e se apresentam como três pontos em colchetes; essas omissões são referentes a fatos íntimos da vida dos escritores e / ou seus familiares e amigos; (ii) os nomes de vinte e três pessoas descritas ou abordadas de forma negativa ou jocosa foram substituídos por nomes diversos ou iniciais randômicas; (iii) alguns erros de grafia foram corrigidos e não indicados no livro e, (iv) as datas que não constavam no corpo das cartas foram adicionadas em colchetes, seguindo a indicação feita por Virginia Woolf em vida em suas cartas.

Tendo a intenção de proporcionar uma leitura imersiva nas cartas e resguardar as características do texto de partida, procurei indicar na tradução os nomes originais e preencher as omissões dos editores sempre que possível. Para isso, recorri à publicação posterior das cartas de Woolf e, sempre que isso ocorreu, foram feitas indicações em notas de rodapé.

O processo de tradução que utilizei pautou-se por decisões que tiveram como objetivo maior, a tentativa de aproximar o leitor do século XXI dos textos produzidos no início do século XX. Para tanto, levei em consideração que o ato de traduzir é um processo dinâmico de reconstrução do texto de partida, nunca sendo estático ou engessado; desse modo coloquei em prática diretrizes que se mostraram funcionais e atenderam aos objetivos tradutórios aos quais me propus a realizar.

No que diz respeito aos títulos de livros mencionados pelos dois autores, quando não se tratavam de títulos em inglês, foram mantidos nas suas respectivas línguas. Quando em língua inglesa, foram traduzidos, tendo seus títulos registrados em itálico no corpo da tradução. No caso dos endereços que surgem nas referidas cartas, optei por não traduzi-los, mas quando considerados relevantes, foram explicados em notas.

O *corpus* da pesquisa que aqui apresento mostrou-se um intrincado novelo de informações e amplitudes histórico-culturais, ou seja, cada uma das cartas estudadas implicava na pesquisa de inúmeras outras temáticas que, de uma forma ou outra, faziam-se necessárias serem esclarecidas para que a tradução não fosse penalizada ou até mutilada.

Dessa forma, estipulei que todas as informações presentes nas cartas em questão

fossem, sempre que consideradas relevantes, esclarecidas nas notas de rodapé. Quando se trata da inclusão de notas nos moldes que utilizei, essas notas podem ser de caráter linguístico, etimológico, histórico ou enciclopédico. Evitei, contudo, a utilização de qualquer forma de denominação para o modelo que apliquei às notas da presente tradução, uma vez que abrange diferentes aspectos culturais, linguísticos e extralinguísticos.

Assim sendo, os nomes próprios receberam notas explicativas acerca das relações de parentesco, datas de nascimento e morte, bem como as profissões que exerceram. As notas também ficaram responsáveis por suprir informações sobre determinados livros que os autores resenharam para jornais e revistas, nomes de animais, substâncias e plantas. Espetáculos artísticos e exposições também estão devidamente explicitados.

As notas, embora em princípio possam parecer excessivas, não o são, tendo em vista tratar-se do resultado de seis anos de conversas entre duas das maiores mentes do início do século XX. Logo tem-se uma amplitude intelectual que dificilmente caberia em uma tradução que desconsiderasse todo o contexto sócio-cultural no qual Woolf e Strachey estavam inseridos, não apenas como cidadãos comuns, mas como agentes culturais de transformação. Desconsiderar esse repositório cultural seria mutilar a tradução das referidas cartas, negando ao leitor, seja ele comum ou pesquisador, todo o universo de amplitudes e ambiguidades que lá se encontra.

Concentrando-se *a priori* nas estilística de Woolf, um dos primeiros pontos que ressalto é na escrita da autora, a qual é toda preñe de vírgulas e travessões. Assim, na tradução tentei preservar essa singularidade criativa, o que gerou frases e parágrafos relativamente longos que podem fazer com que um leitor desavisado possa “perder de vista” o referencial. Contudo, se tivesse optado por “enxugar” a excessiva pontuação da autora, correria o risco de descaracterizar o estilo que a consagrou e que se mantém não apenas nas suas cartas, como no todo da sua obra, o que já se constatava na escrita da jovem Woolf de apenas 26 anos e que ainda não havia publicado nenhum livro¹⁸². Como prova do que afirmo, é possível observar na passagem abaixo, a escrita característica woolfiniana em carta de 22 de abril de 1908 à esquerda e minha tradução à direita.

¹⁸² Woolf teve um texto publicado pela primeira vez em 1904 no suplemento feminino do jornal *The Guardian*, uma resenha do livro *The Son of Royal Langbrith* (1904), de William Dean Howells; entretanto, somente em 1915 a escritora publicou seu primeiro romance *A viagem*, aos 33 anos.

Quadro 2 - Trecho da carta de 22 de abril de 1908

<p>“I have seen innumerable things since I came here that would be worth writing down— “yellow gorse, and sea—” trees against the sea—but I should no doubt use so many words wrongly that it would be necessary to write this letter over again [— like Clive]. I have read a good many books, it seems to me. Your Pascal is looked at suspiciously by the servant. I picked a branch of white blossom yesterday, and asked her what it was.”</p> <p>(STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 10)</p>	<p>“Tenho visto incontáveis coisas desde que aqui cheguei e sobre as quais valeria a pena escrever — “tojo amarelo, e mar —” árvores contra o mar — mas sem dúvida não deveria usar tantas palavras de modo incorreto ou seria necessário escrever esta carta outra vez [— como Clive]. Tenho lido alguns bons livros, é o que me parece. Seu Pascal é visto com suspeita pela empregada. Peguei o ramo de uma flor branca ontem, e perguntei-lhe o que era. Ela disse-me que era a Flor de Maio.”</p> <p>(CAVALCANTE CARVALHO: 2017, p. 46-7)</p>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Observe-se que a escolha do uso do travessão torna o texto longo, mas fluido. O mesmo trecho, no entanto, poderia ter sido separado por vírgulas ou mesmo ter sido dividido, criando assim períodos menores e mais comuns, ao invés de uma longa sentença composta por quarenta e oito palavras. Os períodos que se seguem no quadro, destacados em azul, são curtos e variam entre nove e quinze palavras, garantindo dessa forma o equilíbrio do parágrafo. É possível verificar esse andamento tanto nas cartas de Woolf, quanto naquelas escritas por Strachey, como é possível examinar no trecho da carta de 27 de setembro de 1908:

Quadro 3 - Trecho da carta de 27 de setembro de 1908

<p>There are moments—on the Heath, of course,—when I seem to myself to see life steadily and see it whole, but they’re only moments; as a rule I can make nothing out. You don’t find much difficulty, I think. Is it because you are a virgin? Or because, from some elevation or another, it’s possible to</p>	<p>Há momentos – no Heath, é claro, – quando eu pareço ver a vida de forma constante e vê-la por completo, mas eles são apenas momentos; via de regra, eu não consigo distinguir nada. Você não encontra muita dificuldade, eu acho. É porque você é virgem? Ou porque, de uma forma ou de</p>
--	--

<p>manage it, and you happen to be there? Ah! there are so many difficulties! So many difficulties! I want to write a novel about a Lord Chancellor and his naughty son, but I can't for the life of me think of anything like the shadow of a plot, and then—the British public!</p> <p>(STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 18-9)</p>	<p>outra, é possível dar um jeito nela, e você está lá? Ah! Há tantas dificuldades! Tantas dificuldades! Quero escrever um romance sobre um Lorde Chanceler e seu filho impertinente, mas não consigo pensar em nada além da sombra de um enredo e, então, – o público britânico!</p> <p>(CAVALCANTE CARVALHO: 2017, p. 61)</p>
---	---

Fonte: Elaborado pela autora.

A proposta de Strachey também é escrever um texto equilibrado, mesmo que informal. Sua escrita oscila entre construções longas de até trinta e três palavras, seguidas por frase curtas, exclamações ou breves perguntas. Tudo isso permite o leitor manter o interesse no tópico que está sendo desenvolvido, assim como não sentir-se cansado pela leitura. Minha tradução não se prende ao número de palavras. Contudo, tentei reproduzir o ritmo dos missivistas a partir da escolha das lexias, às vezes alternando tempos verbais por opções similares que permitissem a fluidez textual.

Durante o processo também ponderei acerca da opção em manter ou não o pronome “I” (“eu”) na tradução, visto que o mesmo aparece diversas vezes no texto de partida. De modo geral, textos formais em língua em inglesa - de ficção e não-ficção - são considerados “empobrecidos” quando fazem uso da repetição de palavras, frases e ideias sem a demonstração da evolução da construção sintática. Por outro lado, a repetição de pronomes é uma estratégia bastante recorrente, sendo utilizada por escritores de variados estilos. Cutts (2013) afirma que a repetição de idéias empobrece um texto, tornando-o cíclico, mas a repetição de palavras-chave, pronomes e sinônimos é aceitável. Entretanto, em português brasileiro, as repetições não são bem-vistas e, nesse sentido, mesmo considerando a informalidade que uma missiva abriga optei por fazer o uso alternado do pronome pessoal, ora deixando explícito, ora implícito. Como ilustração, utilizo um trecho da carta de 30 de agosto de 1908 enviada por Woolf, no qual podemos observar as omissões e não omissões do pronome “I” (“eu”). No texto-fonte o pronome aparece destacado em vermelho. Na tradução à direita, o pronome e / ou as omissões do mesmo podem ser verificadas a partir das construções nas quais destaquei os verbos em sentenças construídas com sujeitos ocultos ou orações subordinadas:

Quadro 4 - Trecho da carta de 30 de agosto de 1908

<p>I haven't heard from Frank Sidgwick, so I expect he must have found some one else to write for him. It would be a charming book to do, but I don't see how I could manage it in the time. I shall be knocking about in Italian Inns, without an inkpot or a scrap of blotting paper, and I suppose, one French novel.</p> <p>(STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 17)</p>	<p>Eu não ouvi nada sobre Frank Sidgwick, então espero que tenha encontrado alguém que escreva para ele. Seria um livro encantador de fazer, mas eu não vejo como poderia conseguir isso a tempo. Eu deveria estar batendo em tabernas italianas, sem um tinteiro ou mata-borrão, e, eu suponho, um romance francês.</p> <p>(CAVALCANTE CARVALHO: 2017, p. 58)</p>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Nas cartas de Woolf há diversas frases curtas, exclamações, perguntas e, em algumas ocasiões, até mesmo períodos interrompidos, deixando os possíveis significados suspensos para que o leitor, a princípio Strachey, preenchesse essas lacunas. O mesmo se repete com alguns vocativos e exclamações. O que poderia ser considerado como excesso e talvez fosse “polido” por um outro tradutor, tratei aqui como um traço distintivo da escrita dos missivistas que deveria ser mantido por demonstrar o grau de intimidade entre eles. Nesses casos, quando os missivistas interrompem a frase antes de sua conclusão deixam claro que compartilham um certo grau de intimidade e conhecimento, permitindo ao destinatário completar a lacuna sem que haja prejuízo na emissão da mensagem. O trecho abaixo, retirado da carta de 17 de novembro de 1908 permite-nos vislumbrar mais adequadamente a proposta da escrita de Strachey:

Quadro 5 - Trecho da carta de 17 de novembro de 1908

<p>Oh, Madame de Chaulnes! Oh, le Président Harlay (for the second time too)! Oh, Mademoiselle Choin! Oh, les Parvuls de Meudon! Don't you wish you'd got to them all?</p> <p>(STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 21)</p>	<p>Ah, Madame de Chaulnes! Ah, le Président Harlay (pela segunda vez também)! Ah, Mademoiselle Choin! Ah, les Parvuls de Meudon! Você não gostaria de ter conhecido a todos?</p> <p>(CAVALCANTE CARVALHO: 2017, p. 64)</p>
---	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Na carta, Strachey comenta sobre as leituras que tem feito e faz uma referência a figuras históricas do século XVII, como a Duquesa de Chaulne, o Presidente Achille III e

Mademoiselle Choin, todos contemporâneos e frequentadores da corte do rei Luís XIV. Strachey expressa seu desejo em conhecê-las e suas exclamações ao longo da missiva, permite-nos reforçar a ideia desse desejo, quase “suspirado” na carta, como em um sonho ou uma confidência. Nesse caso, o recurso estilístico em questão também propicia a leitura da carta como um diálogo no qual o locutor e interlocutor encontram-se lado a lado. Muito embora não seja uma estratégia utilizada pela escritor em todas as missivas, ela se repete algumas vezes, como é possível verificar no trecho abaixo extraído da carta enviada em 03 de janeiro de 1909:

Quadro 6 - Trecho da carta de 03 de janeiro de 1909

<p>Oh God! Oh God! The slowness of them, the pomp, and the fatuity! (STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 25)</p>	<p>Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! A lentidão, a pompa e a estupidez deles! (CAVALCANTE CARVALHO: 2017, p. 70)</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

A missiva em questão trata de sua ida à Rye e, aborrecido, o autor reclama daqueles que o acompanham na cidade. Aparentemente há muitos “jogadores de golfe”, além de bispos, diáconos e dois advogados. Todos jogam golfe e, de acordo com Strachey, a conversa deles é tão “interessante” que o autor começa “a ver a raça humana em cores negras”. As frases curtas, seguidas do ponto de exclamação enquanto recurso estilístico reforçam a ideia de tédio, cansaço e aborrecimento.

A escolha do escritor pelas lexias “slowness”, “pomp” e “fatuity” traduzem uma ideia de fardo, decadência e prolongação desnecessária de uma ação, a qual tentei reproduzir na tradução, optando por prolongar a expressão “Oh God” com o uso do pronome possessivo “meu”, tornando a leitura um pouco mais longa, com o intuito de aproximar o leitor da carga semântica que constituem as lexias “lentidão”, “pompa” e “estupidez”. Muito embora não seja uma estratégia utilizada pelo escritor em todas as missivas, ela se repete algumas vezes, criando efeitos distintos. Em um outro trecho da mesma carta de 03 de janeiro de 1909 é possível constatar o uso da repetição e das exclamações com o objetivo de causar um efeito distinto da demonstração anterior de tédio:

Quadro 7 - Trecho da carta de 03 de janeiro de 1909

<p>Talking of Great Authors, I've seen Henry James twice since I came, and was immensely impressed. I mean only seen with the eye—I wish I knew him! He appeared at his window as I passed the other day—most remarkable!</p> <p>(STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 25)</p>	<p>Por falar em Grandes Autores, eu vi Henry James duas vezes desde que cheguei, e fiquei altamente impressionado. Quero dizer, mal o vi — eu queria conhecê-lo! Ele apareceu na janela enquanto eu passava, outro dia — que extraordinário!</p> <p>(CAVALCANTE CARVALHO: 2017, p. 70-1)</p>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse exemplo, Strachey mostra-se excitado com a possibilidade de conhecer o escritor Henry James e reforça na sentença destacada em vermelho o quanto ele gostaria de ter tido a oportunidade de conhecer James. Nesse caso, o uso do verbo modal “wish” em inglês está diretamente associado ao desejo e ao arrependimento. Seu uso demonstra que Strachey nutre o desejo de conhecer o escritor Henry James, expressando ao mesmo tempo um grau de arrependimento por não conhecê-lo pessoalmente. A ideia de quase-encantamento que cerca a imagem de James para Strachey é reforçada na frase seguinte, destacada em azul, na qual ele afirma ter sido “remarkable” o momento em que avistou o escritor na janela enquanto passava pela rua. Na tradução, a escolha pelo tempo verbal (pretérito imperfeito) ajudou a dar o tom de lamento e arrependimento que o verbo modal “wish” agrega e como forma complementar de dar ênfase a quão singular foi o avistamento de James por Strachey que fez uso do adjetivo “extraordinário” como tradução de “remarkable” em detrimento do adjetivo “notável” que não me pareceu forte o suficiente para marcar o acontecimento.

Não somente nesse caso, mas em diversas outras situações busquei negociar sentidos mais ou menos fortes dentro de sentenças e das sentenças dentro de parágrafos, bem como dos parágrafos nas missivas, para certificar-me que aquele texto aproximava-se do tom do texto-fonte. Essas escolhas são o produto de uma contínua reflexão crítica acerca do ato de traduzir, do tipo de tradução que desejava realizar e que leitores eu busquei alcançar. Sobre isso, Lefevere (1992) afirma que o trabalho do tradutor é apresentar uma boa tradução. Desse modo, Lefevere aponta que uma boa tradução preserva as características do texto nas duas línguas, tanto a de partida quanto a de chegada, assim como devem ser preservadas as possíveis intenções do autor (p. 27).

No intuito de alcançar esse objetivo, também não poderia desconsiderar as reflexões acerca do tipo de registro que os missivistas adotaram. Os dois escritores receberam uma educação ampla de diferentes tutores, cresceram em meio à debates e discussões intelectuais que eram promovidas por suas famílias em suas casas, leram obras pertencentes ao cânone literário ocidental e, dessa forma, deixam transparecer suas predileções por um padrão culto da língua em suas cartas. Esse uso pragmático que Woolf e Strachey fazem da língua é facilmente verificável no decorrer das missivas e refletiu-se nas minhas escolhas lexicais, quando busquei equilibrar o nível de formalidade do texto de chegada, por exemplo, balanceando o tom rebuscado que as expressões em língua francesa poderiam imprimir na tradução, com o vocabulário menos formal e possivelmente mais comum que escolhi para as construções sintáticas anteriores ou posteriores às expressões. A profusão do uso de expressões em francês tanto por Woolf quanto por Strachey foram reproduzidas na tradução com o intuito de manter o registro da influência da cultura francesa nos escritos e leituras dos dois autores. Contudo, considere relevante mantê-los em destaque. Assim, foram traduzidas apenas em notas de rodapé.

Um outro ponto observado e que merece destaque é a diferença nas formas de tratamento no decorrer da troca das missivas. É possível notar o tom mais formal e distante nas primeiras cartas, como na carta de 22 de novembro de 1906 em que Woolf, uma jovem de vinte e quatro anos, inicia sua carta com “Prezado senhor Strachey” (“Dear Mr. Strachey”), substitui a saudação por apenas “Querido Lytton” (“Dear Lytton”) em carta de 22 de abril de 1908 e no ápice da demonstração da evolução da amizade entre os escritores, inicia a carta de 6 de novembro de 1911 com “Dearest Papa” (“Queridíssimo Papai”). É importante ressaltar que Woolf não via Strachey enquanto figura paterna; a diferença de idade entre os dois era de apenas dois anos e mesmo sendo Woolf orfã de pai e mãe, a relação desenvolvida entre os dois escritores era de cumplicidade e amizade profunda¹⁸³.

Os anos que separam essas três cartas aproximaram os missivistas que se tornaram mais íntimos, o que pode ser percebido pelo abandono da formalidade do pronome de tratamento “mr.” (“senhor”), pela substituição do sobrenome (Strachey) pelo prenome (Lytton) e pelo jocoso “papa” (“papai”) como pode ser constatado nos trechos abaixo relacionados:

¹⁸³ Amizade entre os autores durou cerca de 30 anos, extinguiu-se somente com a morte Strachey e sobreviveu até mesmo ao episódio levemente embaraçoso do cancelamento do pedido de casamento por Strachey à Woolf. Em 17 de fevereiro de 1909 durante uma conversa animada com Woolf, Strachey a pediu em casamento e imediatamente arrependeu-se de tê-lo feito, entretanto, o escritor aguardou até o dia seguinte para explicar a situação à Woolf que disse não estar apaixonada e não se incomodou com o “cancelamento” das bodas.

Quadro 8 - Saudações das cartas de 22/11/1906, 22/04/1908 e 06/11/1911 respectivamente

Dear Mr. Strachey (STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 9)	Prezado Senhor Strachey (CAVALCANTE CARVALHO: 2017, p. 44)
Dear Lytton (STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 9)	Querido Lytton (CAVALCANTE CARVALHO: 2017, p. 45)
Dearest Papa (STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 36)	Queridíssimo Papai (CAVALCANTE CARVALHO: 2017, p. 87)

Fonte: Elaborado pela autora.

Strachey, por sua vez, também abandona a formalidade quando altera sua forma de assinar as missivas. Em carta de 23 de abril de 1908, Strachey assina as iniciais de seu nome "G.L.S." e em carta de 17 de fevereiro de 1909, assina somente com seu nome do meio "Lytton". Essa gradação da intimidade entre os dois escritores foi reproduzida na tradução, com o objetivo de evidenciar a aproximação dos dois, tanto no plano real quanto na troca de cartas. Logo, há uma marca de formalidade perceptível na tradução da primeira carta que escolhi manter na tradução dos pronomes em inglês "you" e "your" por seus correlativos em português na primeira pessoa do plural "vós", "vos", "convosco" e "vosso", enquanto nas demais cartas utilizo os pronomes da segunda pessoa do singular "você" e "seu", da mesma forma que não há mais a necessidade de Woolf tratar Strachey por "My Dear Mr. Strachey", mas apenas de "dear Lytton" ou mesmo "Papa" com o intuito de destacar a evolução da relação de amizade entre os escritores.

Nesse espaço dedicado a análises e comentários gerais acerca da tradução realizada, vale também apontar o senso de humor de ambos os missivistas que se utilizam de trocadilhos, ironias e notas sarcásticas. Percebendo esse traço constante nas cartas e tentando não repetir os erros que um dia levou Woolf a afirmar que "o humor é o primeiro dos persentes que se perde em uma língua estrangeira" (p. 24)¹⁸⁴no ensaio sobre literatura grega do livro *O leitor comum* (1925), dediquei especial atenção às passagens dessa natureza ou à ela relacionadas no intuito de alcançar o que Woolf chama de "senso do corpo" ("sense of the body"), ou seja, o riso espontâneo que está atrelado à língua materna e ao corpo que nele – o riso, reverbera. Dessa forma, Woolf associa a ideia de tradução plena àquela que nos permite

¹⁸⁴ No original: "Humour is the first of the gifts to perish in a foreign tongue."

não somente ler um texto em outra língua, mas também perceber suas sutilezas como se estivessem sido escritas na língua que o leitor domina melhor.

Desse modo, começo discorrendo sobre a ironia que é um recurso estilístico recorrente na literatura e inúmeros são os autores que utilizam essa ferramenta na construção de suas obras, dentre eles cito William Shakespeare (1564-1616), Jonathan Swift (1667-1745), Laurence Sterne (1713-1768), Jane Austen (1775-1817), Oscar Wilde (1854-1900) e Katherine Mansfield (1888-1923) somente na literatura britânica ou com vínculos diretos com a mesma.

Estudiosos, filósofos, pensadores e poetas diversos escreveram sobre os possíveis conceitos de ironia, entretanto utilizo aqui o conceito de ironia conforme apresentado por D.C. Muecke discorre no livro *Ironia e o Irônico*, de 1970, no qual o teórico divide a ironia em preceitos gerais: a) a ironia de um indivíduo que pretende mostrar-se irônico por intensão e b) a “verbal ou comportamental”. De acordo com Muecke, a ironia verbal ou comportamental é o resultado de um evento irônico ou situação na qual não há um indivíduo *per si*, mas observador e uma vítima que sofre o constrangimento da situação irônica. Como forma de ilustrar um momento de ironia e sarcasmo nas missivas de Woolf e Strachey, selecionei o trecho da carta de 4 de janeiro de 1909, na qual lê-se:

Quadro 9 - Trecho da carta de 4 de janeiro de 1909

<p>Yesterday I saw [Henry Lamb] with his evil goat's eyes—and Saxon was there too, and Nessa and Clive. (STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 27)</p>	<p>Ontem, eu vi Henry Lamb com seus maldosos olhos de cabra, e Saxon também estava lá, e Nessa e Clive. (CAVALCANTE CARVALHO: 2017, p. 74)</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Aqui, Woolf faz uso da lexia “goat” (“cabra”) de modo a dar ênfase à lexia “evil” (“mal”, “maldoso”), desconstruindo proposadamente a ideia de pureza do animal sacrificial sagrado à cultura cristã, o cordeiro, em inglês “lamb”, também o sobrenome do pintor Henry Lamb. A ideia que cerca a simbologia do cordeiro e da cabra e suas associações também devem ser observadas, nas quais o cordeiro é não somente associado ao bem como também pode ser visto como uma representação de deus cristão, enquanto a cabra guarda em si associações negativas com o mau, podendo ser uma das representações do diabo cristão, o que pode ser observado nas expressões em inglês como “be as gentle as a lamb”, “innocent as a lamb” e “quiet as a lamb” que podem ser traduzidas respectivamente como “ser gentil como

um cordeiro”, “ser inocente como um cordeiro” e “ser calmo como um cordeiro”. Por outro lado, as expressões associadas à cabra são “act the goat”, “separate the sheep from the goats” e “get someone's goat” que podem ser traduzidas como “agir comicamente” ou “banciar o palhaço”, “separar os bons dos maus” e “aborrecer alguém”.

No que diz respeito a esse caso, os editores decidiram retirar o nome do pintor Henry Lamb da publicação *Virginia Woolf & Lytton Strachey: Letters*, deixando apenas a marcação [X.] no lugar do nome, mas mantendo o comentário depreciativo. No ano da publicação, Henry Lamb estava com 73 anos e poderia mostrar-se insatisfeito ao descobrir que fora descrito de tal forma pela autora. Somente em 1978, dezoito anos após de Henry Lamb e trinta e sete anos após a morte de Virginia Woolf, a carta foi publicada em um novo livro sem qualquer tipo de omissão a esse respeito.

Ainda na mesma carta, Woolf faz uso do sarcasmo ao mencionar que recebeu um pedido para escrever suas impressões sobre Walter Headlam, para compor o livro *Walter Headlam: Life and Poems*, uma biografia curta, seguida de trabalhos do escritor que estava sendo organizada por Cecil Headlam. A escritora afirma na missiva que essas “impressões” seriam nada mais que mentiras. O uso do verbo modal “would” ainda que expresse um certo grau de polidez não disfarça o comentário cruel que implica afirmar que Woolf não tinha impressões positivas ou publicáveis acerca da vida e do trabalho de Walter Headlam. Abaixo segue o trecho mencionado, acompanhado da tradução.

Quadro 10 - Trecho da carta de 4 de janeiro de 1909

<p>I have also been asked to write ‘impressions’ of Walter Headlam, for his <i>Life</i>. But they would have to be lies. (STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 27)</p>	<p>Me pediram também que eu escrevesse as “impressões” de Walter Headlam, para o <i>Life</i>. Mas elas teriam que ser mentiras. (CAVALCANTE CARVALHO: 2017, p. 74)</p>
---	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Como já mencionado, todos os títulos de livros em inglês descritos ou mencionados tanto por Woolf quanto por Strachey, foram traduzidos para o português. Nesse caso, foram identificados pelo destaque em itálico, seguidos de notas explicativas. No caso do livro sobre Headlam, a tradução do título poderia causar uma ambiguidade no leitor. A possibilidade de traduzir “for his *Life*” como “para sua vida” ou ainda “sobre sua vida” causaria a impressão de que Woolf foi convidada para escrever sobre suas impressões diretas sobre a vida de Walter Headlam e não para um livro com a palavra “*Life*” / “vida” no título. A

referência não é clara até mesmo para o leitor fluente em inglês que desconheça a existência do referido livro. Por essa razão, optei por dar maiores detalhes acerca do livro na nota que acompanha a carta traduzida.

Ainda sobre a intimidade que permeia as missivas de Strachey e Woolf, convém explorar um pouco mais o tom jocoso que encontrei no decorrer da leitura do *corpus*. Em carta de 20 de novembro de 1911, Woolf busca acertar os detalhes da ida deles a um espetáculo de dança e brinca que a recompensa de Strachey¹⁸⁵ por ir ao espetáculo seria sentar-se entre duas mulheres sedutoras, ela e possivelmente a irmã, Vanessa Bell. O tom é de brincadeira e intimidade como pode ser verificado no trecho abaixo:

Quadro 11 - Trecho da carta de 20 de novembro de 1911

<p>Will you come to the dancers tomorrow? I hope to get stalls. You will sit between two seductive women.</p> <p>(STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 37)</p>	<p>Você virá para os dançarinos amanhã? Eu espero conseguir ficar no palco baixo. Você sentará entre duas mulheres sedutoras.</p> <p>(CAVALCANTE CARVALHO: 2017, p. 88)</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Na mesma missiva, Woolf mantém o tom de brincadeira e encerra dizendo que voltaria para casa para “quebrar (...) [a] primeira cama em Brunswick”. Como contexto, inseri na nota explicativa que a escritora havia acabado de mudar-se para o novo endereço e forneci mais informações acerca da expressão em inglês “to break the bed”, que convém a ideia de “fazer sexo até quebrar a cama”. Pontuo ainda que Woolf era curiosa sobre o tema sexo e o assunto permeava diversas conversas não somente entre Woolf e Strachey, mas também os diários pessoais da autora e as discussões dos membros do Círculo Bloomsbury. Na carta, Woolf ainda questiona se haveria uma expressão mais correta e delicada para referir-se à situação. Sobre o manuscrito, a curadora do acervo FHP menciona que Woolf riscou as duas frases, mas as deixou legíveis – o que poderia, a princípio, demonstrar arrependimento ou ainda, a estratégia seria manter o tom jocoso, dando a entender que sabia não ser adequado para uma jovem solteira e virgem na era eduardiana, tratar de tais assuntos, muito menos em uma carta dirigida a um homem. Logo abaixo, segue o trecho da referida carta:

¹⁸⁵ Strachey vivia abertamente sua vida sexual com outros homens, não demonstrou interesse em relacionar-se intimamente com Woolf e a única mulher de presença marcante em sua vida foi Dora Carrington (1893-1932) que conheceu em 1916 e com quem manteve uma relação aberta até 1932.

Quadro 12 - Trecho da carta de 20 de novembro de 1911

<p>Now I go back to break my first bed in Brunswick—what is the right, yet delicate expression? (STRACHEY; WOOLF: 1956, p. 37)</p>	<p>Agora eu voltarei para quebrar minha primeira cama em Brunswick – qual é a expressão correta, mas ainda assim delicada? (CAVALCANTE CARVALHO: 2017, p. 88-9)</p>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Como já mencionei anteriormente, o texto final de uma tradução depende de inúmeras variáveis e são uma produção particular do tradutor, assim como os comentários, notas e estudos. Na tradução que fiz para essa dissertação, busquei equilibrar os elementos que encontrei com as ferramentas que tinha e produzi meu texto com a ideia constante de convidar o leitor, pesquisador ou curioso, à fruição plena do *corpus*. Entretanto, convém ressaltar que essa é uma recriação minha, carregada com os meus elementos culturais, com os estudos que realizei para compor o texto de chegada. Mas assim como a língua é um objeto vivo e dinâmico, a tradução também o é. Assim sendo, todas as crenças, a bagagem cultural e o meu conhecimento linguístico acompanham a tradução e imprime a minha marca. Entretanto, não vejo nisso um aspecto negativo, uma vez que a atividade da tradução é um exercício de aprendizagem contínua acerca da cultura do outro e da língua do outro, do lugar do outro no micro e no macrocosmo. Sobre esse exercício investigativo que é o ato de traduzir, Rónai (1981) afirma:

Na realidade a tradução é o melhor e, talvez, o único exercício realmente eficaz para nos fazer penetrar na intimidade de um grande espírito. Ela nos obriga a esquadrihar atentamente o sentido de cada frase, a investigar por miúdo a função de cada palavra, em suma a reconstituir a paisagem mental do nosso autor e a descobrir-lhes as intenções mais veladas. (RÓNAI: 1981, p. 31)

Compreendo assim que muito antes de ser uma tradutora, sou uma leitora. Leitora de um outro mundo que se abre diante dos meus olhos ao dedicar-me à leitura das missivas de dois escritores referenciais do modernismo ocidental. Como leitora das cartas de Woolf e Strachey, fiz minhas próprias relações com o texto-fonte, reconstruindo lacunas a partir de leituras anteriores e questionando-me acerca das referências opacas que o texto apresentava para mim. São essas relações, interpretações e inquietações que me mativeram em alerta durante o processo da tradução e propiciaram um diálogo não somente entre duas línguas, mas entre dois contextos socioculturais distintos, os quais tentei representar nas traduções das cartas que apresentei aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Traduzir é conviver.”
(João Guimarães Rosa)

A presente pesquisa foi desenvolvida com o objetivo principal de se proceder a uma tradução comentada das cartas trocadas por Virginia Woolf e Lytton Strachey. Desse modo, além de contribuir mesmo que timidamente para os estudos da tradução e para os estudos literários, viso tornar acessível para aqueles que não dominam a língua inglesa, uma porta para vasta epistolografia woolfiniana e stracheyana.

Defendo ao longo da minha pesquisa a relevância dos estudos que tomam como objeto de investigação as escritas de si, especificamente aqueles trabalhos que se dão no campo de análise da epistolografia, tendo em vista que a troca de cartas entre duas pessoas, por exemplo, pode se constituir como um manancial de informações capaz de contribuir para a compreensão de um determinado período histórico. Nesse sentido, quando a troca de cartas se dá entre dois grandes nomes do período modernista, como Virginia Woolf e Lytton Strachey, muito há que se apreciar, uma vez que sua contribuição para as artes produzidas do na mudança do século XIX para o século XX é de inquestionável valor.

Ao se considerar a riqueza da correspondência dos dois autores, muito do que ali está registrado pode ser tomado como objeto de pesquisa sob os mais variados pontos de vista. No meu caso, optei por fazer uma tradução comentada das trinta e quatro cartas que selecionei do livro *Virginia Woolf & Lytton Strachey: Letters*, publicado no ano de 1956, contendo cento e seis cartas trocadas entre Virginia Woolf e Lytton Strachey durante o período que vai de 1906 a 1931. Desse modo, o primeiro passo na seleção do *corpus* foi definir qual o melhor recorte para analisar a epistolografia dos escritores. Logo, fiz algumas leituras do volume em questão e ao perceber os questionamentos, interesses e leituras literárias que eram compartilhadas naquele espaço, optei por uma seleção que contemplasse os anos iniciais da vida adulta de Woolf e Strachey. Woolf tinha apenas vinte e quatro anos quando escreve para Strachey, então com vinte e seis anos. Os dois já se conheciam previamente das reuniões que o irmão de Woolf, Thoby Stephen (como exposto no segundo capítulo, p. 34) promovia, ambos compartilham o mesmo entusiasmo pela escrita enquanto profissão e estavam interessados em discutir as mudanças socioculturais que a virada do século trazia prometia.

O recorte feito, não visa conter a totalidade do conteúdo das missivas dos dois escritores, sendo uma escolha pessoal e, quiça, um estímulo para que outras traduções e

pesquisas surjam a partir da epistolografia de Woolf e Strachey. Após a decisão do recorte, o próximo passo do processo pré-tradutório dos textos de partida foi recorrer a fontes biográficas acerca dos dois autores para compreender mais amplamente as vicissitudes de cada um. Para tanto, também estudei perfis biográficos das demais figuras históricas que são citadas nas missivas, buscando informações sobre os livros mencionados pelos dois autores, fazendo a leitura de textos escritos por Strachey e Woolf, tais como as resenhas que ambos publicaram no período de 1906 a 1912 com o objetivo de identificar as marcas de seus estilos literários e demais informações relevantes à constextualização das missivas. Essas leituras permitiram a elaboração de notas prévias que durante o efetivo processo de tradução foram incorporadas às notas de rodapé, que acompanham as cartas traduzidas constituintes do terceiro capítulo dessa dissertação (p. 41-93).

O processo tradutório *per se*, foi norteado pelas questões da linguagem utilizada, a verificação das variantes empregadas nas missivas e o registro predominantes dos escritores, bem como o que foi postulado por Schleiermacher (2010), sobre a decisão, enquanto tradutor, de levar texto ao leitor ou levar o leitor até o texto; por Berman (2002, 2013), acerca da aproximação do texto traduzido ao leitor, por Britto (2012), sobre a construção da confiança do leitor no texto traduzido; por Levý (2000), sobre como se dá o processo de tomada de decisão, entre outros teóricos que são devidamente explicitados no capítulo 4 (p.94-111).

Assim sendo, o cerne da minha pesquisa se estrutura basicamente em três capítulos que abrangem desde a contextualização histórica do período no qual os dois autores se inserem, até a tradução das cartas mencionadas e, conseqüentemente, o capítulo no qual teço considerações acerca da tradução feita. No que diz respeito aos caminhos percorridos como suporte aos comentários que procedo, tomei basicamente a cultura como elemento basilar, uma vez que, como já tive a oportunidade de afirmar, a correspondência em análise é recheada de elementos indicativos da cultura universal que se tornaram referências para a compreensão de cultura no século XX, principalmente naquilo que concerne a determinadas questões acerca da estética literária.

Mas qual seria a relevância de se traduzir as missivas trocadas por Virginia Woolf e Lytton Strachey no atual contexto sociocultural? Muitas podem ser as respostas para um questionamento nesse sentido. Contudo, acredito que a humanidade só se referenda existencialmente quando se expressa por intermédio da linguagem, pois é a linguagem, tecida por palavras, que constitui o léxico como registro do conhecimento universal e, conseqüentemente a elevação do ser humano. Assim sendo, traduzir parte da correspondência

de Woolf e Strachey implicou também em se apreender os debates culturais em ebulição na Europa, especificamente aqueles que se deram no nascedouro daquilo que se convencionou chamar de Modernismo.

Desse modo, quando me propus a desenvolver uma pesquisa tomando como objeto de investigação a correspondência de Woolf e Strachey levei em consideração a lacuna que existe nos estudos desenvolvidos no campo da tradução acerca do uso da epistolografia como objeto de pesquisa e, nesse meio, a lacuna que consiste na ausência de traduções das cartas de Virginia Woolf e Lytton Strachey. É sob esse ponto de vista que considero minha pesquisa de relevante interesse para a compreensão da identidade cultural modernista através dos assuntos discutidos e comentados pelos dois missivistas em questão.

Nesse sentido, acredito que o lugar desse trabalho seja ao lado de outras pesquisas que, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – POET, da Universidade Federal do Ceará, têm a incumbência de trazer para o português brasileiro, textos epistolográficos que, por terem sido escritos em outras línguas, ainda não estejam ao alcance da sociedade como um todo. Dessa forma, reitero a importância de se estudar não apenas a correspondência de Virginia Woolf e Lytton Strachey, como também seus diários, biografias e toda a sorte de material de cunho pessoal, por entender tratar-se de matéria literária e registro de épocas, estéticas e estilos.

O trabalho que aqui apresento, deixo claro, contém certas limitações, tendo em vista a necessidade do recorte que a pesquisas exige, ou seja, no desenrolar desse trabalho não pude discorrer acerca da posição da mulher na sociedade britânica no período do qual trato. Virginia Woolf, por seu poder aquisitivo e posição social, se consiste em exceção. Nos mesmos moldes, não pude mergulhar nas questões de gênero e identidade que tanto saltam aos olhos daqueles que se dedicam a estudar o Círculo de Bloomsbury e que, mesmo que indiretamente, habitam as cartas das quais tratamos aqui. As limitações dessa pesquisa também se estendem à impossibilidade de se discorrer específica e detalhadamente acerca do estilo de escrita dos dois autores, o que por si só já resultaria em uma outra pesquisa.

No entanto, se por um lado o que acabo de elencar possa ser considerado como “limitações”, por outro se apresentam como indicativos de desenvolvimento e continuidade de futuros trabalhos que venham a ser elaborados a partir da epistolografia de Woolf e Strachey ou de um deles para com outros destinatários sob a luz dos estudos da tradução. No que concerne aos possíveis usos dessa pesquisa, aponto que em seu todo ou em parte possa ser

utilizada em sala de aula, tanto no Ensino Médio quanto no ensino superior e em cursos livres de língua e tradução, com o objetivo de se discutir cultura geral, história, escrita, leitura, literatura e tradução. Embora trate-se de uma pesquisa que resulta em uma tradução comentada de cartas, defendo que há nesse trabalho um aspecto pluridisciplinar, capaz de se adequar a diferentes formas de usos e aplicações se posto em conexão com outros campos do conhecimento.

Ao caminhar para o fechamento dessas considerações, preciso deixar claro que a tradução comentada das cartas de Virginia Woolf e Lytton Strachey é apenas um estudo em meio a uma infinidade de possibilidades de investigações que podem ser desenvolvidas a partir desse objeto de pesquisa e que tampouco esgotei o potencial a ser explorado na epistolografia dos referidos escritores. Destarte, espero que a tradução do corpus em questão para o português brasileiro possa contribuir para o surgimento de outras pesquisas no campo dos estudos da tradução, notadamente da epistolografia em língua inglesa, bem como nos demais campos de estudo, contribuindo assim para a compreensão e elevação do ser humano por intermédio da linguagem e da cultura.

REFERÊNCIAS

- ABES, Gilles Jean. **Reflexos de um vitral partido sobre um mito**: Tradução da correspondência de Charles Baudelaire de 1832 a 1842. Orientadora: Dra. Marie-Hélène Catherine Torres. 2011. 205p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2011.
- ALMEIDA, Vanessa Silva. **Lamento e Luto na Tradução de Suplicantes de Eurípides**: Vanessa Silva Almeida; Orientador: Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo . 2017. 209f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação Estudos da Tradução, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.repositoriobib.ufc.br/00003b/00003ba0.pdf>>. Acesso em: 10 de agosto de 2017.
- ANDRADE, Adriana Aikawa da Silveira. **Cartas de Roma (1822-1823)**: Tradução comentada das missivas de giacomo leopardi para o português. Orientadora: Andreia Guerini. Florianópolis, SC, 2015. 444p. Tese.
- ANDRADE, Mário de. **Cartas a Murilo Miranda**. São Paulo: Nova Fronteira, 1981.
- ARAÚJO, Francisco Jardes Nobre. **A variação te/lhe em cartas pessoais de cearenses no século XX**. 151 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2014.
- ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica**: teoria e método. São Paulo: Edusc, 2006.
- AQUINO, Gabriel Eleres de; ALMEIDA, José Carlos Silva de. A amizade nas cartas a Lucílio de Sêneca. 81f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Fortaleza, 2016. Disponível em: <<http://www.repositoriobib.ufc.br/00002b/00002b16.pdf>>. Acesso em: 10 de março de 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**: A teoria do romance. 6. ed. São Paulo, Hucitec, 2010.
- BAZERMAN, Charles. Letters and the Social Grounding of Differentiated Genres. *In*: BARTON, David; Hall, Nigel (eds.). **Letter writing as a social practice**. Amsterdam: Benjamins Company, 1999, p. 1-14.
- _____. Introduction. *In*: BARTON, David; Hall, Nigel (eds.). **Letter writing as a social practice**. Amsterdam: Benjamins Company, 1999, p.15-29.
- BEDRAN, Marina Miguel. **Caminhos cruzados**: a correspondência entre Henry James e Robert Louis Stevenson. Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo, 2012. 162p.
- BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor - quatro traduções para o português**. Edição organizada por Lúcia Castello Branco. Traduções de Fernando Camacho, Karlheinz Barck, Susana Kampff Lages, João Barrento. Belo Horizonte: FALE / UFMG, 2008.
- BERMAN, Antoine. **A Prova do Estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica:

Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Holderlin. Tradução Maria Emília Pereira Chanut. São Paulo: EDUSC, 2002.

_____. **A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo.** Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2 ed.. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET / UFSC, 2013.

BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. **Cartas literárias:** (questionamentos e comentários a propósito da contribuição crítica e ficcional de Adolfo Caminha) . 2004. 304f. ; Dissertação (Mestrado) em Letras. Universidade Federal do Ceará, 2004. Odalice de Castro e Silva (orientador).

BOHRER, Andréa Luciane Buch. **Tradução comentada de uma seleção de cartas de Edward Lear:** outro olhar sobre o autor do Livro de Nonsense. [dissertação] Orientadora: Dirce Waltrick do Amarante – Florianópolis, SC, 2015. 222 p.

BRADBURY, Malcolm. **O mundo Moderno:** dez grandes escritores. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução Literária.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BURGESS, Anthony. **A literatura inglesa.** São Paulo: Ática, 2006.

BURKE, Peter; HSIA, Ronnie Po-chia (eds). **Cultural Translation in Early Modern Europe.** New York: Cambridge University Press, 2007.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *In: Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 43-58, jul. 1998. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2071/1210>>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

CUTTS, Martin. **Oxford Guide to Plain English.** 4th edition. New York: Oxford University Press, 2013.

CUNHA, Gualter. Introdução. *In: A Terra Desvastada.* Tradução Gualter Cunha. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1999, p. 7-15.

DECKER, William Merrill. **Epistolary Practices:** Letter Writing in America Before Telecommunications. North Carolina: University of North Carolina Press, 1998.

DOSSENA, Marina; Camiciotti, Gabriella Del Lungo (eds). **Letter Writing in Late Modern Europe.** Amsterdam (NL)-Philadelphia (PA): John Benjamins, 2012.

DUARTE, Denísia Kênia Feliciano; PONTES, Valdecy de Oliveira. **O ensino dos pretéritos em espanhol para brasileiros a partir de contos:** a tradução da variação linguística como estratégia didática . 2017. 242f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.repositoriobib.ufc.br/000032/00003280.pdf>>. Acesso em: 10 de agosto de 2017.

ELIOT, T. S. **A Terra Devastada**. Tradução Gualter Cunha. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010, p. 623.

FERREIRA, Laura Cristhina Fiore. **La Chiara Fama**: Tradução comentada de cartas selecionadas de Giuseppe Ungaretti Leone Piccioni. Orientadora: Lucia Wataghin. – São Paulo, 2017, USP (Dissertação de Mestrado).

FREUD, SIGMUND. A Interpretação dos Sonhos vol. I (1900). *In*: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** Volume IV. Imago, 2017. Livro digital. ASIN B011A0ARLK.

GASTAUD, Carla Rodrigues. **De correspondências e correspondentes**: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950; Orientador: Maria Stephanou. – Porto Alegre, 2009. 246f.

GAY, Peter. **Modernismo**: o fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GOMES, Antônio Bôsko Luna. **A emergência do gênero carta**. Fortaleza, CE, 2002. 124fl. Dissertação (Mestrado) em linguística - Universidade Federal do Ceará, 2002. Maria Elias Soares (Orientadora).

GOMES, Ângela de Castro. A título de um prólogo. *In*: _____ (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Tradução / interpretação: versões de um mesmo e (e)terno texto. *In*: **Sobre discurso e tradução** (orgs.). Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET / UFSC, 2014, p. 27-48.

HEIDERMANN, Werner; WEININGER, Markus J. (Orgs.). **Wilhelm von Humboldt: linguagem, literatura e bildung**. Florianópolis: UFSC, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX. Trad. Marcus Santarrita, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. *In*: **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1991, p.63-72.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KARAS, Hilla. Le statut de la traduction dans les éditions bilingues: de l'interprétation au commentaire. *In*: Palimpsestes, Paris, n. 20, p. 1-13, 2007. Disponível em: <<http://palimpsestes.revues.org/59>>. Acesso em: 10 julho de 2017.

KUKIL, Karen V. "Teaching the Material Archive at Smith College". *In*: _____. **Woolf in the Real World**: Selected Papers from the Thirteenth International Conference on Virginia Woolf, edited by Karen V. Kukil (Clemson, SC: Clemson University Digital Press, 2005), x, 222 pp. ISBN 0-9771263-2-3.

LEFEVERE, André. **Translation, rewriting & the manipulation of literary frame**. London and New York: Routledge, 1992.

_____. **Translation History Culture: a sourcebook**. London: Routledge, 1992.

LEVÝ, Jiří. Translation as a Decision Process. *In*: VENUTI, Lawrence. ed. **The Translation Studies Reader**. London and New York: Routledge, 2000.

_____. **The Art of Translation**. Translated by Patrick Corness. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. Tomo 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

_____. **A barca de Gleyre**. Tomo 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964.

LOPES, Ana Keyla Carmo. **A natureza multimodal de uma constelação de gêneros cartas**. 2013. 261f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2013.

MONTEIRO, Caroline Feital. **Tradução para o Português de Queen Victoria in Her Letters and Journals de Christopher Hibbert**. 2014. 298 f., il. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MORELLO, Ruth; MORRISON, A.D. (eds). **Ancient Letter**. Classical and Late Antique Epistolography. Oxford: Oxford University Press, 2007.

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1970.

PEREIRA, Isidoro. **Dicionário de grego-português e português-grego**. Braga: Apostolado da Imprensa, 1998.

PEREIRA, Livya Lea de Oliveira; PONTES, Valdecy de Oliveira. **A tradução de textos teatrais como recurso didático para o ensino da variação linguística no uso das formas de tratamento em espanhol a aprendizes brasileiros**. 2016. 316f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2016. Disponível em: <<http://www.repositoriobib.ufc.br/00002d/00002d1a.pdf>>. Acesso em: 10 de março de 2017.

REBELO, António Manuel Ribeiro. **Tipologia da epistolografia ciceroniana**. Boletim de Estudos Clássicos, nº 37, 2002, pp.33-36

REISS, Katharina. **Translation Criticism – The Potentials and Limitations**. Translated by Erroll F. Rhodes. London and New York: Routledge, 2014.

RIBEIRO, Rodrigo Alves; RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Releve, pois, a falta de minhas respostas... : interfaces entre as cartas e os livros de Gilberto Freyre [1933-1978]**. 2015. 418f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.repositoriobib.ufc.br/00002d/00002d84.pdf>>. Acesso em: 10 de março de 2017.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução e prefácio de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ROCHA, André. **A epistolografia em Portugal**. 2. ed. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. **Escola de tradutores**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2005.

SCHLEIERMACHER, FRIEDRICH DANIEL ERNST. Sobre os Diferentes Métodos de Tradução. Tradução: Celso R. Braida. *In*: HEIDERMANN, Werner (org.). **Clássicos da teoria da tradução**. 2ª edição. Florianópolis: UFSC, 2010, p. 39-100.

SINCLAIR, John. **Corpus, Concordance, Collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SILVA, Rafael Ricarte da. **Bastidores da escrita da história**: a amizade epistolar entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo (1916-1927). 2016. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2008.

Disponível em:

<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3344/1/2008_Dis_PVPBatista.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2017.

SOARES, Fabiana Regina da Silva. **Tradução comentada de cartas de Byron para e sobre Madame de Stäel** [dissertação]. Orientadora, Marie-Hélène Catherine Torres. – Florianópolis, SC, 2010. 151 p.

SOTO, Ucy. **Cartas através do tempo**: o lugar do outro na correspondência brasileira. Niterói: EdUFF, 2007.

SOUSA, Antonio Marcos Cabral de; GUTIERREZ, A. P. **Alencar**: a nação em cartas . 2010. 124f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2010. Disponível em:

<<http://www.repositoriobib.ufc.br/000034/0000345f.pdf>>. Acesso em: 10 de março de 2017.

STRACHEY, Jean; WOOLF, Leonard. Preface. *In*: STRACHEY, Jean; WOOLF, Leonard **Virginia Woolf & Lytton Strachey: Letters**. London: The Hogarth Press Ltd & Chatto & Windus Ltd, 1956.

_____. **Virginia Woolf & Lytton Strachey: Letters**. London: The Hogarth Press Ltd & Chatto & Windus Ltd, 1956.

TRAKL, Georg. **De profundis e outros poemas**. Tradução Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 2010.

VASCONCELLOS, Eliane. Intimidade das correspondências. *In*: **TERESA** Revista de

Literatura Brasileira/área de Literatura Brasileira, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, n. 8/9, p. 372-389, 2008.

VENUTI, Lawrence. **The Translation's Invisibility: A History of Translation.** London: Routledge, 1995.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The Map: a beginner's guide to doing research in Translation Studies.** Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

WILLIAMS, Raymond. The Bloomsbury fraction. *In: **Culture and Materialism: selected essays.*** London: Verso Editions, 1980, p. 148-169.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas.** Tradução Marcos G. Monyagnoli. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

WHITMAN, Walt. Slang in America. *In: **November Boughs.*** Philadelphia: David Mckay, 1888, p. 68-72.

WOOLF, Leonard. **Beginning again: An Autobiography Of The Years 1911-1918.** London: The Hogarth Press, 1972.

WOOLF, Virginia. Modern Fiction. *In: **The Common Reader.*** First Series. London: Hogarth Press, 1925, p. 83-87.

_____. On Not Knowing the Greek. *In: **The Common Reader.*** First Series. London: Hogarth Press, 1925, p. 17-25.

_____. **The Letters of Virginia Woolf.** Volume I: 1888 - 1912. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1978.

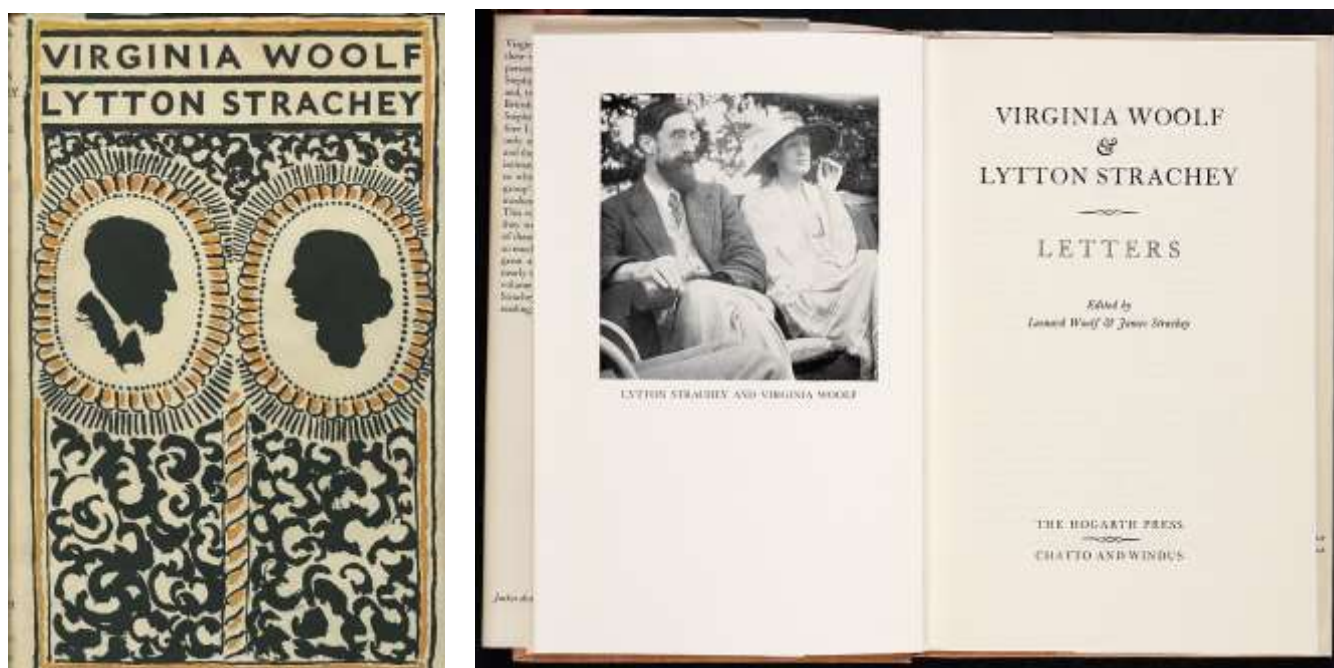
_____. **The Letters of Virginia Woolf.** Volume II: 1912 - 1922. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1979.

_____. **The Letters of Virginia Woolf.** Volume III: 1923 - 1928. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1980.

_____. **The Letters of Virginia Woolf.** Volume IV: 1929 - 1931. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1981.

_____. **A Passionate Apprentice: The Early Journals 1897-1909.** *In: **Virginia Woolf: The Complete Collection.*** Edição do Kindle.

ANEXOS

ANEXO A – LIVRO VIRGINIA WOOLF & LYTTON STRACHEY: LETTERS

Fonte: arquivo pessoal da autora.

Capa e folha de rosto do livro *Virginia Woolf & Lytton Strachey: Letters* (1956), editado por James Strachey e Leonard Woolf, principal fonte de consulta do processo tradutório das cartas neste trabalho.

ANEXO B – VIRGINIA WOOLF E LYTTON STRACHEY

Fonte: National Portrait Gallery, London 2003.

ANEXO C – CASAS NO BAIRRO BLOOMSBURY



Fonte: London Remembers website, 2017.



Na foto lê-se: “Durante a primeira metade do século XX, aqui e em casas vizinhas, moraram diversos membros do Grupo Bloomsbury, incluindo Virginia Woolf, Clive Bell e os Stracheys”.

ANEXO D – 29 FITZROY SQUARE

Fonte: London Remembers website, 2017.

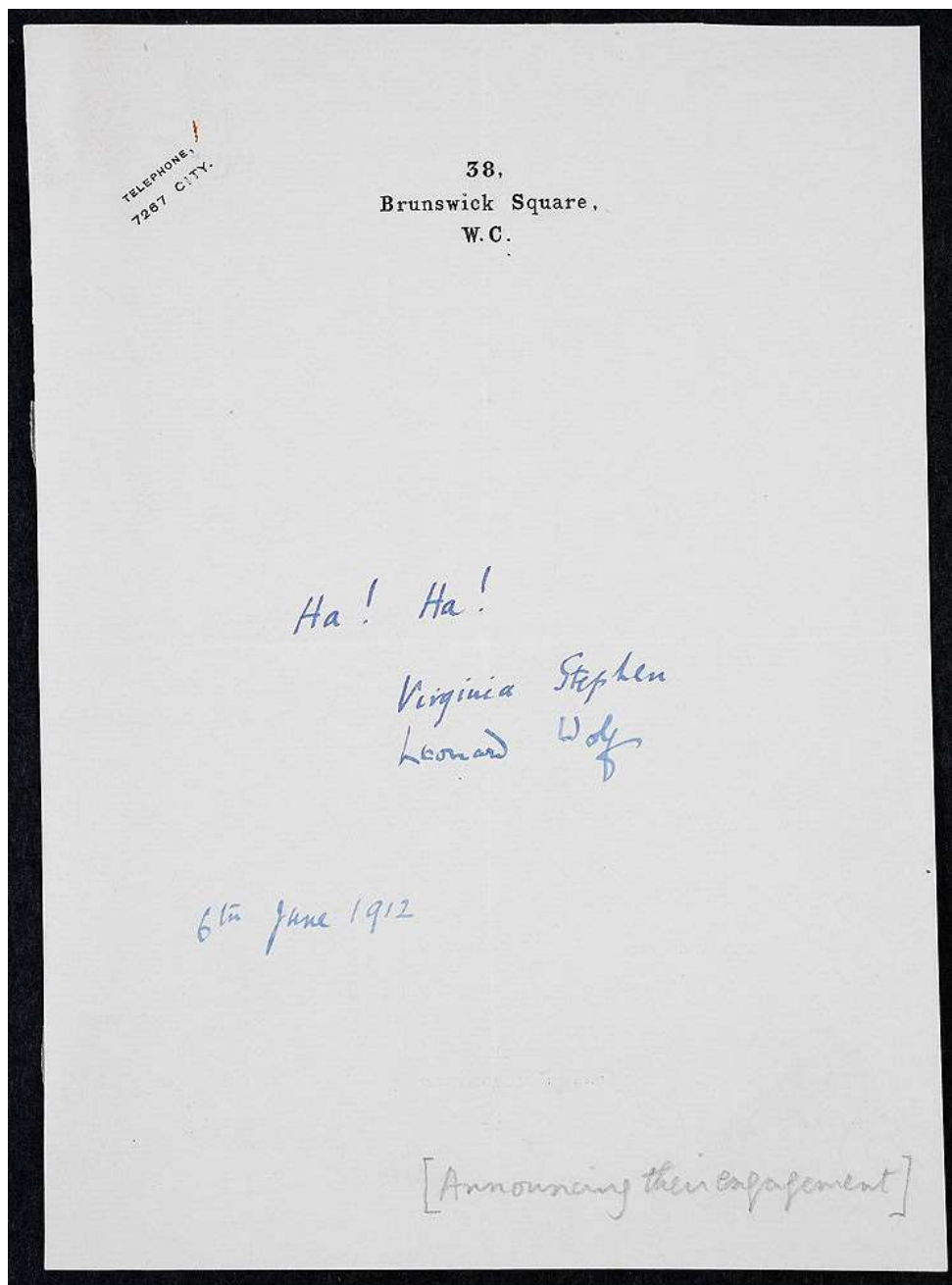
Na foto lê-se: “Morou aqui entre 1907 e 1911 a romancista e crítica Virginia Stephen (Virgina Woolf) 1882 – 1941”. Entretanto, de acordo com o censo britânico de 1911, somente Adrian e Virginia moravam nesta residência – Thoby morreu de tifo em 1906 e Vanessa casou-se com Clive Bell em 1908, mudando-se para outra casa.

ANEXO E – 51 GORDON SQUARE

Fonte: London Remembers website, 2017.

Na foto lê-se: “Morou aqui o crítico e biógrafo Lytton Strachey (1880-1932)”.

**ANEXO F – CARTA ENVIADA POR VIRGINIA WOOLF A STRACHEY
ANUNCIANDO O NOIVADO COM LEONARD WOOLF**



Fonte: Smith College website (Exposição online “A Pen and a Press of Her Own”) 2017.

ANEXO G – HOGARTH HOUSE



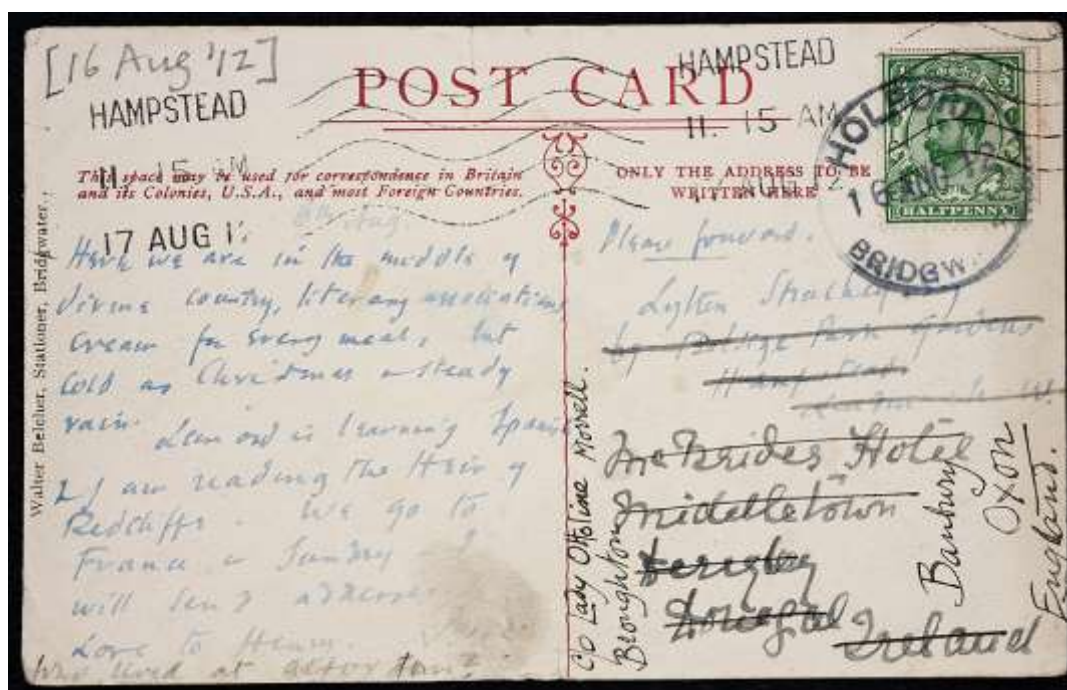
Fonte: London Remembers website, 2017.

Na foto lê-se: “Nesta casa Leonard e Virginia Woolf moraram entre 1915 e 1924, e fundaram a Hogarth Press em 1917”.

ANEXO H – PRIMEIRO POSTAL ENVIADO POR VIRGINIA WOOLF A STRACHEY APÓS O CASAMENTO COM LEONARDO WOOLF



Frente



Verso.

Fonte: Smith College website (Exposição online “A Pen and a Press of Her Own”) 2017.

A tradução desse postal encontra-se na p. 93 da presente dissertação.